



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A GALERA DO XARPI CARIOCA

JONES VIEIRA DA COSTA

Orientadora: Professora Doutora Janice Caiafa

Rio de janeiro

2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A GALERA DO XARPI CARIOCA

Monografia submetida à Banca de
Graduação como requisito para
obtenção do diploma de
Comunicação Social - Jornalismo

JONES VIEIRA DA COSTA

Orientadora: Profa. Dra. Janice Caiafa

Rio de janeiro

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

VIEIRA, Jones
A Galera do Xarpi Carioca

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –
ECO.

Orientadora: Profa. Dra. Janice Caiafa

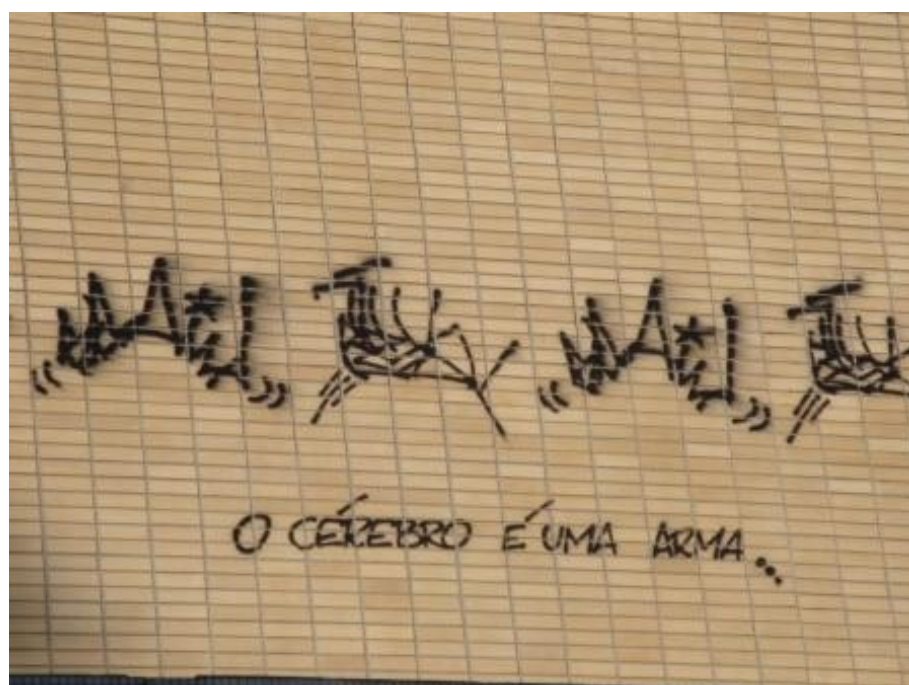
VIEIRA, Jones. **A Galera do Xarpi Carioca**. Orientadora: Janice Caiafa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia de Jornalismo.

RESUMO

“A Galera do Xarpi Carioca” apresenta características de etno-reportagem. Nela, estuda-se o fenômeno da pichação na região metropolitana do Rio de Janeiro, sem se prender a uma narrativa histórica, mas focando na análise e descrição (1) dos elementos que compõem tal universo; (2) das estratégias e espaços de comunicação usados pelos pichadores; e (3) das caracterizações midiáticas e acadêmicas sobre a pichação. O trabalho, elaborado a partir de dados empíricos obtidos em trabalho de campo e da leitura e compreensão de artigos, teses e material jornalístico, tem no seu desfecho uma comparação entre a trajetória do graffiti e da pichação.

Palavras chave: comunicação visual, espaço urbano, pichação, juventude.

Agradeço
A Deus, Nossa Senhora, familiares,
professores, amigos
e a você que se prepara para viajar por este universo.



SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
2 - ELEMENTOS DA PICHACÃO	13
2.1 A missão. O SHOW ESTÁ APENAS COMEÇANDO	15
2.2 A Transgressão. DISPOSIÇÃO P/ O MAL E P/ O BEM!	19
2.3 A adrenalina. O VÍCIO É CRUEL	22
2.4 A fama. ESSA É A NOSSA META	26
2.6 A morte. ENTRE O SUCESSO E A LAMA	35
2.7 Amizades, rivalidades, ratações e atropelos. NA VIDA A GENTE VALE O QUE TEM	41
2.8 Humildade e ética. O MELHOR É SER HUMILDE	44
2.9 As mulheres pichadoras. BRINCAMOS DE HOMEM ARANHA	46
2.10 Confronto de Gerações. ANTIGUIDADE NÃO É QUALIDADE	54
2.11 Identidades. O NOME NÃO PODE SUPERAR O HOMEM	55
3 - OS ESPAÇOS DE COMUNICAÇÃO DO XARPI CARIOCA	61
3.1 Os nomes. QUE O MUNDO VEJA!	61
3.2 A escrita e a leitura. ATÉ ANALFABETO LÊ	65
3.3 As siglas. NADA COMO UM OMBRO AMIGO	69
3.4 As frases. QUEM NÃO VÊ TÁ CEGO	72
3.5 A língua do TTK. GERANDO COMENTÁRIOS	83
3.6 As Reuniões. A PRAÇA É NOSSA!	84
3.7 Xarpi Virtual. ENQUANTO VOCÊ DORMIA	90
3.8 A cidade. MARCANDO OS CAMINHOS POR ONDE JÁ PASSEI	97
4 - RELAÇÕES COM A MÍDIA	101
4.1 A mídia. QUANDO O TUDO SE RESUME A ISSO	106
4.2 A galera do xarpi como tribo urbana. DENTRO DA SUA MENTE	112
4.3 A galera do xarpi sob a ótica de outros conceitos. QUEM NÃO TEM COLÍRIO USA ÓCULOS ESCUROS	119
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121

Introdução

Temas polêmicos são perigosos. Revestem-se de uma aparente facilidade: basta escolher os argumentos e partir para o duelo, condenar ou defender, conforme um tribunal com réus e vítimas e o olhar superior do juiz, que, ao fim de tudo, irá proferir a sentença, favorável a apenas um dos pólos em disputa. A pichação¹ é um desses temas polêmicos. Quem a condena diz fazer em nome da sociedade, reportando em seu discurso desde o dano ao patrimônio privado ou público até o rebaixamento da ordem urbana. Por sua vez, quem a defende costuma aclamar os direitos de livre expressão. Ambas as partes podem reproduzir simplificações e pré-conceitos, tapar os olhos para o contraditório, iluminando apenas aquilo que bem os interessa. E, nesse jogo, ficar ao centro é estar num movimento de equilíbrio, com idas e vindas, suspiros e sustos.

A idéia do tema surgiu, porventura, quando seu autor estava na porta de uma *lan house*. Aproximou-se um rapaz de 18 anos, extremamente cansado. Sentou-se no meio-fio e, sem receios, revelou-se um pichador. Acabara de vir de uma “missão”, como é chamada a saída para pichar. Guardou as luvas usadas para subir muros, limpou os dedos na mochila e retirou desta uma pasta na qual coleciona o “nome” dos amigos - marca que cada pichador cria para ser identificado. Começou a contar histórias de acidentes e aventuras, das estratégias para se livrar da polícia e dos moradores, da preocupação em ser reconhecido pelos pares. Parecia narrar um universo fascinante, que não se resumia a simples traços desenhados em paredes, mas que, na verdade, continha em seu interior inúmeros elementos.

Iniciamos, então, uma vasta pesquisa sobre este mundo. Foram entrevistados pichadores, alguns menores de idades na época, como “Fink” e “Talibã”; moradores não apenas do Rio de Janeiro, da Zona Sul a Norte, mas também de cidades vizinhas, como Duque de Caxias e São Gonçalo. É difícil delinear o perfil deste grupo, extremamente heterogêneo, sobretudo no que diz respeito à renda. Há neles estudantes universitários, como “Ned” e “Daman”, trabalhadores autônomos, como “Nuno”, e trabalhadores formais, como “Goaboy”. Os mais jovens geralmente dependem da “mesada” dos pais ou de pequenos serviços remunerados para cobrir as despesas com tintas e birros. O anonimato deles é imprescindível. Por isso, nomes completos, idades, endereço exato,

¹ A pichação estudada neste trabalho não engloba mensagens religiosas, de grupos partidários ou sindicais. Pichações em banheiro, cadeiras escolares, mesas, poltronas de ônibus, bancos de praça etc. também não constituem objeto de estudo do presente trabalho, embora, porventura, possam ser citadas.

nada disso constará neste trabalho. As entrevistas se deram ao vivo, pelo telefone ou via internet. Foram ouvidos também pesquisadores sobre o assunto, como Gustavo Coelho e Tribo, além do lendário Celacanto, um dos pioneiros do xarpi carioca.

Analizamos com minúcias todo o material produzido por pichadores, seja nas ruas, seja na web: frases, reuniões, vídeos, músicas, programa de rádio, comunidades no Orkut, chats, blogues, fotologs, sites. Recortes de jornais e revistas e documentários produzidos nos anos 90 serviram como ponte entre o xarpi do passado e o atual. Ademais, uma bibliografia extensa forneceu subsídios para entender melhor todos os elementos presentes nesse universo, desde o significado das inscrições marginais até as questões de identidade, passando pela intervenção na paisagem urbana. Cada subtítulo será iniciado por uma frase pichada nos muros das cidades. Já na passagem de um sub-capítulo para outro, haverá um parágrafo, em itálico, cujo conteúdo serve como link entre os temas.

Pichações são palavras cifradas, que ganham a forma de desenho ou rabisco nos muros das casas e dos prédios das cidades, nas pontes e viadutos, além dos banheiros públicos, bancos de praça carteiras e paredes escolares etc. Pichar, no vocabulário de quem o pratica, significa “colocar nome, deixar a assinatura, fazer letra”. O “ch” geralmente é substituído pelo “x”. A pichação carioca difere da de outras cidades, principalmente, pelos traços curvos (em São Paulo, predomina o reto), e pelo comportamento, com a violência passando a se concentrar apenas na forma simbólica, como será visto adiante. “Xarpi” é a inversão das sílabas da palavra pixar. É usada em inúmeras situações, passando por diferentes classes gramaticais e funções sintáticas. “Fulano xarpi”. “Beltrano é xarpi”. “Meu xarpi ficou show hoje”. “Ele está xarpindo”. “Que xarpida maneira”.

A pichação carioca tem como precursor um jovem universitário, morador da Zona Sul, que, nos anos 70, espalhou pelos muros da cidade a frase “Celacanto provoca maremoto”, extraída de um episódio da série japonesa de TV “National Kid”. A mensagem viajou para outras cidades e países, sempre carregando consigo o enigma de seu real significado. Será um grito contra a ditadura? Seriam indicações de pontos de vendas de drogas? Ou o anúncio da chegada do fim dos tempos? Nada disso, era apenas uma brincadeira de fã. Seu autor é o hoje jornalista Carlos Alberto Teixeira que, por causa da criatividade, chegou a realizar alguns trabalhos como grafiteiro. “Celacanto e Lerfá Mu [outra pichação famosa na época] não eram muito diferentes dos



pichadores atuais. Emporcalhávamos a cidade e agredíamos o visual. Sim, divertíamos-nos muito com isso, mas para a comunidade urbana era algo ruim” (Carlos A. Teixeira ou Celacanto, em entrevista).

Este trabalho pende para o lado da etno-reportagem. Pode-se dizer que o ato de reportar avança para outras dimensões quando se alia à investigação e à escritura etnográfica. E o leva a refletir sobre os desafios - o estranhamento e a “simpatia” - de se falar sobre o “outro” para um “alguém”. Estranhamento significa uma “abertura de pensamento” oferecida ao leitor para que ele pense junto com o pesquisador. “A atitude etnográfica constrói esse impulso do pensamento, esse questionamento de idéias dominantes que tendem a ser aceitas e de que só é possível duvidar com um empenho”. “Simpatia”, não confundir com o “leve sentimento de estima”, é o “afeto que nos permite entrar em ligação com os heterogêneos que nos cercam, agir com eles, escrever com eles”, proporcionando um “corpo-a-corpo”, algo que não existe na identificação e na distância, “duas armadilhas” que subtraem a alteridade ao “levar ao contágio com o outro” ou ao imprimir “um olhar científico asseptizado”. (CAIAFA, 2007: 152, 174).

Não se explorou à exaustão nestas páginas, por suas características e limitações, todo o arsenal de pesquisa, trabalho de campo e escritura que a etnografia oferece. A “viagem” por esta “atividade vigorosa” foi tímida (CAIAFA, 2007:140). Ao menos, espera-se que tenha contribuído para que a pichação seja vista como uma caixa de Pandora, a ser aberta e descrita, e a pautar relações, reflexões, visões, nos momentos de entrevistas com pichadores, da análise de vídeos e músicas, da descrição dos pontos contraditórios, de leitura dos materiais fabricados por eles e na hora de observar o conflito que travam com a sociedade. Também pode ter contribuído para perceber o quanto é difícil criar um texto em que a linguagem “deixa-se afetar, ‘enxamear’ pelas palavras do outro e fala de alguma forma junto com ele, embora suas vozes se distingam” (CAIAFA, 2007:168). Investir na “atitude etnográfica” talvez seja o caminho para a produção de abordagens menos “acríticas e celebradoras em relação a manifestações culturais juvenis on-line e off-line” e de estudos com menos “acertos alvissareiros” e “pontos cegos”. (FREIRE FILHO, 2007:172).

A princípio, a pichação poderia ser vista como um texto. Mas “a noção de que as culturas são textos a serem interpretados pelo etnográfico confere a ele uma enorme autoridade como decifrador e hipertrofia sua presença no texto etnográfico”. Suas convicções, assim, tendem a minimizar outras vozes e acontecimentos. Para que estes elementos predominem, deve-se então abandonar o “eu” (CAIAFA, 2007:158). A galera do

xarpi passou a ser vista assim como um ethos, mais um entre tantos que existem na cidade. Uma espécie de conjunto de características culturais e sociais, de traços singulares, de costumes, de atitudes próprias, que dão a um grupo uma identidade social, fazendo-o, simultaneamente, se individualizar e se distinguir dos outros. Dizer que o xarpi é um ethos significa ver nele valores e contra-valores. Coisas boas e coisas más. A moral aplica leis, normas e punições sobre estes contra-valores. E a ética, que se coloca entre essas duas instâncias, age sobre o juízo, mostrando-lhes possíveis saídas, dizendo-lhe se isto é correto e aquilo, errado, embora tais conceitos recebam sempre a influência de convicções pessoais.

O estudo deste ethos teve como principal armadilha a subjetividade do grupo. Os pichadores vêem de diversas maneiras um mesmo horizonte. Nada que análises mais profundas não resolvessem. No capítulo 1, a investida sobre o objeto começa com a “**Missão**”, o grande ato do pichador. Passa pela “**Transgressão**” e pela “**Adrenalina**”, dois importantes personagens deste universo. Chega à “**Fama**”, a meta da maioria dos pichadores. Observa o debate entre eles e a “**Sociedade**” e a atuação do “**Poder Público**”. Esbarra na “**Morte**”, que é, às vezes, consequência da ousadia. Entra numa rede social tramada pelas “**Amizades**”, na qual a “**Humildade**” surge para conter os sobressaltos da fama, instaurando uma ética de grupo. E neste grupo, ainda encontra as “**Mulheres Pichadoras**”, que dão leveza ao movimento, e os “**jovens intermináveis**” que, ao voltarem às ruas depois de anos de aposentadoria, insinuaram um “**Confronto de Gerações**”. Essa primeira parte fecha com reflexões acerca da crise de “**Identidade**”, dos múltiplos papéis sociais desempenhados pelos pichadores.

Adiante, no capítulo 2, desvelam-se as minúcias contidas por trás da escolha do “**Nome**” de pichador, da criação das “**Siglas**”, que se assemelham aos times de futebol, e das famílias. E descobrem-se singularidades na “**Escritura**” e na “**Leitura**” das pichações. Letras embaralhadas que irritam, causam a sensação de estranhamento e talvez, por isso, são tão menosprezadas pelo grosso da sociedade. Nos anos 80, a transgressão dos códigos convencionais também chegava à fala, com a criação de inúmeros dialetos, como o “**TTK**”, que deveriam proteger os pichadores dos ouvidos atentos de seus “algozes”. Além da escrita e da fala, o xarpi apresenta outros espaços de comunicação, que servem basicamente para o fortalecimento das amizades, celebração da fama e agendamento de “missões”. O mais tradicional desses espaços são as “reús”, as “**Reuniões**” de pichadores, que tomam as praças públicas das cidades, de segunda a sexta, desdobram-se em churrascos e torneios de futebol aos sábados e domingos, e

ganha, ao fim do ano, uma versão mais incrementada, com o direito entrega de prêmios para os pichadores que mais se destacaram em diversas categorias. Além do boca-a-boca, do face-a-face, eles não deixaram passar incólume a onda cibernética. Surfam na rede com desenvoltura, produzindo blogues, fotologs, músicas, vídeos, documentários, comunidades de relacionamento. É a era do **“Xarpi Virtual”**, que dificilmente diminuirá a importância de seu principal suporte, a **“Cidade”**, em cuja polifonia, multidão de vozes, encontram-se os nomes e as frases-pichação.

O ethos xarpi revela ainda uma forte tensão com a mídia, que generaliza e reduz sem receios, tema este a ser visto no **capítulo 3**. A exposição, predominantemente negativa, é usada pelos pichadores, num ato de resposta e revide, para alimentar a busca pela fama interna. No início dos anos 90, eles foram tomados como uma das “novas tribos urbanas”. Hoje dificilmente são vistos como uma. O que mudou de então até o presente? Apenas o foco: sai a violência juvenil, entra o consumo de objetos culturais. Se a galera do xarpi não é mais tribo, será o quê? Contracultura, subcultura, cultura jovem, comunidade de sentido... Não faltam conceitos. É questão de escolha – pautada por uma breve análise, é claro. Por fim, a investida neste ethos compara os caminhos seguidos na sociedade pelo graffiti e pela pichação, duas manifestações que desfrutam da mesma raiz, de uma raiz essencialmente transgressora. O graffiti hoje é bem aceito. Tem seu espaço nos meios de comunicação, nas escolas, nos projetos sociais das prefeituras. O xarpi continua marginalizado. A veia subversiva do graffiti está relaxada, quase não se nota sangue. Será que a pichação terá o mesmo fim? Antes de começar, uma breve observação. Na “Xarpilândia”, termo cunhado pelos próprios, muitos pichadores se auto-referenciam usando a metáfora dos ratos.

ELEMENTOS DA PICHAÇÃO

O sol já se pôs. A noite avança. As ruas, aos poucos, ficam desertas. Perdem vida. Nos subterrâneos, olhos em alerta, pedidos de silêncio, passos leves. Os ratos estão prontos para começar a invasão. De todos os cantos, buracos, bueiros, canais eles partirão para dominar, ao menos por uma noite, a cidade. Os ratos se aproveitam do cansaço de seus exterminadores, os gatos, que, na ausência de luz, se refugiam nas casas, esmorecem nos telhados. Apenas alguns continuam a circular pelas ruas - estão em trabalho, fazendo rondas, com a missão de capturar os desordeiros. Os humanos também são inimigos. Espalham inúmeras armadilhas pelas casas, como ratoeiras e venenos. Querem, enfim, a morte dos ratos, vistos apenas como vetores de destruição e patogenias. Criaturinhas temíveis e insuportáveis. Todo rato sabe que é preciso paciência. Aguardar cada pessoa dormir. E, depois, basta cautela para não retirá-la de seu estado de repouso.

Os subversivos roedores são estrategistas e se antecipam às artimanhas, elaboradas pelos órgãos públicos, para eliminá-los do convívio social. Sabem que são vistos como co-responsáveis pela desordem urbana. Entretanto, armas para defender e atacar não lhes faltam. A começar pelos sentidos apuradíssimos, o tato impecável, a visão noturna, a audição em alerta. Um corpo que se adapta a qualquer fenda. São escaladores e equilibristas excelentes. Brincam até de alpinistas com os cabos de aço. E, mesmo em superfícies estreitas, mantêm a firmeza, como poucos conseguem fazer.

O SHOW ESTÁ APENAS COMEÇANDO²

1.1 A missão³

Os ratos dessa história atendem pelos nomes de “Soma”, “Shera” e “Solo”. E o submundo no qual circulam é o Rio de Janeiro e sua zona de influência. É dia de semana, uma terça-feira. Reunião de pichadores na Lapa. Bebidas, petiscos, papos, batalha de raps.

- Coé, “Soma”? Tenho dois reais e cinqüenta. Vamos inteirar uma lata de spray?
- Pô, “Solo”. Também só *tô* com dois e cinqüenta. Juntando dá cinco reais. Por mim tudo bem. Vamos perguntar ao “Shera” [que, além de pichar, vende latas de tinta a um preço menor que o do mercado] se ele aceita cinco na lata.
- Aí, “Shera”, fecha cinco numa lata?

²

³ A história que se passa na Lapa é uma das anedotas contadas por Soma em seu blog, sendo adaptada para este trabalho. “Solo”, “Shera” e “Soma” são pichadores.

- Por esse preço, só dá pra fazer essa daqui. O preto fosco *tá* custando 10.

A tinta oferecida era um verde apagado. “Solo” e “Soma” recusam. Mas, horas depois, passando da meia noite, “Shera” os convida para tacar *nome* com as latas, um total de dez, que restaram na mochila. O trio parte em “missão” pelas ruas mais próximas, começando na Riachuelo. “Solo” propõe subir até Santa Tereza. “Shera”, a princípio, titubeia, mas aceita: “Só mais um nome, se não vai acabar com as minhas latas”. Mas com o vício não tem conversa. E eles “colocam” [picham] um, dois, três nomes. A terceira lata se acaba no topo do morro. Não satisfeitos, seguem para Copacabana, sempre à pé, pichando tudo o que vêm à frente. “Shera” volta à consciência: “Já acabamos oito latas!”. “Coé, ‘Shera’, falta pouco”, suplica “Soma”, para, em seguida, cair nos risos com “Solo”.

Na Rua Barata Ribeiro, o trio avista uma marquise. “Shera” é o primeiro a subir, ajudado pelos companheiros. Um transeunte observa a ação deles e avisa a policiais que faziam ronda em quatro viaturas. Enquanto “Soma” e “Solo” são abordados, Shera se esconde na marquise, mas por pouco tempo, já que um pedestre convence a polícia da presença de um terceiro homem. O tenente ordena a descida, não obtém resposta, sai da viatura, sobe no teto da loja, coloca um fuzil no beiral e grita: “Se não descer eu atiro”. “Shera” sequer hesita. Em pouco tempo, amontoa-se no local um grupelho de gente curiosa. “Solo”, “Shera” e “Soma” tentam bater um papo com os “canas”. Quem sabe não pinta um suborninho? Em vão. “Shera” ainda se passa por grafiteiro. Mas um policial era conhecedor do assunto e o desmascara prontamente. Acabam levados para a delegacia. Só são liberados às quatro e meia da manhã, com o sol se aprontando no céu. Os cinco reais de “Solo” e de “Soma” ficaram pelo caminho, em algum boteco do Centro ou da Zona Sul. “Shera”, que esperava arrecadar 100 reais com as latas, acabou sem elas e sem o dinheiro. Ao menos, não foram fichados na delegacia.



Do filme “Que o Mundo Veja”

Ilustração 1 – O MATERIAL de trabalho. A espessura do birro e a cor da tinta são dados importantes na hora de adquirir uma lata. Variam de acordo com as características do suporte a ser pichado; com o gosto do pichador; ou, ainda, se será visto durante o dia, como nos muros, ou apenas à noite, como nas portas de lojas. O que não muda é o barulhinho da bola de gude e o “tsssss” que a saída do spray produz. *A missão é o grande momento do pichador: quando vai para as ruas, espalhar seu nome por muros, marquises, beirais, viadutos, pontes, praças, pedras, janelas. A missão encerra muitos elementos, a começar pela transgressão. É fonte de adrenalina. É o passaporte para a fama. É o contato com a morte. É afronta à sociedade. É amizade. É comunicação.*

DISPOSIÇÃO PARA O MAL E PARA O BEM!

1.2 A Transgressão

Na cabeça de muitos jovens, independente do sexo, da idade, da classe social, do local de moradia, corre a idéia de que ser obediente, certinho, bom garoto ou boa moça é “pagar de otário”. No vocabulário deles, ser bobo, *mané*, *bucha*, *prego*, *vacilão*, *lesado*, entre outras taxações pejorativas, é agir com inocência, ingenuidade, sem malícia, sem riscos. Se o jovem é portador deste perfil, poderá sofrer exclusões de determinados grupos de amigos, terá dificuldades para ingressar em tantos outros e, por fim, precisará suportar inúmeras gozações, seja na escola, na rua, no condomínio, na própria família, entre primos e irmãos.

Ser esperto, o perfil oposto ao de *mané*, é correr perigo, é fazer “paradas sinistras”, seja arriscando-se em aventuras ousadas, seja transgredindo, com ou sem violência. É o encontro da vontade com o prazer de infringir a ordem. “O fato de uma atividade implicar desrespeito às leis é muitas vezes a razão de ser do seu aspecto

atraente” (Matza, 1968:89). Surfar na linha do trem ou pichar são transgressões. Roubar, vender drogas, brigar num baile funk ou boate também o são. Transgredir, em todos estes casos, é “romper barreiras, não se limitar a nada!” (“Fink”, pichador da Zona Oeste, em entrevista). Numa metrópole como o Rio de Janeiro, que ostenta em mãos um leque de variadas opções para “ser esperto”, pode-se escolher entre uma quadrilha de traficantes ou uma *crew* [turma] de grafiteiros. Entre um bando de pitboys ou uma galera de pichadores:

O que me motivava, era que, na época, com 17 anos, e como todo morador de comunidade, vários amigos transgrediam leis fazendo coisas mais *punks*, traficando, assaltando etc. Eu não queria ser diferente deles... Mas como nunca tive coragem de fazer mal fisicamente a ninguém que não fosse a mim mesmo, resolvi pichar. Já me interessava pelas caligrafias, pelos riscos corridos etc. Um cara mais velho, que era da minha sala na escola, um pichador, me deu uns toques, ensinou uns traços. Me ensinou a ler as letras. Fui pegando interesse pela coisa. Aí pensei: “Vou ficar maior de idade e ser o certinho do meu círculo de amizade?”. Não sou covarde. Não quero ser o bonzinho! Tenho que transgredir de alguma maneira. (“Don”⁴).

No universo juvenil, os rapazes querem afirmar a sua identidade masculina, enquanto as moças desejam contrariar a máxima do sexo frágil. Misturam-se neste caldeirão sentimentos narcisistas, questão de honra, fortalecimento de convicções. São estas “pequenas feridas no orgulho” que parecem levar à formação das galeras de jovens (ZALUAR in VIANNA, 1987:46). Nelas o querer ouvir ou querer falar, o ser visto ou ser reconhecido orientam atitudes e comportamentos, determinam formas de vestir e andar, de interagir com a cidade. “Transgredir é mais uma coisa de auto-afirmação. A pessoa quer fazer parte de um grupo, quer mostrar para este grupo que ele quer fazer tal coisa” (“Nuno”, pichador da Zona Norte).

As experimentações e transgressões da juventude, na ótica de psicólogos, são reflexos da indefinição que marca esta fase da vida, momento transitório em que “a pessoa não é mais criança, mas também não é adulta” e seu lugar na sociedade é incerto (FERREIRA, 2008:128). Futuro, direitos, deveres, responsabilidades, vida social mais ativa. Nada tem contorno nítido para estes “sujeitos ambíguos, confusos, perdidos, em busca de uma identidade” (MAGRO, 2003:54). Eles se encontram em evolução, vivem sob situações-limites, nas quais, muitas vezes, pulverizam-se “regras e modelos dominantes de ordem e normalidade” (SPOSITO, 1993: 164). E, assim, chegam à marginalidade, não a esta centrada apenas na delinquência, na vagabundagem, na sordidez da ação humana, mas àquela definida por Mannheim como a “capacidade de tomar distâncias das amarras

⁴ Jeferson de Oliveira, autor do documentário “Que o Mundo Veja – Retratos da Pichação Carioca” (em fase de edição). Teve breve experiência como pichador na juventude.

colocadas pela estrutura social” (*apud* SPOSITO, 1993:164) ou como “a parte mais viva, a mais móvel das coletividades humanas nas tentativas de encontrar respostas às mudanças nas estruturas sociais e materiais” (GUATTARI, 1981:46).

Transgredir é ser marginal, pois se trata de uma fuga do universo regido pela lei e pela disciplina. Na pichação, “a transgressão situa-se no confronto simbólico com a propriedade e a normatividade social (ARCE, 1999:138)”. O excesso de “não poder fazer” alimenta o ato de pichar, que pode ser definido como um desdém à cartilha que rege a vida em sociedade. Uma provocação aos centros de poder, do mais abrangente ao mais particular, da autoridade pública ao chefe da própria família. Uma afronta às convenções sociais, culturais, políticas, com as quais não se identificam. Enfim, a proibição instaura o fascínio da transgressão” (BARBOSA, 1986:35):

Vivemos numa sociedade com leis estabelecidas por pessoas que já morreram. Pensamentos puritanos, dogmáticos, ninguém repensa as coisas que acontecem. Quem disse que tenho que respeitar uma lei inventada na época que meu avô ainda nem tinha nascido? Pelo bem comum de uma sociedade que nem ao menos se conhece? Sociedade que nem frequenta mais suas igrejas, seus parques públicos, seus cinemas? Preferem ficar em casa assistindo ao Domingão do Faustão! (“Don”)

As ferramentas escolhidas para transgredir na pichação, embora ilícitas, não constituem meio de ganhar a vida, mas sim formas de se expressar, de liberar tensões ou gastar o tempo livre. É isso que permite classificar uma turma de pichadores como galera, não como quadrilha. “As ‘quadrilhas’ se organizam com a finalidade de desenvolver atividades ilegais para o enriquecimento rápido de seus membros” (ZALUAR in VIANNA, 1987:44). Nas galeras também não existe a figura do chefe, do “cabeça”; a liderança encontra-se diluída. As regras, quando existem, são menos formais e rígidas, oriundas do “comum acordo”, cristalizadas com o passar dos anos. Diferenças à parte, quadrilhas e galeras são agentes socializadores, tais como a família, a igreja, a escola, o trabalho, e, juntos com estes, medem forças a todo tempo⁵. Apesar de se livrarem conceitualmente da insígnia de quadrilhas, os pichadores, em contrapartida, também estão distantes de outros grupos classificados como galera, uma vez que o pilar de suas “atividades recreativas” constitui crime (Art. 163 do Código Penal).⁶

“Militar é agir”, escreveu certa vez Guattari (1981:12). Pois bem, os pichadores agem transgredindo. E por que, para eles, transgredir é tão bom, ao ponto de fazerem

⁵ Ver o item 1.11 Identidades.

⁶ Mais sobre Transgressão no capítulo 3.

disto uma prática de lazer? Talvez a adrenalina que corre no sangue quando estão no alto de um prédio, na mira da polícia ou da fúria de um morador, explique isso.

O VÍCIO É CRUEL

1.3 A adrenalina.

“Pichar é adrenalina pura”. Essa é uma das expressões mais ouvidas na “Xarpilândia”. Situações-limite de perigo geram uma sensação de prazer, que funciona como chamariz para a entrada neste universo ou como estímulo para o retorno à rua nos dias seguintes a uma missão perigosa. A adrenalina pode converter o ato de pichar “num vício que substitui em alguns casos o consumo de drogas e a violência” (ARCE, 1999:139). Perguntar a um pichador a razão pela qual vagueia noturnamente pelas avenidas, mesmo com chuva ou frio, é esforço desnecessário:

Com a adrenalina, fico extremamente ativa! Me dá uma “cegueira”, acho que sou a Mulher Maravilha! (risos) Subo em coisa que sem ela acho que não posso, dou trava em morador e ambulante, até ombrada [usar ombro para subir] p’ra amigo eu dou! Coisas que só a adrenalina me leva a fazer” (“Nath”, pichadora da Zona Norte do Rio).

Vigora nos pichadores o que Matza (1968:89-90) chamou de “espírito de delinquência” ou de “culto da proeza”. A aventura no xarpi configura-se como estilo de vida, caracterizada por uma “incansável busca de excitação, de sensações ou emoções” (idem) Feitos ousados e perigosos são um contraponto “aos padrões terrenos e rotineiros de comportamento” (idem). A ação e a emoção, ao tornar mais intenso o presente, quebram o tédio das rotinas, da vida cotidiana. Assim, o pichador “ao cotejar o perigo físico, fazendo o que é proibido e desafiando as autoridades, não está simplesmente se arriscando; está criando os riscos, numa tentativa de produzir emoção” (idem).

A adrenalina provoca uma sensação muito boa. Uma mistura de alegria. Mas é uma coisa que não dá para explicar muito bem. Só você pichando para saber como é bom! (“Fink”)

O poder de liberdade e ter a adrenalina correndo nas veias são o grande barato, e quando acaba vem uma sensação de relaxamento, incrível. A adrenalina é uma das mais poderosas e viciantes drogas; é talvez a força mais estimulante para o pichador. A sensação do perigo e você poder controlar o medo te faz sentir vivo. (“Ned”, pichador da Zona Sul)

No meio científico, a adrenalina é conhecida como a “molécula da ação” ou o “estimulante natural”. Geralmente, é liberada pelo organismo em momentos de ameaça física, de medo ou perigo, que, no caso dos pichadores, variam de uma possível queda até o flagrante de policial ou morador: “Minha perna treme muito. Já acordei morador de tanto que a perna tremia e fazia barulho na grade da janela. Não era alto, mas não queria

fazer feio na minha primeira janela. Coração a mil. Dependendo da “parada”, dá vontade de vomitar” (“Nath”).

Batimentos cardíacos acelerados, pernas em descompasso, suor excessivo, respiração ofegante, pupilas dilatadas são, segundo os especialistas, as principais características de um corpo em estado de alerta. O relato de “Voga” serve para atestar tais sintomas:

Um dia, eu e um amigo resolvemos pichar a casa do maluco que mais matava na área. Pegamos tudo, até uma marquise linda de mármore. Só que não deu outra: rodamos a poucos metros da casa, com a missão já concluída. A adrenalina subiu. O coração batia forte. As pernas ficaram meio bambas. Mas para mim foi gratificante. Meu nome está lá até agora. Foi a melhor rodada! (“Voga”, pichador da Zona Norte).

Em situações afins, o organismo se prepara para enfrentar o “inimigo”, capacitando o corpo para reagir prontamente às ameaças:

Numa segunda-feira, (...) eu fui à reunião de pichadores em Campo Grande. Lá, um amigo, o Playf, disse que estava com umas tintas e me chamou p’ra pegar um edifício de quatro andares. Em frente ao prédio, havia um mendigo sem blusa, descalço, deitado debaixo de uma árvore. Fiquei cismado com ele, com a forma que nos olhava. Quando o Playf abaixou p’ra colocar o nome dele no rasteiro, o mendigo [um vigilante disfarçado] se levantou e falou: ‘Ninguém corre!’. E atirou para cima. Resolvemos correr para o outro lado da rua, mas quando viramos, tinha um carro preto parado. Isso nos deixou com adrenalina. Tivemos a idéia de correr para o mato e sair na linha do trem. Mas não esperávamos que houvesse mais um cara fazendo escolta lá. Deu uma tremedeira por dentro do joelho e a perna amoleceu. O coração acelerou. E eu fiquei desorientado depois que eu vi tudo cercado. Suava muito, parecia até que eu estava correndo, mas meu corpo estava gelado. O cara que estava no mato falou ‘perdeu otário, senta no chão, senta’; chegou chutando nossas costelas e dando coronhada na cabeça. Eu sentado, parado, suava e ficava agoniado, muito nervoso e com medo. (“Micky”, pichador da Zona Oeste).

O “vício da adrenalina” já foi matéria da revista Época. Nela, o neurologista Éspér Cavalheiro afirma que “o prazer de se aventurar pode causar dependência”, como ocorre com os alpinistas. A reportagem não é conclusiva, mas relata pesquisas que procuram compreender este gosto de enfrentar o perigo. A tendência é confirmar o caráter viciante da adrenalina, com a co-participação de outras substâncias. Afinal, como diz o repórter, imputar os efeitos unicamente a adrenalina “seria o mesmo que atribuir a um solista o sucesso de uma orquestra”.

O vício me consome, eu vou admitir/ Boto nome todo dia, eu sou viciado em xarpi/ Não tem como fugir, nem fingir que esqueci/ Posso

dar um tempo, mas logo depois eu volto a agir/ (...) Pra mim já virou rotina essa adrenalina (“Leonel”, Rap do Xarpi nº. 7).

Tá na veia com a tala na mão/ Adrenalina é forte tem que ter disposição/ Incendeia apertada e bota pressão/ É puro sentimento, é liberdade de expressão (“Runk MC”, O Andarilho)

No xarpi, quanto maior é o desafio, maior será o risco e, por conseguinte, maior a descarga extra de adrenalina. “Nuno” e “Fit” dão exemplo dessa sede sem fim: a dupla resolveu pichar as ferrugens do viaduto do Gasômetro, entre a estação da Companhia Estadual de Gás e a Rodoviária Novo Rio. Conta “Nuno” que, depois de amarrarem a corda na proteção lateral de concreto, desceram até a estrutura de ferro, onde dispunham de uma largura de 20 centímetros para se deslocar. O vento forte e a passagem de veículos pesados dificultavam o equilíbrio. A partir dessa noite, um prazer semelhante ou maior exigiria uma missão mais ousada:

Eu sou viciado em adrenalina. Eu busco colocar nome num lugar cada vez mais alto. Semanas atrás peguei uma ferrugem com corda, quando eu desci, estava leve. Na outra semana, quando peguei outra ferrugem, já não valeu. Agora tenho que pegar algo mais difícil. É tipo droga, o cara fuma baseado, dá uma onda. Aí ele se acostuma com aquela onda. Aí vai para dois para dar mais onda. É um perigo. Você sobe um andar, perde a graça. Aí começa a subir dois, a subir três. (“Nuno”)

Mais do que uma reação química do corpo humano, a adrenalina, no xarpi, parece englobar um conjunto de sensações pelas quais passaram os pichadores ao longo do tempo, construídas socialmente, perpetuadas em cada anedota ou história contada de uma geração para outra do xarpi, um misto de “medo, alívio, insegurança, divertimento, liberdade de expressão e coragem” (“Talibã”, pichador da Zona Norte). A adrenalina é, finalizando, “o que faz um pichador gostar do que faz; nela está presente o temor de rodar, de cair, a emoção de estar num lugar onde quase ninguém tem a oportunidade de estar, a visão de ângulos que as pessoas não têm” (“Goaboy”, pichador de São Gonçalo).

Arquivo Pessoal
Vitti



Arquivo Pessoal
Nuno

Ilustração 2 PURA ADRENALINA. À esquerda, “Vitti” e “Pugga” “decoraram” os andares de um prédio. À direita, “Nuno”, em seu fotolog, faz simulação de como ele e “Fyt” desceram pelas cordas e picharam uma ferrugem no Viaduto da Perimetral.

O desafio não só alimenta o pichador com a adrenalina, como também pode coroá-lo com a fama. Esta é o objetivo da maioria. E para tê-la é preciso unir coragem com inteligência.

ESSA É A NOSSA META

1.4 A fama.

Fama significa reconhecimento pelos pares, popularidade, respeito, prestígio. Transforma homens e mulheres em heróis, lendas, mitos, ídolos. Seu lugar é entre a humildade e a vaidade. Traz recompensas. Na pichação, é “uma fama ganha a pulso, audácia e spray” (ARCE, 1999:132). Exige disposição e ousadia. Tem como sombra o ego e o orgulho. E também possui um lado paradoxal: o pichador vive sob o anonimato, o silêncio, o segredo sobre sua identidade, endereço e família. Trata-se de uma fama que, para o bem dos mesmos, deve existir somente entre eles, jamais ultrapassar a fronteira da “Xarpilândia”. Caso ultrapasse, que não haja holofotes lhe corando o rosto: não é uma fama para as massas, mas para os “irmãos”.

Para ser famoso no xarpi é preciso seguir uma extensa cartilha. Uma cartilha de marketing individual ou de fixação de marcas, na qual se enovelam estratégias para criar posição na mente do outro, para sobressair num segmento disputadíssimo ou para lidar com o excesso de ruído. Uma das principais regras é sair da sua localidade (cidade, bairro, rua, área, zona), avançando para outros territórios, seja através de incursões simples (como a do pichador do Centro do Rio que sai para “espancar” a Zona Sul carioca, e vice-versa) ou de “conexões” com pichadores de outras cidades (Rio - Macaé; Nova Iguaçu – São Gonçalo; Niterói – São João de Meriti). Adiante, a regra é “tacar nome” o máximo que puder. Quanto mais “letra na pista”, maior a chance de ser visto

pelos colegas. Isso funciona como um medidor do IBOPE. Pichar *ruas de dentro*, que são lugares de pouco movimento, com mais residência do que comércio, é gastar *spray* à toa. Por isso, dar-se preferência a pontos de maior visibilidade, com bastante trânsito de pessoas e veículos. No Rio de Janeiro, os mais cobiçados são a Avenida Brasil, que liga a cidade à Baixada Fluminense, as Linhas Vermelha e Amarela, as redondezas do Maracanã, os inúmeros viadutos e as avenidas e ruas de grande circulação em bairros como Madureira, Lapa, Centro, Barra, Méier, Santa Tereza, Penha etc.

Eu vou sair pra pista/ Hoje faz frio lá fora/ O sino está batendo, é
hora de fazer história/ Enquanto você dorme, eu vivo em alto risco/ É
o preço que se paga pra se lenda do rabisco (O Andarilho, Runk MC)

A notoriedade na pichação demanda riscos. Nada mais “mídia” então do que edifícios com vários andares ou espaços praticamente inalcançáveis, como as estruturas de ferro dos viadutos. “Todo pichador tem um ego muito forte. Ver seu nome em local de grande dificuldade é algo que eles consideram tão forte quanto um orgasmo” (“Don”). A dificuldade de escalada ou os artifícios usados para fazê-la despertam a curiosidade alheia, sobretudo dos pares. Subir imóveis com ajuda de escadas onde estas são desnecessárias consome parte do brilho de uma ação. Contudo, em outros espaços, onde mãos, ombradas, corpo de cabeça para baixo não resolvem, pode-se recorrer eventualmente a cabos de aço, cordas, andaimes etc. O risco proporcionado pela dificuldade de acesso ao suporte “manifesta além dos sentidos de ousadia, audácia, atrevimento versus intimidamento, outros referentes à habilidade/inabilidade, juventude/velhice, superioridade/inferioridade” (DUARTE, 2003:11).

Desafiar porteiros, seguranças, moradores, câmeras de vídeo e até policiais é mais uma forma de alcançar status nesse meio. “Ley 14”, por exemplo, se notabilizou, nos anos 80, ao pichar carros de polícia e cela de cadeias. Os pichadores, ao deixarem marcas em áreas com blitz, em muros de quartéis ou delegacias, ao redor das cabines de vigilância, costumam registrar o atrevimento com a frase “Na cara deles”. “Atuando sobre esses suportes, o sujeito pichador consegue transformar o risco e a vertigem enfrentados em mérito” (DUARTE, 2003:11).

Um dos pontos-chave dessa cartilha de publicidade a qual os pichadores se apegam é o aparecimento nos meios de comunicação de massa, sobretudo TV e jornal impresso, mesmo que a exposição seja negativa. Para atrair a atenção da mídia, é preciso escolher minuciosamente os alvos: igrejas, estátuas, monumentos, prédios públicos, pontos turísticos. Vinga, no início dos 90, destacou-se neste jogo de autopromoção ao

pichar igrejas, entre elas a da Candelária, e, por duas vezes, o Relógio da Central. Seus feitos chegaram à capa dos jornais e aos programas de TV mais vistos de então⁷. Na mesma época, de intensas rivalidades entre os pichadores do Rio de Janeiro e de São Paulo, dois rapazes paulistas atreveram-se a macular o Cristo Redentor - “Viemos aqui para humilhar a galera carioca”, diziam em entrevista aos jornais. Dias depois, em sinal de resposta, foi a vez dos cariocas carimbarem as ruas de São Paulo.

(Aparecer no jornal) é a glória! A sua marca fotografada ou filmada. Te dá fama e prestígio. Um camarada meu, foi preso porque pichou uma placa de bronze no Monumento dos Pracinhas, no Aterro. O pai pagou a fiança. Nas reuniões só se falava disso. (“Tool” para a Revista Istoé).

Outra tática para aparecer na mídia é pichar lugares que aparecem constantemente na TV, seja em cenas de novelas ou nas matérias de rua ou links ao vivo dos telejornais. É preciso estar atento ao que acontece na cidade, antecipando-se aos eventos. Aparecer na “novela das 8” da Rede Globo, mesmo que em poucos frames, é motivo de comemoração. No conflito entre polícia e traficantes da Cidade de Deus, no início de novembro de 2008, o “nome” de Fink apareceu em matérias do RJTV, da Rede Globo, e no programa Balanço Geral, da Record. Na mesma hora, Fink correu para o MSN a fim de espalhar o acontecido e ainda colocou no Orkut uma imagem capturada de uma dessas reportagens. Planejava, para o dia seguinte, escoltar lugares onde sua pichação pudesse ser enquadrada pelas câmeras de TV.

Depois de cumpridas as missões, os pichadores ingressos no mundo virtual fazem de blogues, fotologs e sites de relacionamento meios de divulgarem as proezas⁸. Neles, são descritas as façanhas, relatados momentos críticos e postadas fotos das superfícies “espancadas”, acelerando assim o processo de identificação da marca. Uma vez alcançada a fama, é hora de desfrutar as recompensas. As reuniões entre os pichadores são os locais onde a moral junto ao grupo se concretiza. O sucesso pode ser medido pela quantidade de pessoas que o cerca, talvez para ouvi-lo narrando as minúcias do feito, decerto para terem suas pastas assinadas por ele. Dar “autógrafos” na “Xarpilândia” também é uma forma de espalhar a marca.

É muito bacana você ir a uma *reú* [Reunião de Pichadores] e ouvir “Aí, eu vi o que você pegou lá no bairro tal, representou!”. É gratificante. Não sei se é o ego, mas você sente a sensação de dever cumprido, reconhecido. (“Nath”).

⁷ Mais detalhes sobre a relação *xarpi* e mídia no capítulo 3.

⁸ O *xarpi* virtual é um dos temas do capítulo 2.

Ter a atenção das “mulheres Color Jets” [marca de fabricante de spray] é mais uma recompensa. A fama “proporciona maiores oportunidades de aceitação entre as jovens, pois se considera que ‘é *status* para uma garota ter relações com eles’” (ARCE, 1999:132). Nesse caso, pichar vira demonstração do vigor masculino; e objetiva impressionar as “minas”, fortalecer a imagem perante a concorrência, realçar a virilidade. “Cola”, por exemplo, entrou para o xarpi porque “queria chamar a atenção delas de alguma forma”.⁹

Dizer que todos picham para ter fama é generalizar um objeto por demais subjetivo. Há quem minimize a badalada fama: “É apenas o reconhecimento das noites perdidas e dos perrengues passado nelas” (“Goaboy”). Outros rabiscam por terapia, lazer, satisfação pessoal e, mais raramente, por protesto: “Fama de xarpi pra mim não significa nada, eu picho não é por fama, é porque eu gosto, não é para falar que eu sou famoso, que sou “fodão”... Eu picho para aliviar os meus estresses, puro lazer e prazer. Cada um tem sua forma de diversão, o xarpi é a minha” (“Talibã”). “Nuno”, que também vê a pichação como uma forma de liberar as tensões cotidianas, cunhou o termo “xarpiterapia”:

Cada um tem um objetivo. Tem gente que quer ficar famoso. A fama, a meu ver, significa estar na rua e ser reconhecido por todos. Eu não sou, porque pichador não tem rosto. A gente é invisível para pessoas comuns. A pessoa só vê na rua o “nome”. No cenário underground na Lapa, quando eu chego lá, a pessoa física, eu sou normal. Aí uma pessoa chega e diz “Qual é Nuno? Beleza?”. Aí vem outra e diz: “Nuno? Tu que é o Nuno da DV [Destruidores do Visual]? Você é magrinho, pensei que fosse grandão”. As pessoas conhecem o que eu faço, não eu. Essa ostentação de fama, esse querer ser conhecido alimenta o pichador. Eu particularmente não ligo mais pra isso, a fama pra mim está sendo consequência. Mas já liguei pra isso um dia. Eu pichei muito atrás disso.

⁹ Entrevista para o blogue Páginas de Tinta



*Arquivo Pessoal
Fink*

Ilustração 3 NA MÍDIA, MAS SEM QUERER. A pichação de “Fink” surge na matéria “Guerra contra o tráfico deixa crianças sem aulas na Cidade de Deus”, exibida pelo RJTV em novembro de 2008. Na mesma tarde, “Fink” assistiu de novo ao vídeo na internet, deu *print* no frame em que sua “marca” aparece, circulou-a de vermelho e postou no Orkut.

Hora de ver como os pichadores se relacionam com o resto da sociedade e seus aparelhos de defesa, obstáculos na caminhada para a fama dos pichadores, momentos de pura tensão, com seqüelas para ambos os lados em conflito.

NÓS É O LUXO O RESTO É LIXO!

1.5 Sociedade e Poder Público

Interferir na arquitetura da cidade, sem respeito à propriedade pública ou privada, fez do pichador um dos personagens mais odiados da trama urbano-carioca. Suas marcas podem incomodar aqueles que desconhecem o significado desses traços imbricados, seja pelo caráter enigmático que conservam ou pela “poluição visual” que provocam. As leis brasileiras vêm no ato de pichar um “crime contra o ordenamento urbano e o patrimônio cultural”. A pena é detenção de três meses a um ano e multa, dobrando se o alvo for um bem tombado (Lei de Crimes Ambientais, nº. 9.695, Art. 65, de 1998).

Pra sociedade nossa atitude é errada/ O *moradô acordô* então *sujô*/ A vida é louca, mas não é tão louca como a vida de pixador (Leonel, Rap do Xarpi nº.8)

Numa crônica, bem humorada e crítica, Ruy Castro torna-se porta-voz de uma sociedade que rejeita os corpos indóceis dos pichadores: “A senhora é mãe de um pichador? Se for, meus parabéns: seu filho é analfabeto, débil mental e broxa”. Essas três qualidades, segundo o autor, são “indispensáveis” para um rapaz pertencer às “galeras” de pichadores: “Um jovem que se realiza pichando paredes não deve ter descoberto até hoje

que sexo é muito bom”. Ruy Castro insinua que o esforço para subir em prédios altos é “inversamente proporcional ao que fazem para trepar a alturas muito menores”. Trepar não como sinônimo de escalar, mas de ter relações sexuais – “como perfeitos patetas que são, estão substituindo uma coisa pela outra”. E aproveita o ensejo para brincar com o duplo sentido de broxa, a qual define como “um elemento simbólico da pichação”, embora o instrumento mais usado para pichar seja o spray, como ele mesmo adverte. “Em português claro, quero crer que esses pichadores são todos broxas”. Também são analfabetos porque, segundo ele, escrevem “garatujas” incompreensíveis, sintomas de que mal aprenderam o “bê-á-bá” ou fugiram da escola. (Revista Sessão Extra, 1998).

Para o pioneiro “Celacanto”, as mensagens-pichação transformaram-se hoje em ruído:

Quando eram poucos os pichadores, as mensagens sobressaíam mais, eram lidas. Atualmente há poucas mensagens e mais grafismos simples. E repetitivos. Às vezes, numa mesma fachada, vêem-se várias cópias da mesma marca. No panorama geral da cidade, quando a quantidade de pichadores aumentou exponencialmente, os grafismos se transformam em ruído. E ruído é esteticamente desagradável. A impressão geral é de sujeira, descaso e má educação. É sem dúvida um movimento difícil e caro de reverter. (“Celacanto” – Carlos A. Teixeira).

Num debate fictício entre pichadores e proprietários de casas, lojas ou prédios alvejados pelos primeiros, os argumentos de defesa e acusação a serem desferidos por ambos seriam os seguintes¹⁰:

Crime:

Morador – os pichadores descumprem leis, transgridem, por isso são criminosos. Não importa a gravidade do que fazem, não existe “mais” ou “menos” transgressor. Pichar é crime tanto quanto roubar, matar ou traficar.

Pichador – pichar é crime num país em que os políticos são ladrões, a polícia é corrupta e o cidadão comum opta pela violência gratuita para pôr fim aos problemas. Taxar o pichador de criminoso, com todo o peso que esta palavra carrega, é, no mínimo, um exercício de hipocrisia.

Direito de expressão:

Pichador - pichar é fazer uso da liberdade de expressão. A cidade é o suporte, a superfície em que a linguagem se concretiza. Intervir na arquitetura é uma forma de mostrar que se existe, de marcar presença na sociedade. É

¹⁰ Os argumentos expostos são um resumo das opiniões lançadas por ambos os lados na internet, nos jornais e na TV

uma manifestação artística ácida porque dribla o direito de posse do outro. Tudo passa a ser de todos. E não “cola” o discurso de que o piche quebra a auto-estima da cidade, de uma *cidade partida* por seus próprios habitantes. Não é objetivo poluir, apenas marcar território.

Morador - o direito de expressão requerido pelo pichador atravessa o direito de todos terem um patrimônio intacto, com muros, portões e marquises coloridos ao gosto do proprietário. Isso é válido também para os imóveis públicos, que sofrem por uns acharem que eles são de todos e outros, que pertencem a ninguém. É toda a sociedade que paga a limpeza e a manutenção de praças, monumentos e prédios administrados pelo governo. Em suma, eles dão prejuízo para a população e enfeiam a cidade.

Ideologia:

Morador - por trás de todo movimento cultural existe uma mensagem a ser passada. Os punks, os hippies, os skinheads são assim. O funk, o hip hop também. São claros ao expor seus objetivos porque se revestem de uma ideologia bem definida, mesmo que, com o tempo, ela perca a essência. São jovens que têm uma idéia na cabeça. E isso o pichador não tem. Sua escrita são hieróglifos, ou simplesmente, sujeiras. Não são artistas, mas vândalos.

Pichador – a pichação é um misto de esporte e cultura urbanos. Esporte porque é uma aventura arriscar-se em escaladas e fugas. Cultura porque dentro desse universo há valores e padrões de comportamento bem estabelecidos, de difícil compreensão para o leigo. Nele se lida com a escrita, com o desenho, com códigos de comunicação estratégicos. Uma linguagem enraizada no cenário das metrópoles há décadas não perduraria tanto se seus autores não tivessem “uma idéia na cabeça”.

Política:

Pichador – transgredir determinadas leis é mostrar inconformismo tanto quanto sair em passeatas, com gritos de ordem e cartazes levantados ao máximo. É verdade que raramente se rabiscam mensagens políticas, mas elas existem. O viés político da pichação é o próprio ato. Que não se confunda isso com anarquia. E um detalhe: há pichadores e pichadores. Os verdadeiros sabem quem são os de mentira. E são os últimos que banalizam a linguagem ao cometer pequenos deslizes quando vão para a rua. Pichador não é ladrão. Mas há ladrão que é pichador.

Morador: a pichação já foi sim uma forma expressiva de cunho político. Lembra-se do “Abaixo a ditadura”, do “Fora Collor”? Pois bem, o que estes marginais, vândalos dos tempos presentes fazem é caçar adrenalina. Buscar fama colocando a vida em risco é um pretexto insignificante para transgredir. Subir num prédio para pichar esconde outra vontade, a de roubar. E, às vezes, vagar pelas madrugadas é apenas a procura por lugares mais sossegados para usarem drogas.

Eu picho seu muro, eu picho o portão da sua garagem/ Mó sacanagem com o dono da saca [casa]/ Gemnacasa [sacanagem] é cagoetar e eu rodar/ Mais uma vez tô na delegacia/ Isso que me dá viciar na rebeldia (Leonel, Rap do Xarpi nº.4)

Os conflitos com moradores, segurança ou policiais dão ao pichador boas histórias para contar nas reuniões ou nas rodas de amigos. Risadas são constantes, sobretudo quando no roteiro surgem cenas em que os “carrascos”, como se referem, são facilmente enganados. Duas das táticas mais usadas para amenizar a fúria de seus “caçadores” são: proclamarem-se “grafiteiros”, aproveitando-se da boa fama destes na sociedade; e simular um “rebaixamento servil”:

Ao serem abordados pela polícia, a postura desafiadora e transgressora desaparece. (...) Eles se comportam de maneira subserviente: cabeça abaixada, mãos para trás, expressão séria e de submissão, sempre a chamar os policiais de senhor. (PEREIRA, 2005:88)

No caso dos policiais, é comum tentar suborná-los com dinheiro ou bens diversos, às vezes propostos pelos “homens de farda”. Muitos pichadores já saem prevenidos de casa, carregando algo que o livre de tapas ou de ficha na delegacia, como pode ser observado no diálogo com “Fink”, reproduzido abaixo¹¹:

- Vou sair para uma missão daqui a pouco. Vou pegar três “paradas escoltadas”.
- Leva quanto no bolso?
- Um minuto. Vou contar aqui... Só 6 reais e 35 (risos). Se eu rodar, vou entrar na porrada.
- E agora?
- Se liga, vou levar meu MP4 e meu amigo também vai levar o dele. Juntando tudo... Acho que os policiais vão aceitar.
- Você já perdeu quanto para a polícia?
- Até hoje só 29 reais (risos). Eles parecem que são pobres.

¹¹ Conversa via MSN

No vocabulário do xarpi, “perrengue” é todo sufoco pelo qual um pichador passa. E “rodar”, as ocasiões em que é flagrado no ato. Circula na “Xarpilândia” a máxima “Pichar não dá cadeia”, no mínimo agressões físicas (tapas na cara), humilhações (corpos pintados, andar nu), sustos (roleta russa) e punições socioeducativas (doação de cesta básica, pintura de muros e outros trabalhos comunitários), apesar de a lei prever detenção de três meses a um ano. No mais das vezes, o pichador sequer vai para a delegacia, já que os policiais são facilmente subornados ou subornáveis, como visto acima. Tal atitude revela um afrouxamento da repressão por parte dos policiais, que passam a ver os pichadores não mais como pessoas perigosas, mas como objetos de avacalhções e de fonte de renda.

Além desses casos de “representantes da lei” punindo os “infratores” com sessões de tortura e constrangimento público, há outros em que o próprio morador, o porteiro do prédio ou o segurança da loja aplicam por conta própria os castigos. No Documentário Especial “Pichação”, de 1991, um morador exclama: “Ah, se eu pegar um desses!”. O repórter o indaga: “O que você faria com ele?”. A resposta: “Tenho vontade de pegar um com todo prazer, jogar lá dentro [apontando para a casa]. E deixar o cachorro brincar com ele”.

Espalhados pela cidade, vigiando os “ratos” estão policiais, seguranças, porteiros, camelôs, pitboys, moradores e taxistas. Os mais bem dispostos são, sem dúvida, os primeiros¹². “Grilo”, “Tufão” e “Dic”, por exemplo, foram pintados de vermelho por eles e obrigados a andar assim em praça no Méier. “Stile” pichava perto do metrô de Irajá, lugar deserto e de iluminação escassa, quando foi abordado por um “cana”: “Ele estava quase me matando, sorte que chegou duas viaturas, e um coroa sinistro salvou minha vida. O cara que me agrediu era novo na polícia. Fui esculachado, ele destravou a arma na minha orelha, cuspiu na minha cara” (“Stile”). “Ego” já “rodou” sozinho para duas viaturas. Foi agredido e precisou correr para não ser morto: “Um PM falou que iria contar até três. Se quando terminasse, ele me visse ainda, eu estaria ‘fudido’. Corri a uns 200 por hora” (“Ego”).

“Sany botava “nome” com “Vinga” e “Raba”. “Vinga”, movido por um “mau pressentimento”, como relata “Sany”, deixou os amigos e retornou para casa, aconselhando os demais a fazer o mesmo. Minutos depois, “Raba” caiu de duas marquises e torceu um pé. “Fiquei na fome de acabar a lata. No último nome, trombei com o capeta fantasiado de PM, que já saiu da Patamo [carro] atirando. Corri feito louco, pulei no rio,

¹² As histórias seguintes são contadas pelos próprios pichadores no blogue “Páginas de Tinta”.

fiquei intocado. Ao sair, estava com pelo menos três furos na camisa. Não morri graças a Deus, mas as cicatrizes ainda estão aqui” (“Sany”). “Play” e “Musk”, na época de adolescentes, “espancaram” uma igreja e foram levados para a delegacia. Somente seriam liberados se os pais pagassem fiança de quatro mil reais. “Quatro mil? Então pode levar preso”, foi a resposta do pai de “Play”. Mas como não havia flagrante, acabaram soltos.

“Shak”, “Fal” e “Ned” combinaram com um segurança para subir numa marquise. Ao descerem, duas viaturas os aguardavam. Primeiro explicaram que não eram ladrões. “O PM perguntou nossa idade, dissemos que éramos menores, inclusive eu, que fazia 18 naquele dia. Ele falou que com 16 anos estava comendo mulher, que esse negócio de pichar é coisa de *filho da puta*, aquele sermão de cana” (“Ned”). Os policiais, depois de horas fazendo ronda com o trio, levaram cada um para as respectivas casas. Tentaram arranjar dinheiro com as mães de Fal e Shak. Mas, sem sucesso, restou-lhes propor a Ned o silêncio em troca de “alguma merreca”. “Fui *p’ra* casa, contei o dinheiro que tinha, duas notas de um real e moedas sortidas; somando tudo dava a impressionante quantia de cinco reais. Pensei em outra parada para dar uma valorizada na propina, vi um *walkman*, meio velho, era até do Shak, sem fone e sem pilha”. Com receio de ser fichado na delegacia, “Ned” decidiu ficar em casa.

Cialipo [polícia] chegou, fudeu, vou ter que engolir o rrobi [birro da lata] / (...) Eu vejo os *cana* porque farejo os *verde* com arma na mão contra a pichação / (...) Se os canas me pegar vai querer pintar meu lobeca [cabelo] / Me esculachar e me jogar na cadeira/ Pior que tudo isso é os canas travar a minha lata cheia / (...) Se tomo uma dura eu falo que faço só desenho / (...) Foda-se o porteiro do prédio, foda-se o segurança (Leonel, Rap do Xarpi, nº. 5)

Os moradores, eventualmente, confundem pichador com ladrão, e, num ato contínuo, o nem sempre dão tempo aos últimos para se identificarem. “Skin” e “Axer” pegavam um beiral. Na descida, o dono da casa, ao ver pela janela a perna de “Axer”, começou a gritar “ladrão, ladrão!” e a dar tiros para cima. “Nesse dia eu prometi que pararia de xarpi” (“Skin”). “Ego” também passou por situação semelhante. Precisou correr de moradores que gritavam “Pega ladrão”. “Se eles me pegam, não gosto nem de pensar”, relembra. Noutras situações, não existe a dúvida se é ou não roubo, e os pichadores sentem fisicamente a aversão do dono da casa pichada. “Esy”, “Edirock” e “Mak” foram perseguidos por dezenas de moradores locais, em Pilares. “Corri tanto que bati o recorde dos 100 metros” (“Esy”). Já em Oswaldo Cruz, “Esy”, agora com “Red”, descia de uma marquise quando “ouviu um estampido”. “Só lembro o Red correndo comigo nos braços. Levei um tiro na testa e outro no ombro” (“Esy”).

Nas ruas, motoristas e pitboys, estes conhecidos pela violência com que atuam, fazem vigilância constante. “Pequeno”, “Bené” e “Brash” foram flagrados pichando marquises por um taxista, que segurava uma barra de ferro nas mãos, em Campo Grande. “Pequeno” não conseguiu fugir, foi agredido e voltou para casa “esculachado”, com duas lesões na cabeça, além de roupas e corpo pintados. Já “Musk” rodou para *pitboys* e teve a lata de spray e a motocicleta roubada. Os pichadores também precisam driblar milicianos e “soldados” que fazem a segurança de morros ou bocas-de-fumo. “Celeca”, “Ronga” e “Piri”, ao “rodarem” no Morro do Adeus, enfrentaram breve sessão de terror psicológico, com direito a arma na boca de um deles.

Nos anos 80, era comum “rodar” para grupos de extermínio ou matadores (responsáveis pela proteção de determinada área). “Runk” e “Ley 14” foram parados por quatro homens mascarados que dirigiam um Fiat 147, na Baixada. O breve interrogatório e a vista de documentos foram sucedidos por algumas tapas em “Ley”. “Depois da pressão, eles mandaram correr. Só paramos em casa. Sorte estarmos vivos” (“Runk”, que na época era menor de idade). Em 1988, “Sany” fazia “missão” na Praça Seca. Avistado por um homem, iniciou uma corrida, mas cessou diante dos disparos: “Ele me levou para uma casa cheia de instrumentos de tortura, corrente, pau de arara, forca. Mas como eu não tinha pichado nada, os caras me pintaram, me bateram e liberaram”.

Nem sempre são as agressões ou constrangimentos o que mais irritam os pichadores. Para muitos, ficar sem a lata é pior que as bordoadas, sobretudo, pelos custos que isto implica - o preço de uma varia entre 10 e 15 reais. “Celeca”, depois de “rodar” com “Funa” e “Bac” em Rocha Miranda, teve a “ferramenta de trabalho apreendida”. “Só colocamos um nome cada um, e perdemos a tala [lata], aí eu fiquei *boladão*”. Alguns choram pelos prejuízos com roupas e calçados. É o caso de “Play”, em outra missão mal-sucedida com “Musk”: “Os caras pintaram minha mochila da *Oakley* [marca de roupa] todinha. Preferia ter apanhado”¹³.

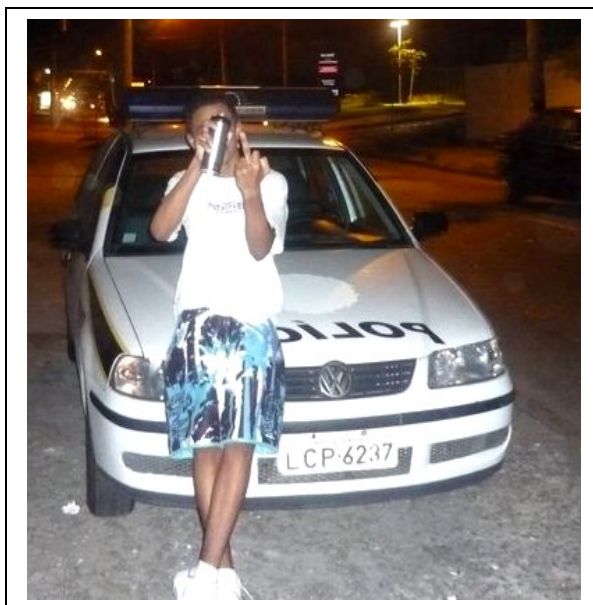
Por mais que gerem causos a serem desfiados no encontro com os amigos, estas histórias de pichadores sintetizam a intolerância das partes atingidas, a preferência por “fazer justiça com as próprias mãos”, a corrupção policial, o abuso de poder e o uso de medidas subjetivas para infrações prescritas em lei. Assim, um caso sem polêmica, muito menos de suspense, com vilões e vítimas bem definidos, ganha outro rumo quando a transgressão do pichador é acompanhada por outras tantas, e os papéis se invertem:

¹³ Também há registros de pichadores que revidaram agressões.

O desrespeito com os direitos humanos é claro. As leis foram criadas para garantir uma punição diante de um julgamento justo, mas aqui no Brasil a morte é algo natural não só para os policiais, mas para seguranças e os próprios moradores, que, por uma questão cultural, acham que a violência é o correto para estas situações (CASTRO, 2008:18).

Preocupados com a presença de adolescentes em situações análogas às narradas acima, psicólogos, assistentes sociais, defensores dos direitos humanos, entre outros, propõem a criação de políticas, bem planejadas e geridas, que garantam os direitos sociais, principalmente os citados no Estatuto da Criança e do Adolescente. (FERREIRA, 2008:142,144):

Não se trata de vitimizar ou desresponsabilizar o adolescente pelos seus atos, mas de dar condições para que se desenvolva de forma saudável no que diz respeito a sua condição mental, física, social, econômica e cultural. (FERREIRA, 2008:131)



*Arquivo Pessoal
Fink*

Ilustração 4- NA CARA DELES. Para Takeuti, “os jovens lançam-se na busca de espaços, meios e de signos que os façam conquistar sua auto-estima de modo a ‘safarem-se’ da situação de inexistência social e a pôr fim ao seu sentimento de ‘nadificação’” (Takeuti, 2002:41). Transgredir normas seria uma “espécie de restituição do ser que lhe é barrado, pelo sentimento de poder ser o sujeito da ação num ambiente social apreendido como agressivo, perigoso, rejeitador e conflituoso” (ibidem, 42)

Nem sempre perrengues e rodadas transformam-se, com o passar do tempo, em histórias com doses de humor. Há finais tristes, tramas com morte em seu cabo. A morte, por sinal, é o elemento negro do universo da pichação. Ela pode vir de todos os lados, na queda ou na repressão.

ENTRE O SUCESSO E A LAMA

1.6 A morte

Na sociedade moderna, a morte é representada por uma figura esquelética, encoberta por uma manta negra com capuz e portadora de uma foice em mãos. O negro, por ser ausência de luz, remete ao ponto final da vida. A foice, retirada das mãos do ceifador de trigo, desperta o medo, o choro, a dor. Um dos atributos da “Dona Morte” é ser democrática, não se importando com gênero, raça ou classe social. Embora seja “a única certeza da vida”, como se costuma dizer, homens e mulheres, com raríssimas exceções, ainda não sabem lidar com sua presença. Vê-la como amiga, não como inimiga, dar àquele esqueleto feições de um anjo-mulher, como faz Manuel Bandeira num poema¹⁴, requer uma mudança drástica de concepção. “Todas as culturas conhecidas [...] tentaram [...] estabelecer a ponte entre a brevidade da vida mortal e a eternidade do universo. Cada cultura ofereceu uma fórmula para essa proeza de alquimista. [...] Nossa geração talvez seja a primeira a nascer e viver sem uma fórmula dessas” (GIDDENS, 2005:81). E, com certeza, é a geração que mais sente os pesares do rompimento da vida:

O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual (MORIN, 1997:33)

A morte revela ao homem o “outro mundo”, “marcado pelo signo da eternidade e da relatividade” (DA MATTA, 1984:165-6). Um mundo onde esperanças, desejos e vontades se realizam, onde tudo se encontra ou passa a fazer sentido. Um espaço em que “tudo ‘será pago’ e todas as contas irão se ajustar com honestidade” (idem). Mundo de um tempo que não dura, nem passa, nem se perde na memória, mas que se reverte, pois se concebe como uma “zona eterna”. O “outro mundo” é a oportunidade de construir as compensações não realizadas nos conflitos e nos dilemas “deste mundo” composto de casas e de ruas. (idem)¹⁵

“A morte, como o sol, não pode ser encarada de frente” (La Rochefocauld). Mas é exatamente o contrário disto que o pichador faz. Ele a chama para um desafio, indo de encontro à cautela usada pela maioria; não por obrigação, como é o caso, por exemplo, de um montador de andaimes, mas porque ela é o contraponto, o anticlímax das missões a

¹⁴ Trata-se de O homem e a Morte

¹⁵ A Casa e a Rua serão trabalhadas no item 1.11 Identidades.

serem cumpridas, da caminhada rumo à fama, do gozo no ato de transgredir. É por esse motivo que a morte se configura como aspecto inquietante do universo da pichação.

Existem pichadores que, devido ao estilo, andam lado a lado com morte. São tão íntimos da sensação de morrer que acabam não respeitando o limite do que é ter medo ou respeito à morte. São os escaladores, os janeliros, os que picham em ferrugens, que acabam correndo riscos cada vez maiores em troca de deixar sua marca na parede. Um jogo de vida e morte, em busca de uma dose maior de adrenalina, onde no final ela, às vezes, ganha. A diferença ente o remédio e o veneno é a dose, quanto maior a dose de risco, o remédio adrenalina pode virar o veneno da morte. (“Nuno”)

A morte é tema freqüente de frases-pichação, protagonizando mensagens de temor e respeito e anedotas com “o outro mundo”. No dia em que viria a morrer, por coincidência ou premonição, Seif, menor de idade, lapidou numa marquise da Avenida Brasil a frase “A morte só assusta aqueles que a temem”. Depois que terminou a pichação, não se sabe ao certo se foi flagrado por seguranças da loja ou se, ao cair, despertou a atenção deles. De qualquer modo, os seguranças lhe aplicaram uma surra. Em casa, Seif “contou para a irmã que havia apanhado muito. Ela perguntou se ele queria ir ao hospital. A resposta foi não” (“Nuno”) ¹⁶. Seif deitou-se e morreu devido a um traumatismo craniano.

O gosto pela vida me fez olhar pra morte/ Se o campo está minado/
Não posso contar com a sorte (O Andarilho, Runk MC)

As causas da morte de pichadores em ação variam da queda de lugares altos até a reação violenta de populares, passando pelo despreparo de policiais para lidar com o transgressor. Entretanto, se colocados sobre uma balança os riscos e as missões interrompidas por alguma tragédia fatal, verifica-se certa vantagem do *xarpi* sobre a morte:

Não é tão comum morrer pichando. De quase trinta anos de pichação foram no máximo vinte pessoas que morreram em ação. Mais de 90% das mortes de pichadores se dá por outros crimes praticados. Tipo roubo e tráfico de drogas. (“Goaboy”)

Nos bastidores da “Xarpilândia”, a pauta de muitas conversas são mortes e acidentes graves. Os comentários são quase sempre contraditórios, havendo várias versões para um mesmo fato. Em matéria de incoerência, o caso “Vinga” é emblemático. O “rei da pichação” se aposentou em 1993, depois de atrair os holofotes da mídia e a revolta da sociedade com seus piches em igrejas e no Relógio da Central. Quinze anos depois, acumulam-se fábulas sobre que fim levou. Nas mais otimistas, ele permanece

¹⁶ No blogue “Páginas de Tinta”.

agindo em cidades do interior fluminense, converteu-se ao cristianismo ou se mudou para São Paulo. As pessimistas dão cabo de sua vida por vários motivos, entre eles, problemas cardíacos, decorrente do uso excessivo de maconha, e acidente de ônibus. Resumindo a história: os pichadores, antigos ou atuais, aguardam ansiosamente que ele deixe sua marca nos muros da cidade para celebrar seu retorno. Vinga transformou-se assim numa espécie de “Dom Sebastião” do *xarpi* – aquele rei português, talvez morto em batalha, cujo retorno foi aguardado pelos seguidores do sebastianismo por séculos e séculos.

Dos casos de pichadores mortos, um dos que mais geram discussão sobre seu enredo é o de “Rici” e “Veneto”. Depois de “rodarem” em Madureira, onde pichavam marquises, teriam sido flagrados por policiais, que exigiram como pagamento pelo silêncio a moto *Twister* que pertencia a “Rici”. Os dois recusaram e, por isso, foram vendidos para traficantes do Morro da Pedreira, que estava sob domínio do Terceiro Comando. Acabaram assassinados. Em algumas versões, há registro de torturas e esquartejamento. “Fort” é outro que teria sido assassinado. Ele assaltava uma loja de tinta, na madrugada, quando um segurança o flagrou, disparando em seguida tiros. Já “Pack” estava no beiral de uma marquise quando a janela da casa foi aberta por seu dono. Ele perdeu o equilíbrio, caiu e morreu ao bater a cabeça no chão ou ao se ferir em grades de ferro. Há informações de que estaria sob efeitos de droga. “Soat” também se desequilibrou numa marquise, erguida a três andares do chão, morrendo com a queda, possivelmente por causa de uma fratura no pescoço. “Mark” e “Vana”, por sua vez, em missões diferentes, caíram sobre fios de eletricidade. O último teve morte instantânea. “Mark” chegou a ser levado por religiosos para um hospital, aonde viria a morrer.

As mortes mais comentadas são as de “Bloody” e “Caixa”. O primeiro pichava um muro em dia de reunião na Penha, quando milicianos armados, sobre motos, o teriam assassinado. Para evitar novos crimes como este, os participantes de reuniões são aconselhados pelos organizadores a não rabiscar muros durante o evento. Já “Caixa” foi alvejado pelas costas por um segurança do estabelecimento em que “tacava nome”, no bairro de Neves, em São Gonçalo, em fevereiro de 2006. Ele, junto com “Kel”, formava o Casal Tinta da pichação. Dois anos depois, ainda recebe homenagens de seus companheiros e da ex-namorada, nas paredes, na internet e em *raps* do MC Leonel:

Eterno Caixa VR [sigla de Vício Rebelde] já ta no céu / Botava nome com o Tom, Soma, Ellus, Buda e Kel (Rap do Xarpi nº. 1, MC Leonel).

Ano de 2006, vários malucos presentes/ O Caixa infelizmente não tá mais com a gente. (Rap do Xarpi nº. 2).

Saudades do meu mano, acesse o endereço fotolog.net/caixavive (Rap do Xarpi nº. 3, MC Leonel).

Nas ruas, são vistas mensagens como “Caixa Vive”, “Para Caixa” ou “Saudades do mano Caixa”. A referência aos mortos é tradição no xarpi. Normalmente, o nome deles é antecedido pelo vocábulo “eterno”, cujo efeito é o mesmo de “falecido” e “finado” na linguagem cotidiana. Não importa se a morte se deu na pichação ou não. Todos são venerados. Embora “Caixa” e Cia, por perderem a vida no “ofício”, apareçam sempre revestidos de uma aura só concedida a heróis, mitos e lendas. Como diz Da Matta, “a morte mata, mas os mortos não morrem” (DA MATTA, 1984:173). No xarpi, como em toda a sociedade, “o morto serve como foco para os vivos, para a casa e para a rede de relações, vivificando e dando forma concreta aos elos que ligam as pessoas de um grupo umas com as outras” (ibidem, 171). O exemplo dos “eternos” orienta atitudes, influencia comportamentos e escolhas, cumprindo assim papel importante “neste mundo”. Em troca, a recordação, cuja intensidade revela o quanto aquela pessoa era querida. “Há saudade e há memória quando alguma forma de relacionamento persiste entre os vivos e os mortos” (ibidem, 169).

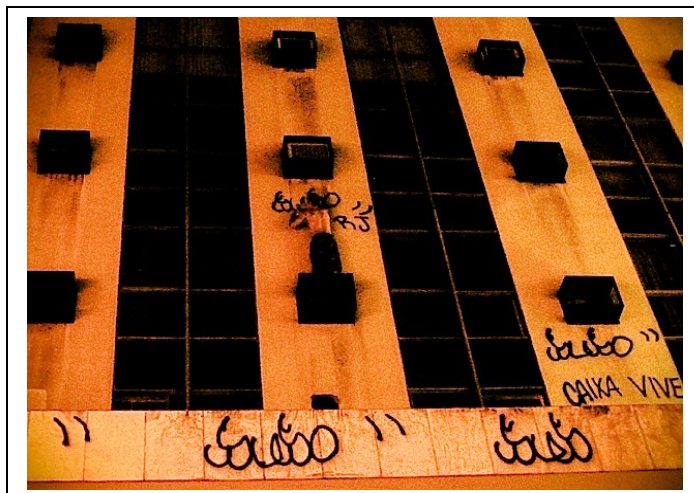
Mas não vou esquecer dos guerreiros/ Que pela tinta viveram e morreram./ BIN, RED, GIN, CAIXA, SEIF e SUAK/ Manos que com a tinta, tiveram destaque/ Não esqueço do SONAR, do VINGA e do LET/ Que usaram, Coralite, Ypiranga e Color-Jet/ CANTO, CRAC, MAR e PONGA/ Na correria da tinta, são homens de honra./ Muitos se foram como, KUKY, ZUK, FABY/ Mas graças a Deus, a gente tá aqui/ Sentindo falta de quem nos deixou (Rap de Nuno)

Os sustos decorrentes dessa vida recheada de situações-limite são a causa de muitas aposentadorias no xarpi.¹⁷ Foi o que aconteceu com Ásia. O pai da namorada dele descobriu que ele era pichador; exigiu a separação imediata e, ao encontrá-lo pela primeira vez, agrediu-o. Não satisfeito, dias depois, foi à casa do rapaz, acompanhado por um matador de aluguel. Ásia percebeu de longe a presença dele e pediu a intervenção do seu pai, que, coincidentemente, era amigo do homem incumbido de matá-lo. Meses depois, Ásia largou o *xarpi*. “Gugu” e “Nek” estavam em “missão” em Parque Paulista,

¹⁷ Em junho de 2009, quando já encerrada esta pesquisa, repercutiu no xarpi carioca o acidente com o pichador “Vuca”, que foi assim noticiado pela Rádio Tupi, em seu noticiário “Sentinelas da Tupi”: “Pichador cai de terceiro andar de prédio no Rio: um homem, de 25 anos presumíveis, caiu da janela do terceiro andar do prédio número 134, da Rua Visconde de Inhaúma, no Centro do Rio, quando pichava a fachada do edifício. Identificado apenas como Renato, ele foi socorrido por policiais militares e levado para o Hospital Souza Aguiar”. Nos dias seguintes, com “Vuca” em estado de coma, mensagens de apoio e torcida se espalharam pela internet.

bairro de Duque de Caxias. Depois de “rodarem”, foram amarrados debaixo da ponte da Estrada Rio-Magé. “Tentei o tudo ou nada e fugi dos matadores. O amigo Nek estava com os pés amarrados e ficou. No velório, a diretora da escola em que estudávamos me disse: ‘Gugu, assim termina a fama de um pichador’. Depois disso parei” (“Gugu”). “Micky”, numa missão mal-sucedida em Campo Grande, junto com “Playf”, apanhou de vigilantes, teve o corpo pintado e ainda tirou no par-ou-ímpar o azar de quem morreria primeiro. Seria ele, caso a arma não falhasse. Foram salvos por outro vigilante, que chegou em oportuna hora. Seqüelas de Micky: 30 pontos na cabeça, crânio levemente afundado no local das coranhadas, remorso por ter deixado a mãe em desespero pela madrugada, pesadelos constantes, vergonha pela humilhação passada e, sobretudo, extensos momentos de reflexão que, se não o aposetaram definitivamente, ao menos retiraram dele parte do encanto pelo xarpi. Por outro lado, na via oposta, está “Cobra”: o namoro com a morte não foi suficiente para retirá-lo das ruas, ao contrário do que ocorrera com “Ásia”, “Gugu” e “Micky”. “Cobra” levou um tiro quando pichava uma marquise, ficou parálítico e, mesmo limitado fisicamente, costumava sair para “lembrar os bons tempos”. “Nuno” também já esteve perto de morrer. Uma rápida troca de olhares com esta “dona” vestida de preto lhe deu a certeza de quão próxima ela é de todo pichador:

Beijei a morte uma vez em Copacabana, estava pichando uma janela, a moradora apareceu, ficou assustada. Tentei falar que não era ladrão mostrando a lata, mas foi em vão, ela veio pra cima de mim com uma almofada, e me empurrou, sorte que era apenas um andar, caí de costas, fiquei sem ar, olhava pra cima, via o desespero dela, não conseguia falar, e ouvia os gritos lá de cima: Ladrão! Ladrão, socorro! A queda foi em menos de dois segundos, mas passou um rápido filme na cabeça. Minha vida passou numa retrospectiva em quanto caía. Não sei explicar os motivos disso, mas tive a impressão depois, pensando no assunto, que era uma espécie de filme da vida, eu olhando para mim mesmo, enquanto me despedia dessa vida. Como se você estivesse num auto-julgamento, suas ações estivessem sendo mostradas para ver se valeu a pena!



Nina Franco

Ilustração 5 – A LEMBRANÇA dos eternos. Nina Franco, fotógrafa que prepara uma exposição sobre o xarpi, registra Nuno escalando edifício no Centro do Rio e a homenagem deste ao amigo morto: “Caixa Vive”.

Se a morte é o maior castigo, as amizades são o maior presente. Num meio em que a fama é a meta de muitos, os amigos conquistados são, ao fim de tudo, a principal herança dos tempos de pichação.

NA VIDA A GENTE VALE O QUE TEM

1.7 Amizades, rivalidades, ratações e atropelos

Na pichação, as amizades cristalizam o pertencimento ao grupo, enquanto a humildade reforça uma ética construída no decorrer dos anos. “A constituição dos microgrupos [...] se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação” (MAFFESOLI, 1987:194). Juntas, a amizade e a humildade vedam as brechas que a fama, a competição simbólica, enfim, os costumes do ato de pichar abrem. E permitem ao pichador apropriar-se de valores que raramente encontra no macromundo, onde dá vida a outras identidades.

Dez em cada dez pichadores, quando perguntados sobre os ganhos que a pichação lhes deu, respondem, sem hesitações, que são as amizades. A galera do xarpi, assim como outros microgrupos espalhados pela metrópole, apresenta a “finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos” (MAFFESOLI, 1987:8). Não a paixão sinônima do amor ardente, mas do apreço por hábitos e atitudes afins. Não os sentimentos focados unicamente na paixão, mas nas qualidades morais. As galeras de pichadores são, em outros termos, refúgios provocados pela “desumanização real da vida urbana” (idem). E quem sustenta o todo, o coletivo, o conjunto é o “nós”, a verdadeira expressão do grupo. Sob a ótica da amizade, estas galeras constituem “comunidades emocionais”, chamadas assim porque o vínculo nelas ocorre pelo afeto e por relações informais e emotivas, ao contrário do que se dá nas “sociedades mecânicas”, em que prevalecem tramas contratuais e normativas. Os interesses compartilhados e as afinidades são as estruturas das redes de amizade (MAFFESOLI, 1987:22, 62).

As relações afetivas são visíveis em vários momentos no xarpi. A começar pelas “missões”, realizadas em duplas, trios ou grupos maiores de amigos, embora também sejam comuns os pichadores solitários. Nas pistas, sob várias formas, eles estabelecem entre si um acordo de “ajuda mútua” – “a pedra de toque do código de honra que rege” todo microgrupo (MAFFESOLI, 1987:62): ombradas para subir, mãozinha para dar impulso ou para segurar o outro de cabeça para baixo, escolta para detectar a aproximação de policiais ou moradores... Esta “rede de solidariedade” nada mais é do que uma resposta à “solidão que o mundo engendra”. (idem). Só não existe muita conversa quando o assunto é dividir lata de spray. Nesse caso, é bom cada um levar a sua.

O grande momento de convivência são as reuniões, eventos nos quais usufruem das benesses que o “estar junto à toa” (MAFFESOLI, 1987) proporciona. Eles bebem, comem, comentam saídas, rodadas e perrengues, assinam folhinhas, revêem

companheiros, conhecem outros tantos, falam de problemas familiares ou profissionais, pedem ou dão conselhos, ficam sabendo dos locais onde a pista está “salgada” (perigosa). Fora das reuniões, as amizades são vividas, sobretudo, na internet, em suas ferramentas de conversa instantânea, relacionamento ou discussão; ou através de visitas ao local de trabalho do outro

De um modo geral, os laços de amizade na pichação carioca se fortaleceram nos últimos anos. Antes, era marcante a existência de grupos ou pichadores rivais. Nas siglas, havia a figura do chefe, criteriosamente escolhido para tal função por seus atributos físicos e capacidade de lutar (ARCE, 1999:132). Uma das rivalidades mais famosas era da dupla “Tane” e “Vinga”¹⁸. O primeiro foi um dos disseminadores da cultura do “eterninho” na pichação – deixava sua marca em locais onde demorasse a apagar, como pedras, tijolos e pastilhas. “Vinga”, por sua vez, era exímio escalador. Tane, ao comentar que não via o nome de Vinga nos muros quando saía para pichar, ouviu deste um insulto: “Com certeza você não vai ver, não picho onde cachorro mija”. “Vinga” também se desentendeu com “Canto” por causa de um comentário infeliz (de que o “rei do xarpi” poderia ter ido mais alto numa “parada” que pegou na Leopoldina). “Vinga” o desafiou: “Se você tem disposição, vai lá e pega mais alto”. Na semana seguinte, Canto não só “rebaixou” [escrever em cima de outro nome] o rival, como ainda deixou a frase “Missão cumprida 1993”.

“Tane” não só tinha “Vinga” como desafeto. Irritado com o fato de “Tay” só colocar “nome” próximo ao dele, o “rei das pedras” desejou saber o porquê da perguição. “Tay” respondeu: “Sua época já passou, você não existe mais. Agora a moda é ver Tay nas pedras”. De orgulho ferido, “Tane” não deixou por menos: “Então, a partir de hoje, vou colocar arame farpado em volta dos meus nomes, só assim você não fica mais me empulorando, pois o seu nome só aparece nas pedras porque você coloca sempre do meu lado”. Já “Mad” e “Ley 14” levaram uma desavença de escola para os muros da cidade. Certo dia, “Mad” emprestara uma caneta *pilot*, para “Ley”, que a repassou para outros colegas. Na retorno às mãos do dono, o *pilot* tinha a ponta danificada. Pensando ter sido “Ley” o responsável, como vingança, “Mad” deixou sua marca por cima da dele, recebendo do ex-amigo o mesmo tratamento. E a briga da escola foi parar nos muros.

Um dos grandes vetores de inimizades são as *ratadas*, *ratações*, *encostadas* ou *atropelos*, procedimentos que ferem, propositada ou equivocadamente, o ponto nevrálgico de todo pichador: o seu “nome”. “Ratar” é escrever em cima ou encostar no nome alheio.

¹⁸ Estas histórias foram retiradas do fotolog “Antigos e Atuais”.

Deve-se manter uma distância considerável de uma pichação para outra e jamais se infiltrar na sequência de nomes de um pichador ou de uma dupla de pichadores. Atropelar um nome, qualquer que seja, é um desrespeito às noites perdidas e aos perrengues passados na pista. Para “desenrolar” o problema, o “cagão ou comédia”, como é chamado o pichador que comete tais erros, pode pedir desculpas pessoalmente nas reuniões ou escrever próximo à ratação a frase “Foi mal, valeu”. Também não é admitido pichar sobre *bombing* ou grafites e grafitar sobre pichações.

A ratação motivada por richas pode deflagrar disputas simbólicas de caça ao nome do rival nos muros da cidade. Os “comédias” argumentam, muitas vezes, que não viram piche algum, pois estava apagado e a iluminação era imprópria. Noutros casos, pichadores mais novos, e, portanto, desconhecedores das regras, acabam encobrindo o nome dos mais antigos. Cabe aos inexperientes adaptar-se logo às tradições a fim de serem aceitos pelo grupo. Os atropelos mais lamentados são aqueles que rasuram a marca dos “reliquias” do xarpi (pichadores famosos e antigos), como “Vinga”, “Tane”, “Ley 14”, “Mad” e “Hair”. Atropelar um “reliquia” é afrontar a história da pichação carioca. Os “eternos” “Kil” e “Caixa” ratavam nomes com convicção. “Caixa sempre escolhia um que iria perder o lugar” (Nuno).

Além dos amigos, os pichadores apontam como ganhos proporcionados pelo xarpi a malícia para andar nas ruas; o conhecimento sobre bairros e cidades; as histórias de missões bem sucedidas, quedas ou rodadas; auto-afirmação; fama e reconhecimento; mulheres; satisfação pessoal e aventuras. Alguns, em tom de ironia, incluem entre os ganhos: pontos na cabeça, machucados pelo corpo e ficha suja na polícia. Entre as perdas, as mais citadas são as materiais, como dinheiro, seja em propinas para policiais ou na compra de latas; roupas e calçados sujos, rasgados ou roubados; bens pessoais, como celular e aparelhos portáteis de áudio. Ainda mencionam: amigos mortos em ação; desentendimentos familiares; separações conjugais ou com namoradas; demissões e oportunidades de emprego; reprovações na escola; noites de sono e problemas de saúde. Apesar dos prejuízos serem mais frequentes que os lucros, a maioria diz não se arrepender do que faz ou fez. E se pudessem retornar ao passado, não fariam difente.



Ilustração 6 – FRASES atropeladas de propósito em rua de Duque de Caxias. Embora seja um universo que valorize as amizades, não se espante se alguma reunião for interrompida por brigas. Frases provocativas, ratações, desrespeito a siglas, bebida em excesso, soberba e recalque são vetores que causam desequilíbrio nesse meio. “Coisas mínimas e máximas. Uma tinta, uma briga! Uma frase, uma vacilação! Coisas mínimas e máximas acabam com uma amizade!” (“Voga”)

As rivalidades não desapareceram. Ainda persistem. A inveja as motiva. Para impedir que o ambiente se desagregue, os pichadores relacionam entre si a partir da humildade – que se trata de uma virtude, não uma vontade, como costumam dizer.

O MELHOR É SER HUMILDE

1.8 Humildade e ética

A humildade (do latim humus, o que fertiliza o solo) cerceia a caminhada para a fama tão perseguida pelo pichador. Cerceia não sepultando riscos e disputas simbólicas, mas orientando os pichadores na relação entre eles, minimizando recalques, invejas e “ratações”. A humildade é similar ao superego: censura pulsões, desejos e instintos; submete o pichador a uma cartilha de interdições e deveres para com o próximo; e o reveste de virtudes. Se não é capaz de segurar o pichador na sua ânsia por superar limites, ao menos, serve de parâmetro para se apontar qualidades e defeitos nele:

Ser humilde aparece como elemento importantíssimo, se não imprescindível na conduta de um pichador. (...) Ela não é entendida como subserviência, nem como uma postura de se rebaixar ao outro e demonstrar as fraquezas. Dessa forma, ser humilde significa estar aberto às relações de troca, não se expressar com arrogância e nem adotar uma postura de superioridade. (Pereira, 87-8)

“Chegar na humildade” às reuniões é cumprimentar a todos, conhecidos ou não, poucos ou muitos. “Ser humilde” na roda de conversa é não desmerecer o outro ou se exaltar acima da medida. É o mais novo “trocar idéia” com os mais antigos sem

hesitações e vice-versa. Pichador “sem humildade” é aquele que se recusa a assinar o nome na pasta dos demais ou não é solidário durante uma missão, negando a dar ombrada, por exemplo. Aos soberbos, devota-se o mesmo tratamento ou se “atropela” nos muros. Como se vê, esta amálgama de respeito, admiração e modéstia é santo invocado em inúmeras ocasiões. Para “Nuno”, “respeito entre os pichadores é o que todo mundo tenta. Tem gente que tem vários nomes, mas não tem o respeito. Xarpi faz o nome, mas não faz o homem”.

Estas relações pautadas na humildade sustentam em seus nós uma ética “que faz com que, bem ou mal, uns se ajustem aos outros num território determinado” (MAFFESOLI, 1987, 27). Ao servir “de cadinho às emoções e aos sentimentos coletivos” (ibidem, 30) a ética vai cimentando os vários elementos que compõem o xarpi, dando-lhes corpo e alma de conjunto. É ela que afronta o pichador, impondo uma questão de duas alternativas: ser ou não humilde, ser o trigo ou o joio, ser admirado ou rejeitado. É assim que a ética nasce, da sensibilidade coletiva. “O que importa é você ser humilde, educado recíproco e verdadeiro, não adianta ser o pichador mais sinistro que, se ficar de marra, vai apanhar, vai viver sozinho” (“Ned”).

Quando o assunto é conduta na pichação, não é só a humildade que separa o joio do trigo. O trigo seria representado por aquele que respeita e acolhe o outro, não deixando ser consumido pela fama ou pela inveja. O joio inclui os membros envolvidos com outros crimes ou gostos pessoais, além dos pichadores que criam táticas para seu nome prevalecer sobre os demais ou que desprezam a harmonia das redes de amizades constituídas no xarpi. Muitos se aproveitam da facilidade em subir marquises e muros para furtar apartamentos e casas. “Caixa” fazia muito isso, roubando desde alimentos da geladeira até videocassete. E “Sui” morreu numa troca de tiros com a polícia quando tentava roubar uma casa em Santa Tereza. Fora estes, há sicranos que trazem para a “Xarpilândia” a rivalidade entre facções de crime organizado, como o Comando Vermelho, a Amigos dos Amigos e o Terceiro Comando, deixando nos muros as siglas destas ou fazendo delas motivo para discussões na “reú”. E há beltranos que carregam a bandeira das torcidas organizadas de seu time de futebol, que, nos anos 80, eram assíduas pichadoras, sobretudo a Young Flu, Torcida Jovem e a Força Jovem. (ARCE, 1999:132), fenômeno que perdeu relevância com o tempo. Já o usuário de drogas livra-se da rejeição, pois o consumo de entorpecentes é visto como assunto pessoal, não havendo interferência nas opções feitas por cada um – há inclusive uma sigla que faz apologia à maconha, a “Legalize” -, embora se peça para que não se droguem em reuniões:

Vamos manejar com as drogas, independente de xarpi ser um vício também. Coloca na sua cabeça xarpi é xarpi, drogas são drogas. Quer usa drogas usa em outro lugar, senão nossas *reús* vão acabar (Nath, entrevista para “Páginas de Tinta”)

Pichar não é só “coisa de macho”. Há mulheres no meio, em número reduzido, é certo. Elas chegam para dar leveza ao xarpi e participar de suas redes de amizades.

BRINCAMOS DE HOMEM ARANHA

1.9 As mulheres pichadoras

Ainda em ritmo lento, mas promissor, as damas estão invadindo a “Xarpilândia”, consagradamente um reduto de cavalheiros. A invasão não é exclusividade dos anos 2000, pois houve mulheres que demonstraram a mesma disposição nas décadas anteriores, com destaque para a Free¹⁹, nos anos 80, cuja caligrafia era copiada por muitos, Maluca, Ana e Grega, entre outras. Mas, dessa vez, elas parecem ter absorvido os mesmos ideais dos rapazes: fama e eternidade. E sabem que para construir um “nome” precisam agir como eles nos riscos assumidos para pichar e no desenrolo com policiais e moradores. Mulher no xarpi é uma lição àquelas que se deixam limitar pelo estereótipo do sexo frágil: “Tem muita mulher que admira, mas não pratica essa arte por achar que não tem disposição ou por conta do próprio machismo. Esse tabu tem que ser quebrado” (“Daman”).

Elas são a minoria e desempenham papel secundário, mas a simples busca por espaço e visibilidade carrega consigo a contestação e a transformação de valores vigentes na sociedade: “A mulher está aí para revolucionar e chocar. O que não acreditam que nós possamos fazer, nós fazemos e faremos mais. Não é questão de feminismo, até sou contra isso. Mas sei das nossas capacidades”, resume “Nath”. Para “Daman”: “O espaço da mulher na sociedade já teve grande evolução. Aos poucos, a mulher está ocupando o mesmo espaço do homem. Somos todos seres humanos, a diferença é que um é mulher e o outro é homem”.

A existência de pichadoras causa espanto, a priori, porque *fortalecem* uma subcultura delinqüente. E “delinqüência em geral é sobretudo masculina; (...) delinqüência feminina é sobretudo sexual” (CAIAFA, 1989:106). Muitas missões de

¹⁹ Free retornou à ativa no final de 2008, permitindo aos mais novos a contemplação de uma das mais caligrafias mais significativas da história do xarpi carioca.

pichadores passam despercebidas pelos olhos argutos de polícias, seguranças e moradores devido à presença de uma mulher entre os homens. “Eles pensam que é um casal andando na rua” (“Nath”). “Várias vezes, quando eu e um amigo pichávamos, aparecia alguém na rua ou na janela, e a gente disfarçava. A pessoa nunca imaginaria que estávamos ali pra pichar” (“Daman”).

A aventura de andar em bandos, enfrentar a polícia, desafiar as normas sociais é uma coisa de rapazes. Sobretudo porque a violência organiza em grande parte a experiência nesse tipo de grupo, em que a maior desenvoltura dos homens é para elas desvantagem. Força, bravura, virilidade – código de guerreiro, qualidades importantes para a ação do bando, e marcadamente masculinas. (CAIAFA, 1989:106).

Na pichação, o primeiro mito a ser desfeito é o da debilidade do corpo feminino. Elas precisam mostrar que são capazes de escalar prédios, “pegar” janelas e beirais, e até ferrugens, pois, no xarpi, atingir lugares inacessíveis é a expressão máxima da potência masculina. Na pista, em vez de receber ajudar, elas facilitam ocasionalmente a escalada de companheiros, oferecendo ombros, mão e pés. Uma das poucas desvantagens é estar com roupa inadequada quando surge uma missão: “Você está em algum lugar de saia ou de vestido, aparece um amigo com uma lata e chama para pichar, aí eu não vou poder subir em marquise”. (Daman).

Ser uma pichadora é algo engraçado, já que por sermos mulheres, grande parte do nosso meio nos vê frágeis, e nas saídas, nos limita, mesmo não sabendo nossos limites. Acho até que a gente dá um charme *p’ra* esse movimento. (“Nath”)

Nas poucas vezes que pichei com um desconhecido, ele não estava ligado que eu já era sagaz. Quando tinha que subir em alguma parada ou pular um muro ou grade ou ter que encaixar o nome num espacinho pequeno na pedra, o desconhecido falava “*pô* não dá pra tu pegar aqui não”. Eu falava “ih! Tá de bobeira, lógico que dá”. Aí mandava o nome ou subia na parada ou pulava o muro ou grade tranquilamente, e o maluco ficava “de cara”. (“Daman”)

Um desafio longe dos muros é agüentar a malícia de alguns pichadores, que as vêm com olhos concupiscentes. Os convites para pichar, frequentemente, ocultam segundas intenções, de um simples pedido para “ficar” até ida para motéis, aproveitando-se da efervescência da adrenalina que resulta do ato de transgredir. “Tem gente que acha que por ser mulher vai chamar para botar nome e, quando acabar a tinta, vai para o motel. Elas não gostam disso. Elas querem ser vistas não como mulher pichando, mas como pichadores” (“Nuno”). Na verdade, caem sobre as pichadoras que “representam legal” os refugos de meninas que circulam no xarpi não com objetivo de “colocar nome”, mas sim

de bajular os que mais se destacam, com carinhos ou elogios; ou daquelas pichadoras que não freiam as investidas dos rapazes e “fazem do útil o agradável”. “Mas quem é pichador de verdade sabe qual é a mulher que representa ou não no xarpi”, esclarece “Daman”.

Tem uns otários que pensam por que estão na “mídia” a gente vai dormir com eles. Tem quem pense que toda mulher que picha está atrás de um cara desses pra fazer a fama. E o pior é que, para nós, pichadoras, é complicado, a gente tem que se relacionar com pichador, uma vez que eles aceitam as saídas, as madrugadas em busca do rabisco perfeito. Mas não é por isso que qualquer um a gente tem que aturar, não é? (“Nath”)

Comigo nunca fizeram propostas assim, pois quando entrei para o xarpi, já conhecia muita gente desse meio. Então eles já estavam ligados que eu não sou dessas. Meu negócio era só sair para algum reggae ou Lapa e depois xarpi. (“Daman”)

A aceitação da mulher na “Xarpilândia” não é diferente da que ocorre em outros movimentos juvenis de predomínio masculino, e oscila entre os pólos da admiração e da rejeição. “O espaço ainda é pequeno e as meninas, em geral, desunidas. Em “réu” o pessoal é só elogios. Mas falso é mato. Tem em todo canto. Os comentários são de superpositivos até os mais maldosos” (“Nath”). “Alguns curtem, acham a maneiro, outros odeiam” (“Nuno”). Para os admiradores, as dúvidas quanto aos limites das meninas revelam mais uma preocupação do que preconceitos. Para os que vêem as mulheres como intrusas, a provação de audácia e nivelamento parece ferir-lhes o brio, o orgulho; e, assim, nesse caso, a “honra masculina” acaba se tornando um empecilho para um convívio aberto e harmônico, tamanha as restrições impostas. Costumam vê-las como “caga muro, que é quem só picha visões feias, piranha ou palha – pichador que tem pouco nome” (“Nath”). “A Kel, por exemplo, tem mais nome do que muito pichador. Há muita raiva de homem em cima dela. A Nath dá ombrada, levanta homem no ombro, pega janela” (“Nuno”). Daman, por sua vez, já “pegou” duas ferrugens na Linha Amarela: “Pelo fato de eu ser magrinha e baixa (1,60 m), conseguia me equilibrar bem pra andar naquele espacinho mínimo e ainda ter que me abaixar para botar o nome”.

A título de comparação, no movimento punk, tensões marcam as trocas entre homens e mulheres, principalmente, pelo fato de o bando, o movimento, não querer se “perpetuar no par”, o que leva à formação de gangues exclusivamente femininas (CAIAFA, 1989:110). Na periferia de São Paulo, as meninas do hip hop lidam com dificuldades de aceitação por parte dos rapazes, que, em suma, vêem na chegada delas uma tentativa de “ficar com todos” ou “tirar modinha” (WELLER, 129). No graffiti, há muita resistência

masculina no caminho para elas firmarem uma identidade (MAGRO, 2003). Em todos estes casos, pichação, punk, hip hop, a presença feminina sustenta uma “luta pelo reconhecimento enquanto mulheres no âmbito de uma cultura juvenil de forte representação masculina e de preservação do que se construiu como masculino nesse universo” (CAIAFA, 1989:110).

“Kel” foi uma das responsáveis por esta recente invasão de mulheres no xarpi. Ela ingressou neste mundo em 2002, por influência dos amigos “Soul” e “Naty” - que a chamou para fazer parte da sigla Inferno Feminino (IF), da qual era fundadora. “A Naty faleceu em novembro daquele ano, quando eu estava começando. A partir daí coloquei na cabeça que iria representar. Queria que a amiga se orgulhasse de mim onde estivesse, já que tínhamos milhares de planos que o destino não deixou concluir”²⁰. O desinteresse pelo xarpi das demais companheiras de IF motivou Kel a migrar para a Vício Rebelde (VR). A partir de então, sua trajetória seria marcada por um intenso relacionamento com Caixa, “seu primeiro amor”, com o qual formou o famoso “Casal Tinta”. “Gostava muito de pichar com o Caixa, mesmo ele tendo sido fominha à vera – ‘escoltava’ o melhor espaço direto, me deixando bolada – e me privado de pichar algumas paradas (risos). Mas ele me ensinou tudo sobre o xarpi, foi o meu grande e eterno professor”. A morte do companheiro em 2006, assassinado pelas costas por um segurança enquanto pichava, bastou para Kel anunciar sua despedida. “A pichação foi muito ingrata comigo”. Hoje, ela se dedica apenas ao graffiti.

²⁰ Entrevista para o blogue “Páginas de Tinta”.



Arquivo Pessoal
Nath

ção 7 – O JEITO mulher de pichar. “Nath” recebe ajuda de do amigo “Age” para pichar muro. Repare a bolsa sobre o ombro direito de “Nath”. As mulheres pichadoras normalmente passam despercebidas pelas rondas policiais e não causam desconfiança em moradores. Uma menção à Babi, Morena, Biga, Anarkia, Landy, Sidão, Ninfa, Mila, Bella, Dynha, Maluca, Grega, Ana, Jack, Naná, Muza, Kira, Jhenny, Mari, Jana, Taia, Gro, Aline, Lele, Lock, Lili, Loca, Kaka, Katy...

Além das mulheres, chama atenção a quantidade de adultos beirando os 40 anos que ainda picham. É a Geração 80. Se na sociedade em geral, o contato entre velhos e novos é ríspido, na pichação, não poderia ser diferente.

ANTIGUIDADE NÃO É QUALIDADE

1.10 Confronto de Gerações

A pichação não é mais um fenômeno exclusivamente juvenil, pelo menos para o conceito tradicional de jovem. Muitos “moleques” em atividade começaram a “colocar nome” na década de 80, na infância ou adolescência, motivados por amigos da rua ou da escola. Pararam na fase adulta, na barreira dos 20, por causa de trabalho, estudo, família, pressão de namorada ou pelo ambiente cada vez mais hostil aos pichadores. E retornaram recentemente, com a idade beirando ou se aproximando da casa dos 40. “Runk”, por exemplo, começou a pichar aos 11, em 1980, por influência de colegas. Aos 18 parou. Aos 36, por vontade própria, voltou a *xarpi*. Apesar da idade, Runk e os demais “xarpinossauros”, epíteto usado no meio, ainda podem ser chamados de jovens - e não se diz isso para agradá-los ou disfarçar o envelhecimento visível. Pode-se dizer que eles são “jovens intermináveis”, como concebe Canevacci (2005):

Cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável. Por isso assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único a nossa era: as dilatações juvenis. O dilatar-se da autopercepção enquanto jovem sem limites de idade [...] dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades. (CANEVACCI, 2005:29)

Ao voltar para as ruas, os “ratos” da antiga perceberam que o *xarpi* carioca havia mudado bastante em 20 anos. A começar pelas caligrafias: a deles não era limitada por três ou quatro letras, tão embaralhada, indecifrável como a da geração atual; ocupava mais espaço e, como a concorrência no presente é grande, perdeu uns centímetros para caber nos parques vazios deixados pela cidade. Falava-se à exaustão, naquela época, a língua do TTK [inversão de sílabas]²¹ que hoje se resume a algumas palavras dispersas no vocabulário do pichador, repleto de gírias do subúrbio, do funk e dos morros. Roubar latas de spray era inerente ao ato de pichar. Quem comprasse poderia ser discriminado pelos pares. O ato de comprar, por sinal, era burocrático demais: formulários, com nome, endereço e idade, precisavam ser preenchidos. Até as latas evoluíram, contando agora com variados tipos de birros, entre eles o FAT CAP. Sair para uma missão à noite acompanhava a certeza do retorno para casa somente no amanhecer. Não havia van, kombi, carros e motos à disposição. Apenas algumas linhas de ônibus. Escadas, cabos de aço, cordas amarradas no corpo, nada disso era usado nas missões. Nas pastas de

²¹ Mais sobre o TTK no capítulo 2.

assinaturas, um nome ocupava a folha inteira, agora se espreme entre tantos outros em quadradinhos cada vez menores. Antes, a violência era real, não somente simbólica, nos muros, como a de hoje. Os grupos eram chefiados por alguém que soubesse lutar. As brigas eram de socos e pontapés, não apenas nos muros. Só os perigos que, se não chegam a equivaler, estão muito próximos. Grupos de extermínios deram lugar a traficantes e milicianos. Passou a vigorar plenamente a “lei da propina” na relação polícia e pichador. Torturas e humilhações ainda são freqüentes. Os moradores permanecem irritados. E a morte continua sendo o maior castigo. A vantagem dos meninos de 2000 é a aceitação do graffiti pela sociedade, o que não havia naquela época. Daí, proclamar-se grafiteiro ajuda a fugir de “perrengues”. A maior de todas as diferenças é o xarpi virtual, os inúmeros blogs, fotologs e sites de relacionamento que dão velocidade à repercussão de feitos e sustos. Os anos 80 e início dos 90, efervescentes na história da pichação, foram sucedidos por uma década sem muito brilho, apagada. Houve problemas na passagem do bastão. E eles, os “xarpinossauros”, retornam agora para consertar isso.

[Eles são] Os grandes culpados, donos de caligrafias exímias foram os que influenciaram uma geração de gigantes. As letras dessa época, os estilos nada se compara. Antes tinha muita variação de cor, de nome e de letra, hoje vemos, em sua grande maioria, preto e branco fosco, lamentável. (“Ned”).

Alguns reclamam de corpos enferrujados, sem a mesma agilidade de antes, herança das cervejas, feijoadas e churrascos. Apenas a minoria ostenta um bom preparo físico. Subir em marquises ou escalar prédios é complicado. A preferência é pelas “paradas eternas”, como as pedras. Outros têm medo de serem descobertos, o que esfacelaria a moral como chefe de família, sobretudo como “exemplo” para os filhos. Eles podem ser divididos em dois grupos: daqueles que picham apenas para dizerem que estão vivos e relembrar o passado; e daqueles que voltam à ativa plenamente. Há “xarpinossauros” visando quebrar o tédio, a insípida rotina das responsabilidades trabalho-casa, enquanto outros, obcecados pela fama, vêm às ruas para marcar território novamente, afinal, seus nomes, com raras exceções, não resistiram à precariedade imposta pelo tempo.

Aqui dentro, o jovem, em vez de remover a morte, recusando os filhos e o envelhecimento, dissolve os enfaixados de idade, nos quais estava envolvido no passado e ultrapassa fronteiras. Esse ultrapassar as fronteiras das coações do passado até tornar-se adulto – termo que geralmente significa normativizar-se, parar, repetir o mesmo até a aposentadoria, fixar-se ao trabalho imóvel, bloquear as polifonias da afetividade – permite alongar a fase mais móvel e criativa do sentir-se jovem. (CANEVACCI, 2005:36).

Estes jovens pichadores atemporais, prolongados, intermináveis constituem a Geração 80 (G80). No frescor do retorno, insinuou-se um conflito entre as três as gerações do xarpi. Os muros sentiram-se pequenos diante de tantas mãos a balançar latas de spray. Os petizes reclamaram da imposição de hierarquia, dizendo que “antiguidade não é qualidade”. Os veteranos condenaram o desrespeito para com seus nomes nas paredes, pedras e marquises. A Geração 2000 se sente desvalorizada por não ter o tempo de estrada de seus ancestrais, e por raramente assinarem as pastas deles. Os “xarpinossauros” querem reconhecimento pelo pioneirismo. Acusações recíprocas de “atropelos” e “ratadas”. Um chamando o outro de “comédia”. Com o tempo, o agente “humildade” tratou de apaziguar os ânimos. Não obliterou completamente as desavenças, as manhas, o jogo de toques e não-me-toques. Mas o discurso das partes começou a mudar. “Eu me amarro em trocar uma idéia com os caras da antiga!”, exclama “Fink”, de 15 anos. “Gosto desse contato entre gerações, eles conhecem como é meu tempo, e começo a conhecer como foi o tempo deles”. (“Talibã”, de 16 anos). Assim, novos tempos se assanham. Tempo de admirações mútuas. Convivência fraterna nas reuniões. Saídas em comunhão. E assim, lentamente, o confronto vai virando encontro de gerações.

O andarilho quando parte carrega na sua bagagem/ A herança dos dinossauros que fizeram sua última viagem/ A mensagem quando é verdadeira não se descasca com o tempo/ A busca pela eternidade é pensada a todo o momento (O Andarilho, Runk MC)



Ilustração 8 ADOLESCENTES e adultos se reúnem semanalmente em Madureira. “A passagem da juventude ao mundo dos adultos tornou-se algo indeciso, uma espécie de zona cinzenta e lenta que se pode atravessar ou dilatar pelo sujeito. Os motivos para essa dilatação juvenil são múltiplas. Como o eu: multiple self” (Canevacci, 2005:29)

Os homens podem ser muitos num dia. Um em casa, outro na rua. Variados papéis e funções. Cada qual tem sua importância. Os problemas surgem quando uma identidade tenta alterar a ordem dos elementos nessa escala.

O NOME NÃO PODE SUPERAR O HOMEM

1.11 Identidades.

Se à noite se aventuram pela cidade, o que os pichadores fazem durante o dia? Ora, eles agem como qualquer outra pessoa de suas respectivas idades. Os adolescentes estudam, praticam esportes, navegam pela internet, vão às baladas com os amigos. Os adultos trabalham têm esposas e filhos. Entre eles, há empresários, autônomos, bombeiros, policiais federais, advogados, universitários, médicos. E mais alguns que não trabalham ou preferem ganhar a vida sorrateiramente, traficando ou roubando. Num mesmo dia, os pichadores caminham por múltiplas identidades – nada de anormal nisso, é assim com todas as pessoas; a diferença é que o papel-pichador pode comprometer os demais:

As pessoas transitam em variados papéis sociais, simultaneamente ou não, e assim conseguem de alguma forma, estar onde querem e nas companhias que querem em pelo menos uma circunstância de suas vidas, com maior liberdade de escolha, mesmo que até essa escolha passe por uma graduação. (GIDDENS, 2005)

“Ned” tem 27 anos, começou a pichar ainda na adolescência e, hoje, está prestes a se formar em jornalismo. Em casa, atende pelo nome de Raoni. A maioria dos amigos o chama de “MouChoque”, nome artístico do músico que costuma tocar pelas noites cariocas e de um donos da Rádio Legalize, veiculada pela internet. Ele observa:

O pichador tem no mínimo duas personalidades, a não ser que ele só faça isso da vida, mas acho que, assim como eu, 99% têm essa dualidade. Mas no meu caso essa dualidade é só pelo nome, porque tenho as mesmas opiniões e convicções, seja por Raoni, Ned ou MouChoque. (“Ned”)

O pichador vive basicamente entre dois mundos opostos: a casa e a rua, o privado e o público. Duas “esferas de significação social que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes” (DA MATTA, 1984:60-64)²². Espaços com visões de mundo e éticas próprias que exigem comportamentos diferentes. No código da casa, verifica-se um “discurso fundamentalmente moral ou moralizante” (ibidem, 53). Lugar calmo, de repouso, dominado pela família. Na rua “vivem os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral – ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais da família” (ibidem, 60). É lugar de ação, trabalho e luta. Na passagem de um mundo para outro, os pichadores sentem toda a força dessa oposição casa-rua. De chefes de família a transgressores da lei. De filhos e filhas a

²² O “terceiro mundo” foi trabalhado no capítulo 1.

“delinquentes juvenis”. Não se atravessa essas fronteiras facilmente. É preciso cautela da parte do pichador, já que as mãos sujas de tinta, as roupas manchadas e os ferimentos podem condená-lo, assim como as pastas com a assinatura dos amigos, que, por isso, devem ser bem guardadas, fechadas a sete chaves, senão viram cinzas nas mãos do pai ou da mãe. Muitas vezes, descobrir que o “menino criado com tanto carinho” virou pichador choca tanto quanto se fosse um bandido ou, em famílias mais conservadoras, um homossexual.

“Fink” é um bom filho; em casa, não lhe falta coisa alguma. Tem bom relacionamento com os pais. Estuda em escola pública, passa a maior parte do dia na internet, gosta de bailes, namora. Dos parentes, apenas a irmã, o tio e o cunhado sabem de suas incursões pelo submundo do xarpi. Porém, toda a harmonia de seu lar pode ser destruída pela malandragem da rua, como aconteceu com “Don”, que hoje se arrepende das noites sofridas de sua mãe. E com “Nuno”, que perdeu a “moral em casa”, sobretudo depois que o pai lhe buscou numa delegacia. A mãe ainda tentou convencê-lo a largar a rua. Em vão. Hoje, é sua esposa que vive essa angústia; não lhe proíbe, não coloca o casamento em situação de escolha, mas não dorme enquanto não o vê salvo. E se poderiam gastar linhas para contar a história de tantos outros que foram expulsos da moradia, surrados ou aprisionados pelos próprios pais.

Meu lado pichador influenciou na relação com todos, durante a adolescência foi muito complicado em casa com a família, pois sabiam que eu pichava e eu tentava negar, mas não tinha como. A quebra da confiança foi o que mais afetou o relacionamento, mas graças a Deus tenho uma família muito maneira que sempre conversou comigo e quis meu bem. Hoje a pichação também afeta a relação com minha família, minha mãe ficou bolada quando descobriu que, após quase uma década, voltei à velha "arte" (risos). Minha namorada desconfia, mas nego até a morte, é melhor rodar para pai e mãe do que para mulher, elas falam demais (risos). (“Ned”)

Na rua se encontram inúmeros agentes socializadores em situação de conflito entre si e com outros agentes, como a família e escola. A rua é “espaço de violência que atinge os adolescentes e os jovens na interação com o mundo da delinquência, do consumo de drogas, do crime, das agressões policiais ou de exterminadores” (SPOSITO, 1993:166). É local de encontro com inúmeras culturas que nela se desenvolvem, do rap ao graffiti. Nesse processo de socialização juvenil, a escola e a família perdem força. “Os laços com a família tendem a se tornar mais difusos” (ibidem, 164). A escola, “encarregada de transmitir os valores sociais mais amplos e de preparar para a divisão social do trabalho, [...] tende a ocupar um espaço menor no âmbito da socialização dos

jovens” (ibidem, 166). Neste vácuo aberto pela casa e pelos livros, são os agentes da rua que oferecem os meios mais fascinantes para a construção de uma identidade:

É pra rua que a gente vai/ É na rua que a gente cai/ A rua me criou/ A rua é meu pai/ A rua não trai/ A rua só me traz experiência/ Convivência com a violência é consequência da existência da lei da sobrevivência do dia a dia/ Se da rua tu for cria não pode ficar de barriga vazia/ A covardia sempre terá (A rua, MC Leonel).

“A primeira vez que alguém vai para a rua sozinho (menino ou menina), seguindo sua própria cabeça, acompanhando apenas as pessoas da sua idade, estando ‘naturalmente’ sujeito a todos os perigos e tentações que recheiam aquele espaço” (DA MATTA, 1984:64) constitui um ritual de passagem. Coisas e mais coisas são descobertas. Encanta-se ou se assusta. Lepra, b.boy de Duque de Caxias, até os 10 anos só conhecia, num certo exagero, o mundo da casa:

Eu sempre fui muito mimado pelo pai. Nessa idade, comecei a andar de bicicleta. Conheci o Rato, que foi criado em favela. Ele ficava implicando comigo, me chamando para sair. “Ah! Você é filhinho de mamãe, só pode ficar dentro de casa”. Ele me convenceu. Comecei a mentir para minha mãe, dizia que estava na rua de trás ou numa festa, e partia para outros bairros, sabia que ela não iria conferir. Já fui de Caxias a Copacabana pedalando. Me ofereceram maconha, mas não aceitei. Mas já bebi tudo que podia. Num pega de carro me apontaram uma arma. Como nunca tinha visto a rua do jeito que ela era de verdade, depois que peguei o costume, passou a ser tudo o que eu queria. Depois comecei a jogar CS [Counter Strike]. Disputava campeonatos. Ficava o dia inteiro na *lan house*. Dizia para minha mãe que estava fazendo trabalho da escola. Comecei a faltar aulas, reprovei um ano. Até que pedi para minha mãe um computador. (“Lepra”)

E Lepra assim retornaria à casa. “Ganhei um computador, arranjei uma namorada e fui abandonando a rua. Voltaria mais tarde, quando entrei para uma *crew* de b.boy”. Hoje Lepra convive bem com os dois espaços, a rua e a casa, sem preferências. Conseguiu não se deixar seduzir pelos “agentes do crime”, ao contrário de alguns amigos criados na mesma condição. Tal fenômeno, adolescentes crescidos sob fatores comuns tomarem rumos diferentes, não é raro. Por que uns são levados pelo crime e outros não? Zuenir Ventura já se fez essa pergunta e não encontrou resposta: “Como se explica que um mesmo ambiente social, idênticas condições econômicas e culturais, uma mesma situação grupal tenham produzido, numa geração, Caio Ferraz [sociólogo] e Flávio Negrão [traficante]?”, se indaga o jornalista. “É uma questão que desafia um mutirão interdisciplinar. Será preciso mais do que a sociologia – será preciso recorrer à biologia, à antropologia, à psicanálise”, conclui Zuenir. (VENTURA, 1994, 180).

A rua educa com educação bem diferente/ [...] Na rua se aprende muita coisa certa e muita coisa errada/ Tem que ficar esperto se tiver tudo deserto/ O errado é o errado/ E o certo é certo/ E, mesmo com a polícia por perto, me sinto indefeso/ Se eu não tenho dinheiro eles me levam preso/ Realidade do nosso cotidiano/ Sou do Rio de Janeiro/ Zona Norte, bairro suburbano/ Sempre dando calote, fugindo no pinote/ Porque sou da rua e não ando com meu malote de dinheiro/ Só rataria, só correria, aqui só tem os verdadeiros ratos de bueiro (A rua, MC Leonel).

Por trás de toda essa história, vê-se uma intensa busca por identidade, por responder à pergunta “Quem sou eu?” (GIDDENS 2005:74). “Eu” sou um conjunto de identidades, múltiplas e nômades. Algumas escolhidas por mim, outras “infladas e lançadas pelas pessoas em volta” (ibidem, 19). Elas estão em constante negociação e podem vir a se desentender. Mas caso eu consiga desenvolver habilidades para enfrentar tal situação, as “arestas ásperas” irão parecer “menos agudas e dolorosas”; os desafios “menos grandiosos”; os efeitos, “menos irritantes” (GIDDENS, 2005:19,20). Eu temo ser abandonado, excluído, descartado, medo de não poder ser o que desejo ser (ibidem, 99). Repousa em mim uma ânsia por encontrar ou criar novos grupos, de vivenciar o pertencimento (DENCİK *apud* GIDDENS, 2005:30). Busco “identidades nômades”, flutuantes, das quais posso me desfazer quando assim desejar. Renego as fixas, pois “uma identidade coesa, firmemente fixada e sólida construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (GIDDENS, 2005:60). E liberdade, neste caso, significa poder manifestar minhas preferências, não ser oprimido por identidades impostas. Afinal, como observa Magro, “criar identidades fixas é criar conjuntamente áreas de exclusão, de invisibilidade social, é confinar as possibilidades do ser a normas e valores que disciplinam os corpos e os aprisionam em suas próprias identidades” (MAGRO, 2005:37).

Mas tanta liberdade de escolha não é garantia de plena felicidade ou do fim das crises existenciais. Há sempre o risco de os múltiplos *selves* que compõem uma pessoa travarem entre si uma luta desgastante, com poucas possibilidades de empate, e total certeza de seqüelas. Como observa Giddens: “Em nosso mundo de ‘individualização’ em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro” (GIDDENS, 2005:38). No xarpi, o perigo está na busca exacerbada pela fama, que exige bastante dedicação, diminuindo o tempo para a família, a escola, os amigos:

O lucro para o pichador é conseguir atingir sua meta com êxito, sem ser flagrado, antes, durante ou depois de sua ação. A recompensa

maior é a superação de seu próprio limite. Há também o espírito competitivo, mas isso fica mais com os babacas que fazem da pichação o foco central de sua vida, e, sem perceber, perdem a essência, ficam numa guerra pessoal, se preocupando muito com o outro ao invés de fazer a parte dele. Com isso, a vida social se limita apenas a madrugada e a tinta spray. (“Ned”)

Na “Xarpilândia”, não se conhecia Pedro Augusto Batista Laurindo, mas sim “Caixa”. Pedro era um jovem que gostava dos Racionais MC’s e do Gustavo Lins, soltava pipa, tinha um semblante fechado, não gostava de falar muito. Pela influência de amigos, ganhou outra identidade, a de pichador. Nascia dessa forma o “Caixa”. A carteira de identidade deste não era uma cédula de papel plastificada, com o polegar carimbado; e sim os muros da urbe. Não era bilhete de exemplar único, primeira ou segunda via; mas inscrições que exigiam o máximo de reprodução. A Pedro faltava lugar para falar e ser ouvido. Caixa, enquanto pichador, era fonte de enunciação, produtor de discursos.

“Caixa”, não era um “agente”, “sujeito-agido”, fruto de condições sociais, históricas ou biológicas, muito menos um “ator”, aquele que apenas completa obras, jamais as cria, impossibilitado de se “tornar um ser-para-si” (MAGRO, 2003:46). Era, na verdade, autor, criador, genitor de uma identidade que o situava no mundo e lhe dava um lugar no púlpito. Ele, porém, não estava preparado para tomar seu posto; colocou suas múltiplas identidades como servas de uma só, a de pichador. Pedro não gostava de estudar. “Caixa” adorava escrever nos muros. O homem não gostava de trabalhar. O pichador preferia roubar. Com o tempo, o Pedro passou a ser mero complemento do “Caixa”. O homem passou a viver em função do “nome”, a roubar para alimentar o vício do pichador. Todas as identidades foram sublimadas por uma que jamais deveria ter largado o papel secundário. Caixa morreu pichando. Tiros pelas costas dados por um segurança. Um pouco antes, ele e um companheiro já haviam sido reprimidos naquele local. O amigo recuou e foi para casa, “Caixa” insistiu. O “nome”, enfim, superou o homem.

Assassinado com vários tiros no bairro de Neves, em São Gonçalo



Uma testemunha contou que rapaz foi perseguido e morto

AUGUSTO AGUIAR

Um rapaz aparentando cerca de 25 anos que vestia short preto e camisa e tênis vermelhos foi encontrado morto na madrugada de ontem, em frente ao número 2.484 da Rua Maurício de Abreu, no bairro de Neves, em São Gonçalo. Seu corpo apresentava

várias marcas de tiros.

Segundo populares, o rapaz teria sido visto frequentemente pelas redondezas pichando muros. Uma testemunha contou que por volta de 2h ele foi perseguido por um homem armado com revólver, que depois de efetuar os disparos abandonou o local. O caso foi registrado na 73ª DP (Neves).



Tem sempre uma boa oferta para você
NÃO PERCA A CHANCE
DE FAZER UM BOM NEGÓCIO

Ilustração 9 – A MORTE de “Caixa” noticiada por um jornal. “Vivendo intensamente a vida perigosamente/ Sou residente da rua e na rua a chapa é quente/ Tem guarda municipal batendo em camelô/ Tem assaltante assassino e seqüestrador/ Tem todo o tipo de gente que tu imaginar/ Se tu tem medo da rua é melhor tu se ligar” (A rua, MC Leonel)

OS ESPAÇOS DE COMUNICAÇÃO DO XARPI CARIOCA

O xarpi é a forma escolhida por muitos jovens para expor inquietudes, rebeldias, gozações, sentimentos, vaidades. Neste processo comunicacional urbano, os pichadores assumem geralmente os papéis de emissores e receptores, apesar de os canais de comunicação usados serem propriedades alheias ou públicas. Às vezes, convidam à baila o resto da metrópole. Quando desejam dialogar entre si, através de suas marcas ou “nomes”, optam por uma linguagem cifrada, caracterizada pelo embaralhamento dos signos usados pela sociedade na transmissão e na recepção de mensagens em seu dia-a-dia. Por outro lado, quando abrem este diálogo para os demais, sejam eles moradores, pedestres, motoristas, doutores ou operários, lançam mão do costumeiro bê-á-bá, e recheiam paredes e viadutos com frases, saudações festivas e dedicatórias de amizade e amor.

Além da escrita, os pichadores recriaram, nos anos 80, a língua falada através da manipulação de signos diversos, desde as sílabas que formam uma palavra até marcas de cigarro, originando dialetos, usados nos ônibus, num perrengue, pelo telefone, em casa. Estas transgressões da fala, da qual o TTK é o principal exemplo, perderam a importância com o passar das décadas. Mas, daquela época áurea da pichação, permanecem firmes e sempre renováveis as tradicionais reuniões, onde a fama e a amizade se concretizam. Já existe até uma premiação anual aos pichadores de maior destaque. Para além dos contatos reais, o xarpi adequou-se perfeitamente à era dos zeros e uns. Novos espaços de comunicação brotaram das telas do computador, de vídeos a textos, passando por fotos. E, assim, hoje as histórias destes rebeldes da noite não são ouvidas somente em praças e bares. Elas estão on, 24 horas por dia, 365 dias por ano. E parecem propagar-se com ânimo.

QUE O MUNDO VEJA!

2.1 Os nomes

Escolher um nome, uma alcunha, um apelido, um cognome é o primeiro ato de todo jovem ingresso no xarpi. Funciona como um ritual de passagem, similar ao batismo cristão, que prossegue com o trabalho de elaboração da marca (a escritura). Não é um ritual consciente, formalizado, e sim uma prática intrínseca a este universo. Ao ser “pensado pelo próprio sujeito como forma de representá-lo e diferenciá-lo do nome

herdado, sobre o qual não teve o poder de escolha, [...] o cognome funda o sujeito, personaliza-o, mas também o torna coletivo” (DUARTE, 2003:9).

“Há como que uma presença real no nome invocado. A invocação do nome evoca o ser” (CHEVALIER-GHEERBRANT *apud* RAMOS, 2008:48). Nasce dessa maneira a identidade-pichador, transgressora, subversiva, que se reveste de uma aura de segredo e anonimato como condição vital de sua existência. Mal acaba de escolher um “nome”, e o pichador deve silenciar-se – somente os pares ou os amigos mais chegados podem conhecê-lo como tal. Ele passa viver entre o reconhecimento e o anonimato, ao transitar por seus diferentes papéis sociais. “Um jogo entre o reino do segredo e das aparências” (DUARTE, 2003:9). E neste jogo, também é regra manter sigilo sobre o “nome” dos companheiros.

Na escolha de um apelido, o principal critério é optar por nomes curtos, de três a cinco letras, pois gastam pouca tinta e tempo – preocupação menos relevante nas gerações anteriores. Assim, “Brasil” foi reduzido a “Bras” e “Mosquito” a “Musk”. Não se deve copiar o nome de outro pichador, embora ocorram coincidências (existem, por exemplo, três “Soma”). Por isso, Stile trocou o y pelo i do seu “nome” por achar que já houvesse algum “Style” no meio. A maioria usa apelidos ganhos no decorrer da vida: “Bella”, “Mila”, “Nath”, “Kel”, “Dynha” (reduções do nome de batismo), “Grilo”, “Sadan”, “Hair”. Alguns recebem ajuda de amigos: “Saca” é criação de “Jiló”.²³

Nos anos 80, eram famosas as alcunhas “Zargo” e “Ley 14”. O primeiro é gozar na língua do TTK e o segundo, uma referência à lei estatal que proibia a pichação (ARCE, 1999:132). Um grupo de pichadores, entre eles Mr. Zoom, Magu e Jambo desenhavam carinhas ao lado de seus “nomes”, algo semelhante com que “Woop”, de Duque de Caxias, faz hoje. Seriados, programas de TV, personagem de games, brinquedos, grife de roupa, marcas de objetos etc são sempre fontes de inspiração. “Fox” deriva do jogo Star Fox. “Goaboy” contém o nome de um estado indiano, do qual o dono tomou nota numa reportagem do Fantástico sobre países que falam a língua portuguesa. “Sany” é inspirado no filme Grease, cuja protagonista se chamava Sandy (Olivia Newton). “Mory” vem de Morey Buggie, uma prancha de surfe, “Blade”, do filme “Blade Runner – O caçador de andróides”, e “Rock” do festival de música “Rock in Rio”, evento de grande repercussão em meado dos anos 80.

“Cobra” é referência a um dos vilões da série de brinquedos norte-americana G.I. JOE, o Comandante Cobra. “Tokaya” também é personagem dessa série. O “nome” nasce

²³ Informações retiradas das entrevistas dadas ao blogue “Páginas de Tinta”.

de um furto à Casa da Banha do Mercado São Sebastião, outrora alvo constante de jovens infratores:

Numa dessas investidas, veio um boneco dos Comandos em Ação, um carinha que tinha um uniforme todo preto e tinha um *husk* siberiano como melhor amigo. [...] Como pegar o boneco só seria sem graça demais, peguei com caixa e tudo e, ao chegar, num ponto tranqüilo, longe da vista dos seguranças, comecei a ler a ficha técnica do perfil do personagem. Adivinha o codinome do cara? Tokaya, assim mesmo com k e y. Foi paixão à primeira vista. (“Tokaya”)

“Skin” foi descoberto nos produtos cosméticos da mãe: “Buscava nome para colocar e, num belo dia, abro o armário do banheiro e vejo um creme de rosto da minha mãe, onde estava escrito ‘Skin Life’. Fiquei amarrado no ‘Skin’” (“Skin”). “Esy” é uma homenagem a três meninas (Edna, Simone e Yona). O nome “Runk” fora descartado por um pichador. O atual dono da marca perguntou ao amigo, na ocasião: “Qual o significado? Ele falou para mim: ‘Eu acho que isso quer dizer dedo’. Eu: ‘Dedo?’. Achei meio estranho no início, mas o nome é maneiro [...]. Eu pensei: ‘Se é dedo então eu irei sentar o dedo neles’ (ainda era época de regime militar)” (“Runk”).

Os iniciantes costumam trocar com frequência de “nome”. “Noy” substituiu “Dona”. “Ego” sucedeu a “Igo” (“meu nome sem o r, daí para o atual foi um pulo, me identifiquei com esse porque o xarpi satisfaz meu ego”). “China” virou “Real” (“tem muito haver com minha personalidade, mandar o papo reto”) e “Ban passou a ser “Playboy”. “Jack” foi trocado por “Shak” porque a “caligrafia não era das melhores”. “Raoni” deu lugar a “Mosca”, que perdeu o seu para “Ned”. E “Fink” já foi “Look” e “J.R”. Com o tempo, o desenho dos “nomes” costuma evoluir, sem perder a essência, mantendo certas características. Modificações simples como a ponta mais levantada do “r”, um “h” mais estilizado”, traços e pontos decorativos.

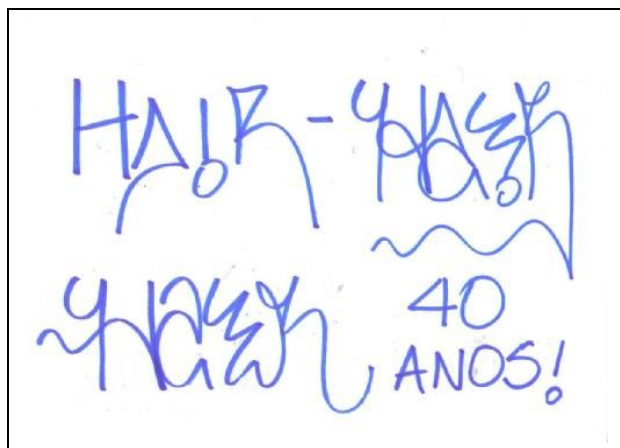


Ilustração 10 – A EVOLUÇÃO do nome de “Hair”, pichador de quarenta anos ainda na ativa, da Geração 80. Todas as letras sofreram modificações, com destaque para o inconfundível ‘i’.

Escolhido o nome, é hora de escrevê-lo. Uma vez na parede, a maioria dos nomes só será compreendida pelos próprios pichadores. No resto da sociedade, causará estranhamento.

ATÉ ANALFABETO LÊ

2.2 A escrita e a leitura

Até analfabeto lê?! Ao contrário do que diz a frase deixada na Avenida Brasil, talvez nem o mais culto dos homens consiga ler o que os pichadores deixam nos muros da cidade, exceto as frases feitas com tipografias compreensíveis. Para forasteiros da “Xarpilândia”, os nomes não passam de rabiscos, insistentemente monocromáticos, traços que se encontram por ventura. Essas garatujas, como Ruy Castro definiu, provocam uma sensação de estranheza, de impotência, de passividade ao extremo. Não carregando consigo a erudição necessária para decifrar tal escrita enigmática, ou imprimir-lhe sentido, o pedestre não hesita em considerá-la mera poluição visual.

Essas letras têm o jogo (...) dos rabiscos próprios da verdadeira escrita árabe, com sua exigência quase exagerada de entrelaçamentos que constroem cifras, bordados, heras; e também a seriedade do alfabeto gótico, feito de signos convexos e côncavos, de ângulos agudos, de improvisadas acelerações com subidas e descidas dos signos. Talvez seja devido a esta matriz obscura e misturada (...) que raramente se compreenda o sentido desses grafites. (CANEVACCI, 2004:204)

Repousa sobre essa estranheza parte da antipatia que o grosso da sociedade tem pelos pichadores – não esquecendo também as feridas abertas pelo patrimônio dilapidado. A pichação, para o leigo, é um signo no qual leitura e escrita não se casam. Segundo Certeau, na escola, todos aprendem a “ler paralelamente à sua aprendizagem da decifração e não graças a ela: ler o sentido e decifrar as letras correspondem a duas atividades diversas, mesmo que se cruzem”²⁴ (CERTEAU, 1989:263). Diante de um livro, o leitor é capaz de participar do processo de escritura, sem precisar, no entanto, refazê-lo. Ele “não toma o lugar do autor, nem um lugar de autor. Inventar nos textos outra coisa que não aquilo que era a intenção ‘deles’” (idem). Sendo assim, os olhos deste leitor, diante de um muro pichado, não vêem algo além da sujeira, e de nada lhe vale toda a “memória cultural” que construiu desde a alfabetização

Os pichadores causam incômodo na sociedade porque agridem a beleza dos ambientes e inserem mensagens em geral ininteligíveis, evocando um clima de descontrole por parte das autoridades, que se mostram incapazes de coibir essa prática deletéria. Se na época em que eu pichava eu não entendia a reprovação de meus pais, hoje compreendo perfeitamente a reação deles às minhas aventuras pela madrugada. (“Celacanto”)

²⁴ Certeau, no capítulo “Ler: uma operação de caça” de “A Invenção do Cotidiano”, estuda as relações que pautam o ato de leitura. Para ele, a apropriação da leitura está mais para o leitor do que para o escritor.

A escrita cifrada dos pichadores tem como público-alvo eles mesmos. Trata-se de um “código lingüístico secreto acessível somente para os iniciados” (SPINELLI, 2008:6). Quanto mais inelegível o nome, mais preservada estará a identidade de seu autor. Assim, o ato de escrever na pichação apóia-se sobre regras e repertório fundados no objetivo único de não ser decodificado. “Por mais que indiretamente eles acabem se comunicando com a cidade, o que querem realmente é comunicar-se entre si” (PEREIRA, 2003:13). Caso queiram passar mensagens a transeuntes e motoristas, através das frases, aderem à escrita tradicional.

A página sobre o qual o pichador escreve são muros, pedras, paredes, marquises, beirais, janelas, vidros, concretos, ferrugens. Quando avistam um destes suportes “em branco”, sentem-se no dever de gerir tal espaço. E assim, reaproveitando a descrição do processo de escrever de Certeau, ele “vai traçando na página as trajetórias que desenham palavras, frases e, enfim, um sistema”. Nasce um texto que simboliza seu poder de fabricar objetos. (CERTEAU, 1989:225) ²⁵:

O laboratório da escritura tem como função estratégica: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo. (idem).

Um recém-chegado à pichação geralmente sofre para construir uma marca codificada, recebendo a ajuda de amigos experientes. Com o tempo, através da comunicação oral, aprende a ler o nome dos mais antigos. Seus olhos são treinados para rapidamente associar uma marca a um nome, como faz com o logotipo das grifes de roupas preferidas, ou para, no caso dos mais avançados, detectar letra por letra de um “nome”. Mesmo assim, é comum encontrar pichadores que não conseguem realizar todas as leituras.

A maioria revela que, na infância ou adolescência, era atraída por aqueles traços deixados pela urbe. “O que me chamou a atenção foi um nome de tinta verde em Laranjeiras, numa janela. Depois descobri que era o Ponga [famoso pichador já falecido]” (“Nath”). “Sempre observei as pichações, desde que aprendi a ler e ficava tentando decifrar o que estava escrito” (“Ned” e “Shak”). “Gostava de ver os estilos dos rapazes na pichação. Mas nunca achava que um dia iria ser um” (“Sick”). “Me amarrava nas pichações que via quando era moleque, sonhava em subir nos lugares mais altos e deixar minha marca” (“Sany”). “Desde pequeno, eu olhava os muros e ficava viajando,

²⁵ Certeau define dessa forma o que é escrever, na seção “Escrever: prática mítica ‘moderna’” do capítulo “A Economia Escriturística” de “A Invenção do Cotidiano” (1989).

imaginando várias coisas, fiquei louco pela pichação” (“Seck”). “Sempre admirei os nomes, eu ficava abismado e num nível de perplexidade total quando via nomes novos. Eu parava e ficava observando e, então, resolvi mandar meus nomes também” (“Smel”). Estes e outros não foram acometidos por aquela sensação de estranheza; em seu lugar, o fascínio²⁶.

Na página seguinte, o leitor poderá fazer um breve exercício de decifração de nomes. Foram selecionadas vinte e quatro pichações, algumas de veteranos, outras de novatos. A identificação está na legenda.

²⁶ Entrevistas dadas ao blogue “Páginas de Tinta”



Ilustração 11 – Seguem os nomes: 1- Nuno; 2-Vitti; 3- Ranes; 4- Tool; 5- Fink; 6- Ação; 7- Kel; 8- Caixa; 9- Nath; 10- Micky; 11- Voga; 12- Blanc; 13- Mory; 14- Ponga; 15- Seif; 16- Sony; 17- Free; 18- Daman; 19- Jambo; 20- Cubano; 21- China; 22- Isak; 23- Lero; 24- Sany

Os pichadores se reúnem em siglas. O nome destas carrega muitos significados e são representativas da atmosfera que envolve seus membros. E tempos novos se aproximam na pichação: as siglas se reúnem em famílias.

NADA COMO UM OMBRO AMIGO

2.3 As siglas.

As siglas são os grupos, os bondes, os times ou as grifes de pichadores. O termo se refere às letras iniciais do nome do grupo, que, por uma questão de tempo e espaço, são as escolhidas para ir aos muros. Elas surgem da motivação de um ou mais pichadores com espírito de liderança ou de coletividade. Um pichador convida o amigo; este traz mais um e aproveita para carregar consigo o vizinho. Pronto, está formada uma sigla. O berço de nascimento geralmente são as esquinas da rua onde esses pichadores moram ou as escolas em que estudam. E sem muita burocracia para nascerem, sem precisar de ata de fundação, de filiação a uma instância superior ou de prestar contas a alguém, elas vão se multiplicando às dezenas.

Nascidas para representar uma rua ou um bairro, algumas siglas transcendem as fronteiras, chegando a reunir pichadores de diversas áreas e até cidades diferentes, desfazendo os contras trazidos por um possível bairrismo. Se duas décadas atrás, alguns grupos chegavam a contar com até 300 membros, hoje o número de cabeças é muito menor, raramente passa dos 10. Se naquela época, havia um nível mínimo de organização e hierarquia, com chefe, subchefe e gerentes, em estruturas semelhantes às de facções criminosas, bancas do bicho e torcidas organizadas, hoje no máximo existe respeito a quem teve a idéia de criar a sigla. A vida de um grupo permanece curta. Avançar dias, meses, anos, décadas depende apenas dos pichadores. Mortes, aposentadorias e transferências ajudam a enfraquecê-la. Ao primeiro abandono, os frágeis pilares que sustentam o grupo tendem a dissolvê-lo.

A fama das siglas é feita por seus membros, pela disposição destes em honrá-la “espancando” o que houver pela frente. Como forma de identificação, o pichador coloca ao lado de sua marca, a sigla a qual pertence. Alguns preferem colocar o bairro também; nesse caso, busca-se mostrar que tal localidade também está representada no xarpi. Nas reuniões, comenta-se qual a sigla que está mais na “moda”, tem mais “moral” ou é bem “divulgada”. Configura-se uma disputa simbólica, uma espécie de campeonato entre times de pichadores. Aos poucos, constrói-se tradição, atraem-se admiradores. As siglas passam a ter vida própria. É preciso apenas tomar cuidado para ela não ser “esculachada” por pichadores que se atrevem a vestir sua camisa sem permissão, o que inclusive torna necessário reunir os verdadeiros membros para prover medidas.

Não há regras fixas para ingressar numa sigla. Varia de grupo para grupo. Na maioria, basta mostrar interesse que se é convidado. Quando a grife tem muito “valor de mercado”, às vezes, é preciso fazer uma seleção. O postulante a vaga deve mostrar serviço nas ruas, pois é lá que sua disposição e coragem são verificadas. Há quem já prometeu tacar mais de 100 nomes em uma quinzena só para mostrar o quanto é disposto. Tem até líder de sigla que pede umas latas de spray como bilhete de entrada. Em caso recente, certo pichador manifestou o desejo de entrar na Humildes (H), que em 2008 comemorava 10 anos de existência. Duas foram as condições impostas: ter “nome” na pista (as fotografias ajudam) e sair com um dos integrantes, que avaliaria o proceder dele numa missão.

A escolha do nome de um grupo talvez seja a tarefa mais difícil do processo de criação. De preferência, não se devem imitar siglas existentes, mesmo que o significado difira. Os nomes eleitos, quando avaliados à distância, levam a várias conclusões:

1. Expressam o quanto eles são aficionados pelo xarpi através de palavras como amor, fanatismo e vício: AR - Amantes do Rabisco; FP - Fanáticos pela Pichação; AT – Amantes da Tala; OG – Obcecados pelo Grafite; GT – Guiados pela Tinta; NV – Neurônios Viciados; VS – Vício Satânico; VT – Viciado pela Tinta; PD – Paranóia Delirante; MAD – Maníacos da Arte Destrutiva; VSC – Vício Sem Cura.

2. Reproduzem, conscientemente ou não, a forma como a mídia os representa, sobretudo os referentes à criminalidade, rebeldia, delinquência e demonização: VR – Vício Rebelde; LD - Legião Diabólica; VN - Vândalos Noturnos; LDM - Legião do Mal; CR - Comando Rebelde; GRG - Galera Rebelde do Grafite; GSM- Grafiteiros a Serviço do Mal; NM - Novatos da Máfia; LR - Legião Rebelde; MR - Mente Rebelde; OR - Organização Rebelde; FR - Filhos da Rebeldia; VFC – Vandalismo Futebol Club; INDE – Inimigos do Estado; CI – Carrascos Imortais; OT – Organização Terrorista; FL – Foras da Lei; ME – Maus Elementos; DL – Desafiando a Lei; LI – Liga Infernal; TT – Terroristas da Tinta; DDA – Demônios Disfarçados de Anjos; DI – Desordeiros Indigestos; BDG – Bonde dos Delinquentes do Grafite; USS - União Satânica Socialista; RAD – Rebeldia da Arte Diabólica; DM – Demônios Malditos; GA – Grafiteiros Anarquistas; MP – Mente Periculosa

3. Realçam a localidade, incluindo no nome do bairro, a zona urbana ou a cidade da qual os pichadores são “crias”: TPI - Turma Pirata de Inhaúma; TC - Turma da Constante; BDS – Bairro da Saúde; EN - Esquadrão Norte; GG- Galera da Gávea; GO – Grafiteiros da Oeste; VCN – Vândalos de Coelho Neto; VC - Vândalos do Centro; DGL -

Demônios da Glória; **MC** - Malditos do Centro; **MB** - Maldição de Brás; **GBS** – Gangue de Bonsucesso; **TS** – Terrorista da Sul; **DSG** – Desordeiros de São Gonçalo

4. Focam aspectos inerentes ao ato de pichar como a noite, a adrenalina, as letras enfumaçadas do spray, a transgressão, a humildade, a juventude: **EDF** - Esquadrilha da Fumaça; **GE** - Grafites da Escuridão; **CJ** - Comando Jet; **AS** - Anjos do Silêncio; **VN** - Vultos da Noite; **EDF** - Ex-quadrilha da Fumaça; **DV** – Destruidores do Visual; **H** – Humildes; **TN** - Transparente Noturno; **IM** – Impossíveis da Madrugada; **ID** – Invasão a Domicílio; **BX** – Bonde do Xarpi; **IC** – Induzidos pelo Crime; **AC** – Arte Consciente; **MA** – Movimento Alternativo; **OC** – Ousados e Criativos; **AV** – Adrenalina e Vício; **RV** – Risco de Vida; **VA** – Vício Arriscado; **T** – Transgressores; **RT** – Ratos Noturnos; **LJ** – Louca Juventude; **LJP** – Legião de Jovens Pichadores; **LM** – Largados no Mundo; **AO** – Anti-opressão; **MAP** – Menores da Arte Proibida; **163** (artigo do código penal referente à pichação); **PE** - Pichadores de Elite; **T.I 44** - Traficando Informação, 44 = maluco duas vezes; **FE** – Fama Eterna; **IN** – Insanos; **288** (artigo do Código Penal referente à formação de quadrilha); **IU** – Instinto Urbano; **FU** – Força Urbana; **US** – Usuário do Spray; **LT** – Lei da Tinta; **GS** – Geração Suicida; **IT**- Infratores da Tinta.

5. Fazem apologia às drogas: **BC** - Bandidos da Cocaína; **L** – Legalize; **AM** - Amantes da Maconha; **TM** – Tinta e Maconha; **CM** – Cachaça e Maconha.

6. Expõem gostos do grupo relacionados à música, lazer, bebidas preferidas: **RMC** – Rock, Mulher e Cana; **TW** – Trip Wave (de surfistas); **HC** – Hard Core; **51** (bebida alcoólica); **88** (bebida alcoólica); **W** – Warriors.

Nos últimos anos, surgiu um novo conceito de grupo de pichadores: as famílias. O objetivo não é substituir as tradicionais siglas, mas reunir representantes de diversos grupos numa mesma assinatura, principalmente os mais famosos. Por isso, informalmente são chamadas de “seletintas”. Ser convocado para alguma é mais uma meta declarada pelos novatos. A **G80 (Geração 80)** foi a primeira família de pichadores, sendo formada apenas pelos “xarpinossauros”, aqueles iniciados na “arte” há no mínimo 20 anos. Depois, foi fundada a Família Cinco Estrelas (**5***), com um discurso de unir amigos ao redor dos valores da humildade, igualdade, disposição e democracia (CASTRO, 2008:16). A terceira família é a **40° (Quarenta Graus)**, criada por “Dosi”, inspirado nos exemplos anteriores. Pequenos desentendimentos marcaram o início da relação entre a **5*** e a **40°**, mas o pedido por paz e união no mundo do xarpi fez tanto efeito que hoje é comum ver integrantes das duas seleções juntos em missão. Ainda é cedo para saber quais os

benefícios para a pichação carioca estas famílias proporcionarão. Percebe-se, no entanto, que, juntos, os pichadores demonstram-se mais preparados para a realização de eventos de grande porte como o Xarpi Rap Festival, uma espécie de Oscar da pichação.

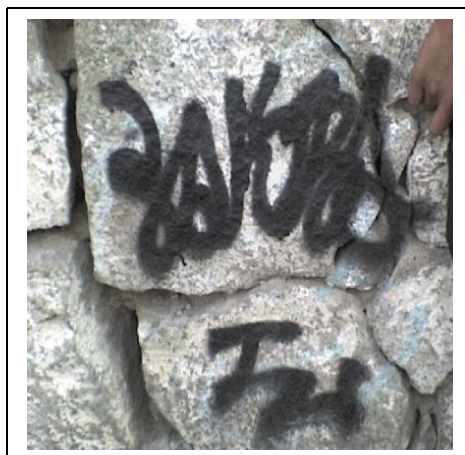


Ilustração 12 – TALIBÃ deixa sua marca na pedra e coloca abaixo a sigla a qual pertencia, Instinto Urbano:. “Eu comecei a me interessar passando pelas ruas, vendo vários nomes, tentando ler! Aos poucos fui gostando até adquirir coragem de botar um nome de Jet”.

Além dos nomes, os pichadores deixam frases pela cidade, cuja escritura permite a leitura de todos. Difícil é saber qual a mensagem a ser passada. Ao menos, assim, cada pessoa lê do jeito que lhe convém.

QUEM NÃO VÊ TÁ CEGO

2.4 As frases.

Escrever frases é a forma encontrada pelos pichadores para se comunicar com a cidade, uma vez que os “nomes”, de difícil decodificação, exigem certo grau de conhecimento. O conteúdo vai do protesto à provocação, passando por saudações diversas. As frases também tornam explícitas as rivalidades entre pichadores, motivadas, talvez, por alguma crítica ou desafio lançados em reunião. Elas incitam o adversário a fazer melhor, a subir mais além, ou condenam determinadas atitudes. Trata-se, na verdade, de uma competição simbólica, em que é válido irritar o rival: “Sky” e companhia botaram a frase “Espancando” em prédio da Rua São Francisco Xavier. “Bla” e seus parceiros os rebaixaram logo depois escrevendo “Nem tanto”. E no terceiro ato dessa história, “Sky” pôs fim à discussão nos muros: “Quem tem boca fala o que quer / Deixa de blá, blá, blá”. Somente quem é do meio, e nem todos dele, conhece o contexto em que certas mensagens aparecem. Algumas não se destinam à população, mas por não serem blindadas ou confidenciais, acabam recebendo leituras diversas de pedestres e motoristas,

ganhando novas interpretações, novos significados. A frase “A inveja dos fracos é não conseguir alcançar meu sucesso”, deixada por “Kadu” na Avenida Brasil, com certeza, é um recado para alguma desavença dele. Mas, lida por qualquer cidadão, pode ser subtraída de seu sentido original, abrindo possibilidades de reapropriações.

Os muros, na intervenção dos pichadores, também servem para anúncios de despedida (“Parei”) ou de retorno ao *xarpi* (“A fera voltou”; “O retorno de Jeday”; “Voltei”), assim como para pedidos de perdão por algum atropelo (“Foi mal Runk”). Os pichadores mortos, independentemente do motivo, são sempre lembrados: coloca-se o “nome” deles sucedido pelas palavras “vive” ou “eterno” ou antecedido por “saúde”. “Bak Vive”, “Seif Eterno”, “Saudades do mano Vinga”, “Candinho, Descanse em paz”. Aos pichadores presos, deixa-se um singelo pedido de liberdade (“Liberdade para Mano Vega VR”). Por fim, muitas pichações são dedicadas a amigos e parentes, como pai, mãe, filho e namorado (a): ao lado da marca no muro coloca-se o nome da pessoa homenageada: “P/ Amanda”, “P/ minha mãe”, “P/ meus filhos”, “P/ os camelôs do sinal”; “Para os invejosos”. Não satisfeitos, outros escrevem verdadeiras dedicatórias: “Mãe, eu te amo”, “Eu amo minha esposa”, “Adriano, pai te ama”. O resto da cidade não fica de fora e é sempre agraciado nas datas festivas do ano: “Feliz 2008!”, “Feliz Dia dos Pais”, “Feliz Natal”.

Viadutos e marquises são assim transformados em cartões de mensagem. Sentimentos particulares viram demonstrações públicas de apreço e carinho. Percebe-se nisso uma necessidade de vazar as emoções residentes no privado, de deixá-las fluir por múltiplos corpos. “As grandes paredes transformam-se em espaço onde se imprimem nomes e declarações tradicionalmente inseridos no âmbito cotidiano” (ARCE, 1999:139). Esse pessoalismo extremo incomoda a sociedade, para quem o esforço de pichar, se não encontra impedimentos, deveria ser canalizado para motivos mais nobres, como, por exemplo, a denúncia social e política: “Os pichadores da minha época, entre os quais eu, eram universitários que escreviam ‘Abaixo a ditadura’ ou ‘Não ao FMI. (...) Não eram mensagens extraordinariamente complexas. Mas os de hoje nem isso” (Ruy Castro, crônica). A bem da verdade, são poucos os jovens que ingressam na Xarpilândia por motivações políticas. Alguns só vêm a adotar tal postura com o passar do tempo e depois de haver adquirido consciência dos efeitos que sua prática acarreta:

Meu empurrão para a pichação não vem da vertente política. Fui descobrindo minha insatisfação aos poucos. Viso uma missão com frases políticas sim. Inclusive peguei uma janela na Vila da Penha com o “Tokaya” e a frase foi “Falha no Sistema!”. Foi duplo sentido,

mas nas vésperas das eleições, seria visto pelo lado político também (“Nath”).

As frases-pichação têm como características principais a síntese e a ironia. A síntese é consequência da rapidez com que o ato de pichar ocorre – “com poucas expressões, deve-se dizer tudo” (DUARTE, 2006:15) ²⁷. E o bom-humor ou ironia se apresentam “tanto pelo dizer como pelo fazer, como pela relação entre o dizer e o fazer contrariando o que está dito, pela ridicularização e desdém do ali exposto anteriormente” (idem). Quanto ao conteúdo, as mensagens podem ser classificadas em políticas ou de protestos, paráfrases ou reproduções, cômicas e de acordo com as funções de linguagem no modelo proposto por ROMAN JAKOBSON no livro *Linguística e Comunicação*, de 1970.

1. METALINGÜÍSTICAS, INFORMATIVAS ou EMOTIVAS. Estas três funções da linguagem agrupam boa parte das frases. A partir da primeira, a pichação volta-se para si mesma a fim de exaltar alguns dos seus elementos, como a fama, a adrenalina, a transgressão, o risco. Com a segunda, descreve a realidade do ato de pichar, informando, por exemplo, sobre perrengues e rodadas. Com a última, o pichador dá vazão à subjetividade e torna explícitos vícios e virtudes, assim como sua opinião sobre determinados assuntos. Algumas mensagens são produzidas in natura, sendo espontâneas, catárticas e só compreensíveis a partir de dado referente. Numa tentativa de nortear o leitor acerca da classificação aqui apresentada, as frases estão separadas por cores: vermelho para as metalingüísticas, azul para as informativas e verde para as emotivas. Por se tratar de uma leitura, a classificação é subjetiva, podendo o leitor corroborar ou ir de encontro a ela. Uma frase pode pertencer a mais de uma função.

- **O conteúdo da mensagem é o ato de pichar** (os pichadores comentam a própria ação, evidenciando riscos e problemas; e refletem sobre os diversos elementos do xarpi):

1. Estamos de passagem, mas não viemos a passeio

²⁷ DUARTE (2003), analisando o piche gaúcho e o uruguaio, classifica os textos-pichação em: (1) afirmação de uma identidade comunitária; (2) configuração de um sujeito, da afirmação de sua identidade; (3) inconformidade com o sistema; (4) marcação de um território; (5) globalidade/localidade; (6) explicações metalingüísticas; (7) relação entre o conteúdo dos textos e o suporte; (8) tensão às normas morais exercidas sobre o corpo sexual.

2. Quando o tudo se resume a isso (*Kabal, a partir da música “Fórmula Mágica da Paz”, dos Racionais MC’s*)
3. Fazemos riscos correndo riscos (*Faixa e Kabal na Avenida Suburbana*)
4. Necessidade de spray, poética das ruas
5. Coisa de cinema (*Nuno e Isak, na Avenida Brasil*)
6. Gerando comentários (*na Penha*)
7. Essa é a nossa meta! (*na Rodovia W. Luiz, a partir de letra dos Racionais MC’s*)
8. No começo é apenas uma brincadeira, mais dps [depois] acaba virando vício (*Caixa*)
9. Marcando os caminhos por onde já passei (*Nuno, na Ilha do Governador*)
10. Nada como um ombro amigo (*Nuno e Rito, em Village*)
11. O show está apenas começando (*Bla e Cola na Avenida Antônio Carlos*)
12. Ou tudo ou nada (*em Bonsucesso*)
13. Lugar certo, hora errada (*Nuno na Ilha do Governador*)
14. Simpes, digo simples, voltei pra corrigir (*Nuno na Ilha do Governador*)
15. Sobre o olhar sanguinário do vigia (*Sucas e Filé*)
16. Pra gente ainda é pouco (*Faixa, Filó e Ação na Avenida Pres. Vargas*)
17. Rodei, fudeu! (*Jax*)
18. O medo existe pra você demonstrar coragem (*Sui*)
19. Nem tudo é como eu quero (*Kadu*)
20. O vício é cruel (*na Leopoldina*)
21. Isso é uma marola (*em Jardim Primavera, Caxias*)
22. Isso é ilusão (*Kadu na Avenida Brasil*)
23. Persistência é o que leva a perfeição (*na Rodovia W. Luiz*)
24. Sem ter medo de errar (*Sucas*)
25. A rebeldia continua... (*no Caju*)
26. Mais foda ke a Vila Mimosa
27. Brindo a vida (*no Flamengo*)
28. O vício manda na alma (*Nuno em Copacabana*)
29. Às vezes faço o q quero (*Syka e Sud, a partir de música do grupo Charlie Brown Jr.*)
30. Às vezes faço o q tenho q fazer (*Syka e Sud, a partir de música de Charlie Brown Jr.*)

- **O conteúdo é o pichador** (através do “eu” ou do “ele”, o pichador se auto-define, exalta suas habilidades e revela os valores que lhes orientam o comportamento):

1. Os nomes apagam... As amizades ficam (*Nuno e Denty*)

2. O pixador nunca desiste
3. Humildade prevalece! *(na Avenida Brasil)*
4. O melhor é ser humilde *(Nuno e Ari na Avenida Brasil)*
5. Pura afinidade com a tinta *(na Avenida Washington Luiz)*
6. Aqui não tem dublê *(Nuno, no alto de um prédio na Av. Brasil, a partir da letra de “Capítulo 4, Versículo 3”, dos Racionais MC’s)*
7. O fim de uma história, o início de uma lenda *(Soma e Plaf, Av. Suburbana)*
8. Brincamos de homem aranha *(Kabal e Vely, a partir de letra de MC Leonel)*
9. Nas loucuras da vida, ainda sou normal *(Kabal)*
10. Não somos novela! *(na Penha)*
11. Não somos gari, + varremos legal *(na Leopoldina)*
12. Sou doente! *(Fino)*
13. Rato velho vira morcego *(Quima, Abra, Vuca)*
14. A raposa velha perde os dentes, *mais* não perde o vício *(Plaf - Av. Suburbana)*
15. Disposição p/ o mal e p/ o bem! *(na Av. Brasil, a partir de letra dos Racionais MC’s)*

- **Morte e vida.** O elemento negro da pichação, a morte, e seu oposto, a vida, são temas freqüentes em frases. Pichar é aproveitar ao máximo a energia e a disposição oferecidas pela vida – discurso corrente no seio da juventude. Mas também é colocá-la sob o mais alto risco.

1. Pichando ou não, todos morrerão *(Tup, no Grajaú)*
2. Pixador ã morre vira lenda *(Pany)*
3. O gostoso da vida é viver! *(Fuga e Blah)*
4. Se a morte é um descanso vamos viver cansados *(Vely e Soma, em Del Castilho)*
5. A morte condena a vida *(Kadu em São Cristóvão)*
6. Uma chama que nunca se apagará *(Seif)*
7. A morte só assusta aqueles que a temem *(Seif)*
8. Só Deus sabe a minha hora *(no Cais do Porto)*
10. Q Deus me dê muitos anos de vida *(na Leopoldina)*

2. **FÁTICAS OU CONATIVAS.** Através de mensagens conativas, os pichadores tentam influenciar o comportamento de seus destinatários, sejam eles amigos ou rivais do *xarpi*, proprietários de casa, policiais, pedestres ou vigias. São comuns, por exemplo, pedidos

para olhar ou admirar a “obra”. Nas fáticas, buscam atrair a atenção de seus interlocutores, testar a eficiência do canal escolhido para comunicar, seja através de sinais gráficos, como setas, ou de breves saudações ou cumprimentos, como um “boa noite”, cujo *feedback* não é esperado. Nesta categoria, incluem-se ainda as frases de carinho dedicadas a pessoas íntimas, as homenagens a pichadores mortos, aposentados ou presos e outras que comportam teores de agressividade, provocação e ameaças. Poucas frases fáticas, na cor laranja, foram listadas abaixo devido à redundância – boa noite, bom dia, feliz dia dos pais, feliz natal etc. Mais exemplo de frases fáticas nas ilustrações.

- **O destinatário é outro pichador** (estas mensagens ganham outro significado quando lidas por pessoas não pertencentes ao meio; o referente e o contexto estabelecem diferenças consideráveis).

1. Antigüidade não é qualidade (*Tala, Tol e Ari na Av. Brasil*)
2. O recalque de vários comédias (*Filó e Ação na Praça XV*)
3. Nossa meta é 10. 9,5 nem rola (*Caixa e Sel, a partir da letra de “1 por amor, 2 por dinheiro”, dos Racionais MC’s*)
4. 2 ou 3 é mole, eu quero ver só (*na Avenida Brasil*)
5. O recalque é apenas uma forma de expressar admiração (*na Perimetral*)
6. A revolta dos fracos é não conseguir chegar ao meu sucesso (*Kadu*)
7. Nós é luxo, o resto é lixo (*Kadu e Kabal na Avenida Brasil*)
8. Disfarça e olha (*Nuno na Avenida Passos*)
9. Respeita quem te respeita (*Ari e Kaká na Avenida Brasil*)
10. Diz que foi o Nuno, quem sabe sobe (*Nuno no Leblon*)
11. Sufocar é mole, rachar a tala [lata] ninguém quer (*Guia, no Cachambi*)
12. Nada vai conseguir apagar o que ficou Caixa e Kel (*Sirp e Nong*)
14. Seus nomes espalhados pelo muro da cidade só fazem aumentar minha saudade (*Kel para Caixa*)

- **Os destinatários são moradores, pedestres, motoristas, familiares e policiais** (artimanhas simples bastam para os pichadores conquistar audiências; um “pare e olhe” envolve o leitor de tal modo que este não consegue desviar a visão para

outro lugar além do direcionado, não consegue fugir, escapar do que possivelmente rejeita).

1. Deixa pelo menos um mês *neh?* (Nuno; pichação anterior não ficara um dia no muro)
2. Tu pinta nos decora (Tech)
3. Abre a janela pra ver melhor (Nuno e Pingo na Avenida Brasil)
4. Enquanto você dormia (Nuno, Pingo e Denty na Avenida Brasil)
5. Cuidado com o torcicolo
6. Cuidado com o torcicolo parte 2
7. Não adianta virar a cara pra não ver (Pitico e Taz)
8. O que você faria se não tivesse medo? (Ellus)
9. Uns vão rir, mas outros vão chorar (Nuno na Av. Marechal Floriano)
10. Mesmo quando apagar... Você vai lembrar (Nuno)
11. Obrigado pai... Pelo homem que tu me fez (Nuno, São Cristóvão)
12. Olha pra cima pra ver melhor (na Avenida Evaristo da Veiga)
13. É só olhar p/ o lado q verá a obra (na Avenida Brasil)
14. Deus vê tudo, mas não é X9 (Caixa)
15. Dentro da sua mente (Kadu na Avenida Evaristo da Veiga)
16. Olha o que eu fiz
17. Só ñ vê quem não quer!
18. A visão é sua, *mais* o controle é a minha mão (na Avenida Brasil)
19. Fique com Deus (Saracuruna)
20. Não troq sua família por nada (na Avenida Brasil)
21. Não acredita? Se belisca (Rito e Pugga na Avenida Brasil)
22. Por que o medo de si?
23. O segurança dormiu no posto (Wboy e Ete em Marechal Hermes)
24. Se me pegar eu dou um doce (Sel no Catete)
25. Nada nos amedronta (Ilha do Fundão)
26. Breve na sua casa
27. Eu volto!!!
28. A PM não viu! (Ilha do Fundão)
29. Eu disse que voltaria (na Leopoldina)
30. Hoje aqui, amanhã na sua casa (em Duque de Caxias)
31. Feliz natal e mil perdões para aqueles que tiveram *danus* com nossas pichações

32. Se a vida lhe der as costas, passe a mão na bunda dela (*Fox*)

33. Que o mundo veja! (*Kadu na Mangueira*)

3. POLÍTICAS OU DE PROTESTOS. Além de marcar sua resistência ao “sistema” no próprio agir, os pichadores produzem textos críticos, ácidos, ou que parecem mais desabafos e, assim, protestam contra religiões oportunistas, a corrupção nas esferas políticas, a desigualdade econômica, a violência policial.

1. Se Deus é o caminho, Macedo é o pedágio (*Suga na Igreja Universal de Botafogo*)

2. Voto nulo! Paz (*Kadu e Sous na Avenida Brasil*)

3. Pixar é crime num país em que roubar é arte (*Gol no Cais do Porto*)

4. 500 anos de enganação vote nulo (*Ellus, Furacão e Kel no Centro do Rio*)

5. Não deixe q a cultura abafe a realidade (*Shera*)

6. A sociedade nos criou assim! (*Lek na Avenida Brasil*)

7. O poder não é dado, sim conquistado (*na Leopoldina*)

8. Vida de rato é bem melhor! (*na Leopoldina*)

9. Na vida a gente vale o que tem (*Ari e Tala na Avenida Brasil*)

10. Revolta é com o governo (*Av. Brasil, a partir da letra de “Eu Sou 157”, dos Racionais MCs*).

11. Porcos fardados seus dias estão contados (*Phal, na Taquara, a partir da letra de “Porcos Fardados”, do Planet Hemp*)

12. Vocês são vermes, pensam que são reis (*Azar 13 e Tark*)

13. P/ a PM 1 procura - P/ nós 1 aventura (*Maneco, Ronga e Caixa, na Avenida Brasil*)

4. PÁRAFRASES, REPRODUÇÕES, APOLOGIAS e PEJORAÇÕES. Os pichadores reproduzem ou reciclam nos muros jingles de propagandas, letra de músicas, ditados populares, versos bíblicos, mensagens religiosas. Nestas frases, a função - apelativa, fática, emotiva, denotativa – varia de acordo com o referencial escolhido. Encontram-se nesta categoria as mensagens de cunho erótico ou de apologia às drogas.

1. Red Bull te dá asas (*Rak e Ren, Praça Seca*)

2. Me dá um dinheiro aí (*na Avenida Brigadeiro Trompowsky – marcha de carnaval*)

3. Deus não dá asas à cobra (*Colt, na Av. Brasil*)

4. “Quem nunca teve um pecado atire a 1ª pedra” (*na Leopoldina*)

5. O cérebro é uma arma (*Cisco e Spain no Hospital do Fundão*)
6. Aqui se faz, aqui se paga
7. A união faz a força (*Vitti, FBI e Pugga na Rodovia Washington Luiz*)
8. Quem não tem colírio, usa óculos escuros (*Caixa em Icarai – a partir de versos da música “Como Vovó Dizia”, de Raul Seixas*).
9. Chupa no macete, a ponta do nosso cacete (*Delei, Ulisses e Jacó*)
10. Quem jura mente (*em São Cristóvão*)
11. Uma cerveja gelada e um baziado bemquentinho (*Bla e Cola, Avenida Antônio Carlos*)
12. O mar me seduz para me afogar (*Kadu na Avenida Marechal Floriano - a partir da música “Nada Sei”, do Kid Abelha*)
13. O desafio é a nossa energia (*Cola na Avenida Brasil, a partir de campanha publicitária da Petrobras*)

5. HUMOR. Presente na maioria das frases, a jocosidade dos pichadores é mais visível naquelas em que brincam com os próprios nomes ou os da sigla que defendem. Também se divertem à custa do lugar onde picham, comentando, analisando e até criticando tais suportes.

1. Vc é q PED [Você é que pede] (*Ped*)
2. Fortemente A.Rmados [AR - Amantes do Rabisco] (*Kabal, Gaio, no Engenho Novo*)
3. Tiro de 38 tay tay tay tay / tiro de pistola tool tool tool tool (*Tay e Tool, Novo Rio*)
4. Acho q eu vi um gatinho (*ao lado, um desenho do Piu Piu; Piu, em Pilares*)
5. Como uma onda no mar! (*na Zona Portuária, a partir de letra de Lulu Santos*)
6. Mija aí (*Ilha do Governador*)
7. Bom apetite (*Ren, em cima da loja McDonald, no Méier*)
8. Use camisinha (*Weck e Snop, ao lado de um motel em Vila Isabel*)
9. Surfando na merda (*Piu, no Encantado, próximo a uma vala*)
10. Sarango [segurança] do Habib's é cuzão (*Vuca - em frente à loja de pilares*)
11. Aluga-se (*Nuno na parede de uma casa*)





Filipe Wallace

Ilustração 13 – FRASES espalhadas pela cidade. “A palavra se orienta sempre para um outro, para o não-eu, o diferente de si-mesmo. A palavra quer ser ouvida, dirige-se a um interlocutor (real ou imaginário)”. (MAGRO, 2003:46).

Nos anos 80, além de transgredirem nos muros, os pichadores faziam o mesmo com a Língua Portuguesa. Era forma de passarem mensagens secretas, que botava muitos pontos de interrogação na cabeça de quem não as entendia. Inglês? Francês? Alguma língua oriental? Não, era o TTK.

GERANDO COMENTÁRIOS

2.5 A língua do TTK

Nos anos 80, os pichadores usavam linguagens cifradas para a comunicação interna, com o objetivo de driblar polícia e moradores, resguardando desde planos, com data e local de futuras *missões*, até estratégias de fuga, passando pelos diálogos e pela identidade dos membros. Assim, os códigos de comunicação criados reforçavam o caráter restrito do grupo. Suas bases eram a diferença e a superioridade: a primeira afastava forasteiros, conferia proteção e afirmava a singularidade do grupo; a segunda expunha um desacordo com os signos usados pela sociedade de um modo geral e, por isso, cada invocação de um termo desconhecido enaltecia nos pichadores sua capacidade criadora, sua habilidade em inventar metáforas ou em manipular o campo semântico de palavras e imagens, e lhe dava, por isso, a sensação de estar um passo à frente dos demais cidadãos. Eles chegaram inclusive a desenvolver um sistema de conexões por telefone a fim de agendar *saídas*:

As “galeras de linha” (...) foram rastreadas pela TELERJ, os códigos foram decifrados e as atividades programadas foram detectadas, o que possibilitou a detenção de vários de seus membros. Era preciso então reinventar a língua grupal, redefinir códigos, que permitissem a exclusão dos estranhos e da polícia, era preciso renomear o mundo, e para isso buscavam-se outros códigos, como o uso de nomes de carros, de pedras ou marcas de cigarro (Arce, 1999:137-8).

O mais conhecido de todos estes dialetos de caráter criptográfico é a “língua do TTK”, que consiste em pronunciar as palavras invertendo a ordem das sílabas (pichador = dorchapi). O TTK foi criado por presos políticos no fim dos anos 70, com a ditadura ainda em vigor. A intenção era despistar os militares e seus agentes. O nome é uma homenagem ao Catete, bairro em que a língua teve boa repercussão (TTK = KTT). Os pichadores se apropriaram do dialeto, dominaram-no e o colocaram em prática em diversos ambientes, no ônibus, na escola, na rua, causando curiosidade e espanto nas pessoas ao redor. Assim, ao mesmo tempo, transgrediam nos muros e subvertiam na língua: “A familiarização [...] com o exercício ‘de falar de trás para frente’ era uma forma de proteção e transformação lingüística, o que não deixa de representar uma forma de modificar a realidade” (ARCE, 1999:137).

Com o tempo, a linguagem foi decifrada, perdeu parte do fascínio e os pichadores deixaram de usá-la com frequência. Da geração atual, contam-se nos dedos aqueles que conhecem a história do TTK e a usam sem tropeços. Para “Nuno”, por trás desse abandono, revela-se o desejo de o pichador se assumir como tal, de afirmar sua posição na

sociedade, não precisando mais se esconder na sombra de códigos. Só que antes de ser retirado completamente de cena, o TTK tratou de deixar vestígios no vocabulário do pichador, onde se encontram inúmeros neologismos do outrora dialeto revolucionário, como tala, tatin, cialipo, xarpi, lokitran. Hoje o jargão dos pichadores mistura essas sobras do TTK com gírias criadas por eles mesmos para nomear situações e atos inerentes ao que fazem (janelada, vidrinho, reú, rasteiro, eterno), além de outras extraídas dos vários grupos sociais cariocas, sobretudo os nascidos nos morros e na periferia (fortalecer, representar, comédia, vacilão, sinistro).

A seguir, trecho de Gualin do TTK (Língua do TTK), rap de MC Leonel, com a tradução ao lado:

Gualin do TTK é pra quem é dorchapi – Língua do TTK é pra quem é pichador

Datenen que ssoi quia é popa de MC – Entenda que isso aqui é papo de MC

Tatin e rrobi é tepar do meu riolabucavo – Tinta e birro é parte do meu vocabulário

Dosto os rrosbai eu xipo, tamenau o meluvo – Todos os bairros eu pixo, aumenta o volume

Asriva glasi tasenprere a dedaci – Várias sigla(s) representa(m) a cidade

Vou tabo meno momes se eu carfi cori – Vou bota(r) nome mesmo se eu ficar rico

Dãofo é rafo da lei eu to dogali – Fodão é fora da lei, eu tô ligado

A cidade é o grande espaço de comunicação dos pichadores. É nela que deixam seus nomes e frases. Mas eles criaram outros espaços, como as reuniões. Momentos de puro lazer.

A PRAÇA É NOSSA!

2.6 As Reuniões

Segunda é dia da *réu* da Sul, numa pracinha de frente para a praia, na orla. Para quem mora além do Túnel Rebouças, tem Marechal Hermes, na Praça Central; Rocha Miranda, numa quadra esportiva; e em Duque de Caxias, no bairro Vinte e Cinco de Agosto, no bar do Zeca. Na terça, também sobram opções: Pilares, na Avenida João Ribeiro; Tijuca, na Praça Vanhagem; e Bangu, na Praça Guilherme da Silveira. Na quarta, é dia da “zeca-feira mais famosa do xarpi carioca”, a Réu da Penha, “aonde os seus sonhos se misturam coma nossa realidade”, na Praça Pan-americana. Entre as figuras que se encontram na Penha, está “Tokaya”, criador dos bordões mais repetidos entre os pichadores. Na quinta, os caminhos levam à Madureira, onde ocorre uma das mais tradicionais reuniões do xarpi do Rio e da Baixada; e no outro lado da Baía de Guanabara,

a reunião que congrega o xarpi de Niterói e São Gonçalo, no bairro do Ingá. Sexta tem Valqueire, com a promessa de “muita mulher”; e Cidade de Deus, na praça principal, “sem neurose de facção”. Além da Lapa. Ainda faltou tempo para Inhaúma, Ilha do Governador, Piedade, Taquara, Jardim Primavera, Parque Paulista, Brás de Pina... E no fim de semana, estão marcados churrascos e campeonatos de futsal para a galera do xarpi.²⁸

Réu é interação entre a galera, união dos mais velhos que picham desde a década de 80 com os mais novos q são da geração 90, 2000 e, é claro, fazer amigo! (“Fink”)

Um lugar onde os pichadores param para pegar um a folha do outro. Para marcar lugares a serem pichados. Comentar o que o outro pichador pegou na semana. Relembrar os pichadores antigos, comentar os novos, falar mal dos que “cagam muro”. Resumindo reunião e a troca de informações sobre o mesmo. (“Goaboy”)

As reuniões são uma forma de conhecer gente nova, fazer novas amizades, descobrir quem é quem por trás das pichações. (“Talibã”)

As reuniões são espaços de convergência entre pichadores ou admiradores de diversas áreas ou épocas; um vetor usado pelo “sentimento coletivo de força comum, essa sensibilidade mística que fundamenta a perdurância”, para fundar lugares de conversação ou convivialidade (MAFFESOLI, 1987:37). Elas trabalham em duas frentes: aproximar e divertir. Assemelham-se a encontros de amigos em bares de rua. Papos acalorados. Gargalhadas constantes. Copos de cerveja na mão. Petiscos na outra. Sentados ou em pé. Funk e raps saindo das caixas de som das máquinas. E, como não poderia ser diferente, muitas latas de spray. Conversa-se sobre tudo, de futebol à política. Mas são as histórias de rodadas, perrengues, missões bem sucedidas que concentram as atenções. Fotos de jornais são exibidas, trocadas, emprestadas, xerocadas. Planejam-se saídas. Julgam-se os atropelos. Uns se desculpam. Outros iniciam uma guerra que seguirá pelos muros da cidade ou acabará em briga numa esquina próxima ao local da “réu”. Nas reuniões, sente-se a fama, o reconhecimento, o respeito, mas também a rejeição, a inveja, o rele papel de coadjuvante. Os pichadores se conhecem, ganham rosto, deixam de ser apenas marcas enfumaçadas nas paredes. Mitos ou lendas viram heróis e ídolos de carne e osso. Amizades se constroem ou se reforçam. Maffesoli, observando o tribalismo, já dizia que o “beber junto, jogar conversa fora, falar dos assuntos banais que pontuam a vida de todo

²⁸ A transitoriedade das reuniões impede que seja dado um calendário preciso do xarpi. No início de 2009, por exemplo, a “réu” da Penha, esteve inativa. A de Madureira, então, despontou absoluta como a principal. E a de Inhaúma se encontrava em processo de crescimento.

dia provocam o ‘sair de si’ e, através disso, criam a aura específica que serve de cimento para os microgrupos sociais” (1987:38).

É importante ir às reuniões, é como se fosse um ritual. Os pichadores chegam, colocam seus nomes em várias folhas e levam para casa para recordar e ter os nomes de outros pichadores que representam. Trocam idéias sobre as últimas saídas, as últimas rodadas para os “canas”, as marquises novas que alguém pegou e que ficou maneira (“Daman”).

Vira e mexe acontece uma. Vão mais de 100 pichadores para conversar sobre suas façanhas, falar da vida e combinar idas noturnas a algum lugar. (“Tool” para a revista Isto É)

Nas reuniões, coloca-se em prática a “humildade”. A todo o momento se é observado, desde a forma de tratar o próximo até os comentários acerca de sicrano ou beltrano, passando pelo modo como se “divulga”, se “explana” os topos alcançados ou os rasteiros dominados. As reuniões, num reducionismo, são oportunidades para montar ou incrementar os cadernos, fichários, pastas com a assinatura de pichadores – uma das práticas mais antigas da “Xarpilândia”. Parecem álbuns de figurinhas: um “nome” do “Tane” vale dois ou três nomes de pichadores menos famosos. Há quem as compre por valores consideráveis, 25, 100, 200 reais, dependendo do conteúdo. Um nome do Tane, um dos “reliquias máximas” da pichação, já está valendo 50 reais.

As pastas auxiliam na publicidade de uma marca, algo que aos poucos o advento da internet tende a complementar. Num movimento contrário, se essas folhas caem em mãos erradas, da mãe ou da polícia, viram provas concretas da ligação com o xarpi. As mães são severas e costumam queimar ou rasgá-las, por isso seus donos a guardam nos mais recônditos lugares do quarto. As pastas constituem documentos históricos, museus de papel e caneta. Quando não houver mais “Vinga” na cidade, haverá muitos em cadernos. Em âmbito particular, as folhinhas retratam uma fase da vida dos pichadores. Suas reminiscências.

O calendário do xarpi jamais se fecha. As “reús” surgem, ressurgem, nascem, morrem com grande velocidade. A fonte da seiva é o pichador. A reunião de Pilares começou com meia-dúzia de participantes. Na segunda, a audiência dobrou e nas últimas, oscilou entre 30 e 40, “brotando” até os “reliquias”. À medida que o pichador desanima, as reuniões se enfraquecem e deixam de acontecer. Por isso, os organizadores criam alternativas para mantê-las sempre atraentes, convidando, por exemplos, MC’s para animar os encontros. Em algumas, uma vez por mês, elas são substituídas por churrascos,

normalmente num sábado à tarde, como pode ser visto nas propagandas realizadas pela internet, através dos fotologs, do MSN e do Orkut, e nas reuniões: “Sabadão, Xurrasco Ladeira dos Tabajaras, Copacabana, na Praça do Calle, compareça às 15h. Levar peças de carnes ou 10 ou 15 reais”. “Churras da Tradicional Zona Sul. Pode chegar na humildade, que nós da Zona Sul, a tradicionalíssima, vamos assar aquela CARNE verminosa”. “Xurras da reú de São Gonçalo. Filmagem para o Youtube, batalha e grafitti liberado! Muita diversão, lazer total, novas amizades, interação e, o melhor, depois da reú rola aquele xarpi”. Com o mesmo objetivo, são organizados campeonatos de futsal de siglas de pichadores, sempre acompanhados por churrasco e música: “O Coimbrão vai ferver. Venha passar uma tarde lendária na companhia dos nossos craques do xarpi. Obs.: só poderão jogar os atletas devidamente uniformizados (tênis e calção)”.²⁹

A praça é o local preferido para ser o ponto de encontro de pichadores, o seu “pedaço” (Magnani, 2005), que é, segundo Magnani, “onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém, mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 2005:4). Normalmente, é um espaço dividido com outros grupos sociais, sem interação entre eles. “A qualquer momento os membros de um ‘pedaço’ podem eleger outro espaço como ponto de referência e de encontro” (idem), como clubes, viadutos e até shoppings, pressionados pela vizinhança ou pela polícia. Porventura, algumas não despertam a atenção de moradores – ou estes se calam complacentemente. Os organizadores pedem para que os visitantes não usem drogas ou pichem nas redondezas a fim de evitar que se repitam casos como o de Bloody – assassinado por milicianos na “reú” de Madureira quando pichava um muro.

Sexta é dia de reunião na Lapa, um dos “pedaços” mais requisitados pelos pichadores. De lá, eles traçam inúmeros “trajetos” (Magnani, 2005) pela cidade: saem para pichar pelos bairros mais próximos, indo de Santa Tereza ao Flamengo, da Praça XV ao Castelo; ou se perdem nas dezenas de bares e casas de shows espalhadas pela Lapa. Por ser uma “comunidade aberta”, a galera do xarpi dissipa-se e se refaz constantemente. Fora das reuniões, os pichadores são acolhidos por diversas “manchas” urbanas (idem), áreas livres que não exigem senso de pertença, mas proporcionam, “a partir da oferta de determinado bem ou serviço, uma possibilidade de encontro, acenando, em vez da certeza, com o imprevisto: não se sabe ao certo o que ou quem se vai encontrar na

²⁹ Na versão do 2009 do Torneio de Siglas, realizado no fim de maio, também no Coimbra, a vencedora foi a Exclusivos (E).

mancha” (Magnani, 2005). Por aquelas ruas e calçadas estreitas, encontram-se sambistas, pagodeiros, roqueiros, b.boys, funkeiros. E dispersos entre eles, os pichadores.

Ao fim da noite, o circuito dos jovens pichadores se fecha. Em poucas horas, eles ocuparam ruas, praças, bares, boates, a maioria sem ser notada; transitaram por diversas manchas, dividiram espaços e equipamentos urbanos com outros tantos circuitos juvenis. Mas alguns pichadores, não satisfeitos com a simplicidade das reuniões, resolveram produzir um evento de dimensões maiores, o Xarpi Rap Festival (XRF), organizado pela Família 5*, de “Tokaya” e companhia.

“O maior evento underground” a reunir pichação, grafite e rap num mesmo espaço. Um capítulo importante da “história do xarpi nacional”. Uma *reú* elevada à enésima potência. O Oscar da pichação. O que há de “mais subterrâneo no submundo carioca”. Não faltam definições para o evento, que tem como modelo o Hutúz Rap Festival, organizado pela CUFA (Central Única de Favela), um dos maiores festivais de hip hop da América Latina – em cujo programa há exibição de filmes, seminários, apresentações de dança, basquete de rua, premiações etc. No XRF, o público alvo é a família de pichadores, grafiteiros ou admiradores, além de fãs de raps e de clássicos do funk. Entre as atrações, show ao vivo, DJ, exibição dos melhores vídeos e fotos de xarpi, exposição de telas grafitadas. Também há sorteio de brindes como latas de spray. A primeira edição ocorreu em novembro de 2007, debaixo de um viaduto na Penha, para uma audiência de quase 500 pessoas, e com os vizinhos reclamando à polícia do barulho e das pichações feitas em larga escala. Sete meses depois, já era realizada a terceira edição, num clube esportivo na Penha Circular, com ingressos a baixo preço (um real para os homens e gratuidade para as mulheres).

O 1º XRF distribuiu prêmios para os pichadores que mais se destacaram no ano de 2007, em diversas categorias. Nas principais, vitórias de “Bope” (Melhor Topo), “Foras da Lei” (Melhor Sigla), “Pequeno” (Melhor Relíquia) e “Raiva” (Melhor Pedra). Para 2008³⁰, serão premiados o melhor recuado, a melhor janela, o maior andarilho, a revelação, o melhor topo, a melhor relíquia, a melhor caligrafia, o melhor fotolog, a melhor ferrugem, a melhor sigla e o maior cagão (Troféu Abacaxi, para o pichador que mais cometeu ratadas). A votação é feita no dia do evento. Para a maioria dos pichadores,

³⁰ A edição de 2008, o XRF 4, estava prevista para o início de dezembro. Acabou transferida para janeiro de 2009, num clube da Lapa, com o ingresso custando dez reais. Eis os ganhadores: Topo – “Bope”; Janela – “Digo”; Recuado – “Tas”; Andarilho – “Vuca”; Pedra – “Playboy”; Sigla – VI; Fotolog – XarpiCM; Relíquia – “Gole”; Caligrafia – “Tokaya”; Revelação – “Cool”; Cagão – “PQD”. A votação foi realizada durante o evento, com cada participante tendo direito a uma cédula. A mesa apuradora dos votos continha sete pichadores.

vencer alguma categoria é a ratificação da fama, que antes só era medida nas reuniões através dos comentários e dos pedidos para assinar pastas. Ser indicado ou vitorioso passa a ser uma meta a mais para eles. Mais do que uma “reú” evoluída, um alargamento dos espaços de troca entre pichadores ou valorização da coragem empregada por eles nas ruas, o Festival é o sintoma mais visível do grau de organização e empreendimento a que chegou o xarpi carioca.



Ilustração 14 – CHURRASCOS, reuniões, festivais: multiplicam-se os momentos de confraternização.

“A duplicidade, o ardil, o querer viver, se exprimem através de uma multiplicidade de rituais, de situações, de gestuais, de experiências, que delimitam um espaço de liberdade” (Maffesoli, 1987:32)

Se antes falavam em códigos, hoje os pichadores expõem virtualmente estratégias, missões e dramas. Eles chamam esse conjunto de espaços de comunicação desenvolvidos por eles na web de xarpi virtual.

ENQUANTO VOCÊ DORMIA

2.7 Xarpi Virtual

Do contato físico das reuniões para a interação mediada por computador. Dos muros da cidade para as páginas da internet. Os pichadores, muitos deles adolescentes aficionados pelas ferramentas virtuais, abasteceram a web com informações, imagens e comunidades relativos ao *xarpi*. Blogs, fotologs, web rádios, chats, fóruns, MSN, Orkut, Flickr, Youtube. Nada, aparentemente, escapou. E para manter a crescente, eles mesmos produzem fotos, vídeos, músicas e reportagens: “O cara picha uma casa hoje, tira a foto no outro dia e posta no fotolog dele. Com isso, as pessoas que não vão passar naquele lugar tão cedo já vêem o que o cara pichou ali. Outra vantagem são os contatos com pichadores de outros estados. E hoje em dia já tá até rolando reunião on-line” (“Goaboy”).

O domínio dos recursos audiovisuais do ciberespaço amplia as possibilidades de estreitamento de vínculos entre os pichadores e facilita o planejamento de estratégias de ação, auxiliando neste ponto as tradicionais reuniões. De acordo com Freire Filho em sua análise do uso da internet “como plataforma para elaboração e disseminação de estratégias contra-hegemônicas no espaço físico real”, a web atua na “divulgação de informações acerca das prerrogativas e atividades”; para o “intercâmbio de experiências sobre a realização de encontros e eventos”; e na “mobilização e recrutamento em massa de indivíduos dispersos geograficamente” (FREIRE FILHO, 2007:61). Com os fotologs, nos quais são postados fotos e relatos de missões, os pichadores visam aumentar a “mídia” sobre eles e, assim, encurtar o caminho para a fama. Com os sites de relacionamentos e de comunicação instantânea, como o Orkut e o MSN, o objetivo é incrementar os laços de amizade e estabelecer um contato permanente com os parceiros de diversas áreas e cidades – alguns se conhecem primeiro na web e somente depois se esbarram em “réus”. Com os blogues, a proposta é desfigurar a caracterização feita pela mídia, essencialmente simplificadora.

Entre tantas produções, destaca-se o blogue “Páginas de Tinta”, criado por Nuno, que se inspirou no fotolog “Xarpi Responde”, de postagem de entrevistas, já abandonado pelo dono, e em versos de uma música de MC Leonel (“Um dia ainda terá um pichador no Jô Soares contando a verdade sobre a nossa cultura de rua” - Rap do Xarpi nº. 6). O nome do blogue define, brevemente, a publicação: uma página na internet sobre xarpi:

A gente, que muitas vezes só conhece o nome na parede, tem curiosidade para saber onde mora, o que fazem nossos ídolos na

pichação. Depois que ouvi o rap do Leonel, eu pensei “um pichador no Jô Soares?! O Jô vai engolir esse pichador”. Já foram vários pichadores no programa dele, o Marcelo D2, o Gabriel Pensador. Mas nunca p’ra falar de pichação. Comecei, então, a fazer umas perguntas como se eu fosse ele. (...) Mandeí o questionário *p’ro* Musk, que tava on-line naquele momento. E pedi para que ele respondesse quando pudesse. Também mandei pro Mory, Noy e todos que estavam *on*. Acho que era algo que todo mundo sempre quis tanto que, no outro dia, minha caixa de e-mail estava lotada. (“Nuno”).

A principal atração do blogue são as entrevistas com pichadores antigos, novos ou aposentados. As perguntas focam pontos importantes na trajetória de um pichador: os motivos para a entrada no xarpi, a escolha do “nome”, as “rodadas” e os perrengues inesquecíveis, as grandes missões, as siglas defendidas, os suportes preferidos para pichar, os prós e contras da vida de pichador etc. O entrevistado ainda opina sobre o xarpi virtual, deixa recado para os novatos e descreve preferências quanto a time de futebol, livros, músicas e filmes. As entrevistas não são presenciais e não há convites - um formulário de perguntas é distribuído pelo MSN ou e-mail. Às vezes, “Nuno” replica as respostas: acrescenta ou corrige informações, ironiza gostos pessoais, lamenta ou ri de missões infelizes, chama atenção para certas qualidades do entrevistado, como pode ser visto neste trecho da conversa com Noy:

Nuno: Por que você resolveu colocar esse nome? Algum motivo especial?

Noy: Se eu falar vocês não vão acreditar, mas eu pichava “Dona”. Mas desisti e falei que não iria mais pichar. De repente me bateu uma idéia, fui na casa de um amigo e ele inventou esse nome *p’ra* min.

Nuno: O quê? Um negão desse tamanho pichava DONA? Hahahahahahahha!!!!!!

No *post* “Por Trás da Fama”, “Nuno” homenageia “Caixa”. Ele pretendia fazer uma seção em que seriam lembrados pichadores mortos, mostrando, a partir do depoimento de amigos próximos, a pessoa que havia para além do xarpi: sua primeira identidade, hábitos e gostos, a relação com a família e os últimos momentos antes da ida para “outro mundo”. Por vezes, “Nuno” abre espaços para artigos ou crônicas sobre pichação e aproveita para narrar saídas espetaculares nas quais é um dos protagonistas, com direito a descrição minuciosa das estratégias elaboradas. O trabalho jornalístico de “Nuno Soares”, como ele é chamado pelos amigos, a princípio uma brincadeira de repórter, teve repercussão dentro e fora do *xarpi*:

Eu nunca imaginei que a Globo ia ver o blogue [refere-se a um convite de entrevista feito pelo portal de notícias G1]. Levei até um susto quando recebi o e-mail. Começou a vir pedidos de entrevista de São Paulo, Santos, Juiz de Fora. Dei também uma entrevista *p'ro* João Xavi, do Overmundo. Os caras estão acompanhando. Pais de pichadores também, curiosos para saber no que os filhos estão metidos. Há pai indicando para outro. E filhos pedindo para o pai ver o blogue. Estudantes de comunicação e psicologia também acompanham. Até ajudei um professor da PUC que estuda comportamento humano. (Nuno)

Além de “Páginas de Tinta”, Nuno é dono do fotolog “Foi Mal Valeu”, voltado para a publicação de fotos de pichações e grafites “ratados”, que é a prática mais repudiada no meio. O slogan tem caráter inquisidor: “Estamos de olho... Em breve vc vai estar aqui!!”. O objetivo é, através da denúncia, conscientizar os pares sobre a importância da “humildade” e do respeito ao trabalho do irmão. Os fotologs e os flogões, por sinal, tornaram-se, desde 2005, uma grande febre entre os pichadores, que trocam visitas constantemente entre si, deixando comentários e saudações. A maioria perde o fôlego com o tempo, já que é preciso estar atualizando a página com frequência. Boa parte dos pichadores usa para se autopromover, postando, para isso, fotos e relatos das “saídas”. Porém, os fotologs mais visitados do momento destinam-se a manter viva a memória dos “reliquias” do xarpi carioca. Os donos são conhecidos pelo epíteto de “especialistas em paradas eternas”, os EPE. São pichadores e admiradores que saem pelas ruas, com máquina fotográfica numa mão e, às vezes, espátula na outra, a fim de descascar paredes velhas, buscando fósseis de “nomes” antigos, dos anos 80. Vale, em cada procura, relembrar antigas “missões” e parcerias famosas que a tradição oral do xarpi não permitiu desaparecer com o tempo. O problema é que poucas pichações conseguiram atravessar as décadas. Muitas foram “atropeladas”. Paredes caíram. Muros foram pintados. Prédios, reformados. Seus autores morreram ou deixaram a cidade. Conscientes disto ou não, os EPE escrevem aos poucos, em imagens e textos, a história da pichação carioca. Nostalgia para os mais antigos. Conhecimento para os mais novos.

Nesta categoria de fotologs, encontram-se o Xarpi da Antiga, de slogan “O Museu do Xarpi Carioca”; “Instinto Urbano”, sob responsabilidade do “xarpinossauro” “Runk”; “Antigos e Atuais”, mais conhecido como “O cemitério do Xarpi”; “Ação AM 1984”, “Saby 1986”, “Pedrinho Solo”, “Dedé GPC”, também pichadores veteranos; “Admirador da Arte”, apelido de um professor apaixonado pela pichação, mas que prefere guardar segredo sobre sua identidade; “Qual é Tio”, voltado somente para rememorar pichadores de Niterói e São Gonçalo dos anos 90; “Boyplay 1622” e “Playboy FR”, ambos

pertencentes a Playboy, que era dono do flogão “Xarpi Roots” (Xarpi de Raiz), um dos precursores dos EPE. Nestes fotologs, cada *post* relembra um pichador, com publicação de fotos do seu “nome”, seja em paredes ou em folhinhas antigas, e, em seguida, um resumo de sua trajetória no xarpi, de onde era, o que gostava de “pegar”, que rumo tomou, como no exemplo seguinte: “Conheci o ZUCA na reú da freguesia em 1986, era um maluco muito legal e foi o cara que, junto com MAR, RUNK, GLUG e alguns outros começaram com essa loucura de marquise que chegou ao ponto de hoje” (28/06/08, Ação AM). A estas informações, acrescentam-se outras que os visitantes deixam nos comentários. Os visitantes, por sinal, são chamados a todo o momento a se envolver com a publicação, seja destacando “nomes” que porventura aparecem na imagem do dia ou para contribuir com fotos. Juntos, estes fotologs transformam-se numa verdadeira antologia de anedotas sobre o xarpi carioca.

“Soma”, dono de “Antigos e Atuais”, foi mais além nesta atividade, criando estratégias para estreitar a intimidade com o público e para aguçar a curiosidade do mesmo. Para se aproximar do leitor e, assim, compartilhar com este determinada atmosfera, abre o *post* com um comentário sobre as condições do tempo, período ou dia da semana em que escreve: “Sexta-feira na parada, e o sol não quer aparecer de jeito nenhum... Mas vamos levando a vida”. “Uma quarta-feira de muita chuva no Rio, infelizmente acho que não vai ter mais sol nessa cidade, pois não é possível tremenda primavera e o tempo não firma de jeito algum”. E ele termina o *post* lembrando músicas, filmes, produtos, jogos, fatos que marcaram os anos 80: “LEMBRANÇA DE HOJE: As aventuras de Super-homem, com o eterno Cristopher Reeve. Lembram? Bom final de semana!”. Para surpreender a audiência, mantendo sempre em alta o interesse pelas suas publicações, Soma cria séries como “Tapa na Cara”, que traz “as melhores feras dos anos 80!” e “Rivalidades”, em que conta histórias de conflitos envolvendo pichadores famosos.

No Orkut, os pichadores geralmente criam um perfil exclusivo para esta identidade. É mais um espaço para a publicação de fotos, embora o primeiro objetivo seja desenvolver relacionamentos. Além dos perfis de usuários, são criadas comunidades voltadas para siglas, reuniões, pichadores mortos ou aposentados – algumas já ultrapassam a casa dos mil membros³¹. No MSN, principal meio de diálogo pela internet, acontecem até “reús” virtuais, através dos *chats*: “Geral vai trocar idéia de uma vez só. Aí, se depois quiser conversar a sós um *add* o outro no MSN! Não permitido: desrespeito, xingar o outro, querer ser superior apesar de ser ‘conhecido’; colocar tópicos falsos; ficar

³¹ A comunidade “Caixa Vive”, tinha, em dezembro de 2008, 1901 membros

de palhaçada” (“Bella”, divulgando seu evento). Os diversos chats de pichadores tornaram-se ponto de encontro diário para muitos deles, com as conversas fugindo freqüentemente do relato ou agendamento de missões. Faz no MSN sucesso uma ferramenta com a qual o usuário escreve ou desenha mensagens manuscritas, usada pelos pichadores para reproduzir suas marcas ou a de ídolos e amigos.

No Youtube, são postados semanalmente vídeos de saídas, nos quais os pichadores são ao mesmo tempo diretores e protagonistas, clipes de raps sobre pichação, trechos de reportagens e documentários, registros de reuniões. Um dos mais visitados é o trailer do documentário “Que o Mundo Veja – Retratos da Pichação Carioca”, de Don, cujo objetivo é mostrar a faceta dos pichadores para além dos estigmas criados pela mídia, pelos órgãos públicos ou pela sociedade em geral, como o de delinquentes e marginais. Os personagens, cuja fala não vem ancorada por análises de psicólogos ou cientistas sociais, respondem basicamente a duas questões: “pichação é vandalismo ou arte?” e “como o pichador é visto na sociedade?”. Don, que teve rápida experiência com xarpi na juventude, acompanhou os pichadores nas missões, obtendo ângulos interessantes das aventuras.

Também fazem sucesso os clipes dos raps de MC Leonel, Runk MC e Nuno. A produção musical deles não foca apenas a pichação, mas também os problemas costumeiros das periferias metropolitanas, da falta de emprego à violência, seguindo a linha dos Racionais MC’s, o primeiro grupo paulista “que nasce na periferia e alcança repercussão intensa nos circuitos de jovens, sendo considerados produtores de um RAP essencialmente político e agressivo, voltado para a denúncia do racismo” (SPOSITO, 1994:168). Esta linguagem que se configura como voz dos oprimidos fascina os pichadores, haja vista a quantidade de frases inspiradas em letras de músicas desse grupo que são postas nos muros da cidade:

A fala cadenciada, a partir de uma base musical semelhante, faz da palavra associada a um ritmo a sua grande força. É preciso falar sobre o que se passa, contar a vida das ruas, seus dilemas, denunciar ou ridicularizar o que ocorre na sociedade, fazer a crítica dos costumes. (SPOSITO, 1994:168-9).

O vídeo “Vício Rebelde”, de Leonel e Kel, cuja trilha sonora são os “Raps do Xarpi”, somava, em dezembro de 2008, mais de duzentas mil exibições. Seu autor o descreve como “imagens da rebeldia feita no Rio de Janeiro, contendo também uma simples homenagem ao amigo CAIXA”. Aproveitando o sucesso na internet, Leonel lançou o CD “Raps do Xarpi”, vendido no que eles chamam de “mercado negro”,

composto pelos camelôs da Rua Uruguaiana e pelas reuniões. Os documentários de Don e da Reú da Penha deverão seguir o mesmo caminho.

O mais recente espaço de comunicação aberto pelos pichadores é um programa de rádio veiculado na internet: o Gruta 5*, que vai ao ar sexta-feira, das 18h às 21h, com a apresentação de “Tokaya” e “Tas”, pela Rádio Gruta – site criado em 2006 para divulgar livremente músicas, de qualquer ritmo ou estilo, do reggae ao samba, cujo slogan é “Uma emissora carioca pelo mundo”. “É isso aí, galera. Começa mais um Gruta 5*. Sexta-feira, 31 de outubro, diretamente da Central do Brasil, Tokaya de Brás de Pina, mais uma vez 100% revoltado. Naquele ritmo que toda a rataria gosta”. O estúdio fica na Avenida Presidente Vargas, centro do Rio de Janeiro, de frente para o relógio que “Vinga” marcou com seu nome nos anos 90, fato este que os apresentadores não deixam passar sem lembrança: “Estamos em frente onde tudo despontou”. A cada semana, pichadores são entrevistados no estúdio. Notas sobre reuniões, churrascos e jogos de futsal são lidas. Mas a principal atração são os raps: “Funk das antigas e rap é o que se escuta/ Tá geral na luta/ Família 5 *, Rádio Gruta/ Nada muda e nada mudará a nossa conduta/ Tá geral na luta/ Família 5 *, Rádio Gruta” (jingle do programa). Enquanto as músicas tocam, “Tokaya” e “Tas” interagem com a audiência através de um chat, disponível no site da própria rádio. Sugestões, críticas e pedidos são feitos na hora. Através do MSN, os apresentadores e o próprio público ajudam na publicidade do programa, repassando para os amigos on-line as atrações, descritas em pequenas notas: “Começou a entrevista do mano Coat – AR. Programa Gruta 5*, www.radiogruta.com”; “*Tá rolando o bailão da 5**”; “Não perca hoje no Gruta 5* o melhor do rap”.³²

Um contra do xarpi virtual é a facilidade para forjar situações. É possível, por exemplo, com editores de imagens, colocar a pichação num beiral onde jamais esteve ou dar-lhe a idade que não tem. Pode-se, além disso, exaltar “saídas” que nada tiveram de especiais. Acusações de piche falso ou pirata são comuns no xarpi virtual. Já se põe em dúvida a fama, aquela construída sobre falácias, de alguns pichadores novatos, sedentos por rápido reconhecimento, ou veteranos, que buscam mostrar agora o quanto teriam sido importantes nos anos 80 ou 90. E há pichadores que preferem manter contato com os demais exclusivamente através da internet, abandonando reuniões, churrascos e torneios de futebol. Para conter os avanços da pirataria e o esvaziamento das “reús”, ensaia-se um

³² A exibição do programa foi interrompida no segundo trimestre de 2009. “Tokaya” alega falta de pagamento por parte da emissora.

movimento de conscientização em que pichadores preocupados desencorajam os demais usando o discurso de que o “xarpi acontece na rua”.

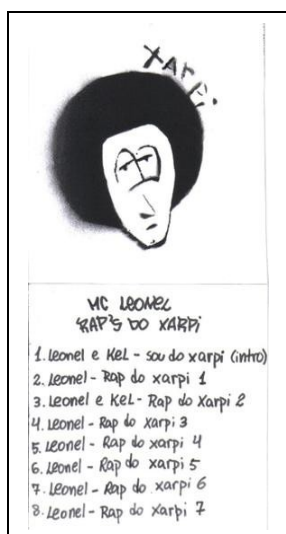


Ilustração 15 – CD's E CAMISAS produzidos por pichadores são divulgados pela internet e vendidos geralmente nas reuniões.

Vídeos, músicas, blogue são a face mais moderna do xarpi. São sinônimos de evolução. Da busca por novos espaços para comunicar. Mas a pichação continua prescindindo da cidade.

MARCANDO OS CAMINHOS POR ONDE JÁ PASSEI

2.8 A cidade

Primeiro uma viagem de ônibus. O letreiro mostra “Nova Campina – Central”. Se for dia de trânsito, serão mais de duas horas de um andar vagaroso e cansativo. Ótimo para iniciar uma conversa com a pessoa sentada ao seu lado. Pela janela, inúmeras imagens se sucedem em profusão. Cada loja tem letreiros na marquise. Cada casa tem placas indicando o endereço. Cada ponte tem setas dizendo de onde se vem ou para onde se vai. E ainda há galhardetes do vereador que não se elegeu nas janelas dos barracos. Chega a Avenida Brasil. Não há espaços de fuga na paisagem. É tudo muito intenso, próximo. Os carros se multiplicam. Todos os muros têm marcas. São publicidades de rua (“Ensino Médio em três meses”); são inscrições religiosas (“Só Jesus expulsa os demônios”); são outdoors, banners, cartazes com as últimas novidades do mercado; são grafites, com suas letras e figuras tridimensionais; são pichações, no rasteiro (“Foi mau Runk”), no alto (“Aqui não tem dublê”), convidativas (“Abre a janela pra ver melhor”), provocativas (“Nós é o Luxo, o resto é o Lixo”), reflexivas (“Na vida a gente vale o que tem”). O ônibus pára na Rodoviária. Pode-se ler as mensagens proféticas, político-cristãs de Gentileza. Mais um pouco, a viagem termina.

A Central do Brasil é um formigueiro de gente. As conversas se transformam em burburinhos quando ouvidas ao longe. “O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar” (CANEVACCI, 2004:130). Até os becos têm vida. Até os arranha-céus, calçadas, obeliscos e monumentos se insinuam para você. Ao seu redor, milhares de estranhos caminham num ritmo frenético (“serão pessoas boas ou más?”, “elas me olham ou sou apenas uma trave para seus olhos?”). Motoristas explodindo em palavrões. Buzinas de carro. “Táxiiii!!!”. Pregadores nas praças dizem que Cristo está voltando. Camelôs aos berros: “Água! Água! Água! Quem vai querer?”. Lojas com vitrines sedutoras, coloridas; algumas com televisões, aparelhos de som, vídeos ligados, além das vendedoras sorridentes nas portas. Papeizinhos que prometem dinheiro em 15 minutos. Velhinhos nas praças jogando carteados. Pessoas paradas no sinal, trocando olhares ou tímidas conversas: “Viu a novela das oito?”. Algumas em pé na banca de jornal: “O Flamengo deu mole ontem”.

As metrópoles são assim. Polifônicas. Imagéticas. Exímios espaços de comunicação. “A cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam,

relacionam-se, sobrepõem-se umas as outras, isolam-se ou se contrastam” (CANEVACCI, 2004:17). Inúmeros signos, sonoros ou visuais, disputam espaço e atenção do espectador. Existe até “comunicação dialógica entre um determinado edifício e a sensibilidade de um cidadão” (ibidem, 22). É impossível interpretar, decodificar tudo isso. A todo o momento o cidadão precisa estar apto a dar respostas, a elaborar questões neste cenário caótico e fragmentado. Agir e Reagir. “Não só a diversidade humana, mas toda sorte de estímulos em torno, todo o espaço natural e construído nas cidades tende a constituir um ambiente de descontinuidades que nos interpela e que exige constantemente um gesto de nossa parte. É a intensidade urbana” (CAIAFA, 2007:105).

Num universo cujo conteúdo sai pelas bordas, há certas pessoas que preferem retrair-se em casa, na família, na frente do computador ou da televisão, num círculo reduzido de amigos, na própria subjetividade. Elas dão às costas para o mundo, para os fatos que o movimentam. Nada do que acontece no coletivo lhes interessa. São talvez os indivíduos blasé, de que fala Simmel, esgotados e saturados, em cujo semblante é visível um ar de indiferença e desprezo. A intensificação da vida “força os nervos a respostas tão violentas, irrompem de modo tão brutal de lá pra cá, que extraem dos nervos sua última reserva de forças e, como eles permanecem no mesmo meio, não têm tempo de acumular uma nova” (SIMMEL, 581). Estes filhos da cidade grande são incapazes “de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada” (idem).

Mas nem todos os filhos são iguais. Uns se sentem atraídos por estes nervos pulsantes, com a cidade funcionando como ímã (CAIAFA, 2007:105). A coisificação promovida pelas sociedades modernas não é pretexto para se tornarem frios, passivos, incólumes ao exterior. Pelo contrário, motiva-os ao ponto de interferirem na própria urbe, criando novos estímulos que irão competir com tantos outros que nela já existem – e contribuindo desta forma para torná-la mais fervorosa. Dota-os de uma rebeldia, de um desejo de comunicar usando meios nada convencionais. “Os grandes centros urbanos fomentam vivências alternativas – formas de habitar, de interagir, de relacionar-se, de resistir, de constituir-se – que criam inúmeras tensões” (DUARTE, 2005, 8).

Os pichadores agem “sobre as estruturas arquitetônicas aparentemente imóveis, animando-as e mudando-lhes os signos e o valor no tempo e no espaço” (CANEVACCI, 2004:22). Entre eles e a cidade existe uma relação dialógica, decerto nada harmônica. Só que a esta altura da história da metrópole carioca, eles têm os pés fincados como raízes na terra. E assim, um faz parte do outro, um alimenta ao outro, um resiste ao outro:

O espaço visual da cidade se altera, ganha uma outra dimensão pela ação de grupos ou indivíduos [pichadores e grafiteiros] que por ali passam e imprimem sua marca. O muro vira mural, e o túnel deixa de ser um simples corredor de acesso a outros núcleos da cidade para ser um veículo da comunicação de massas, suporte para manifestações de todo e qualquer cidadão. (RAMOS, 2008:43).

Os pichadores se gabam de conhecerem como poucos o Rio de Janeiro e as cidades adjacentes. Uma “malícia” que lhes permite identificar zonas de perigo, sobretudo as tomadas por milicianos e traficantes de drogas; traçar táticas para avançar sobre determinadas áreas, driblando dessa forma a ronda policial ou o vigia atento; e até mesmo imaginar rotas de fuga para ocasiões de apuro. O traçado da cidade, com suas ruas, avenidas, becos, galeria, forma “a mais moderna configuração de labirinto que [...] só os iniciados podem percorrer e chegar ao centro, que é também o centro do mundo, o símbolo da conquista e da posse” (RAMOS, 2008:36).

A percepção do pichador é muito mais aguçada, ele tem uma visão muito mais ampla do que geralmente se vê, começa por decifrar pichações de outros, depois pela capacidade de olhar um espaço e reparar detalhes despercebidos pelos demais, acho que nenhuma pessoa é tão capacitada para cuidar da segurança de um prédio que um pichador, além é claro de conhecer a geografia de sua cidade como poucos. (“Ned”)

Eles atuam à noite, em horas nem tão avançadas como se pensa, aproveitando o abandono das principais vias urbanas. Esse despovoamento das cidades – logo elas que têm a circulação como aspecto crucial - é uma tendência dos dias presentes (CAIAFA, 2007:20). Uma cidade desurbanizada seria mais interessante para o pichador? Nem tanto. Afinal, que olhos veriam suas obras? A quem incomodariam? Com quem fariam? Somente entre si? Não é o bastante. A fama, a transgressão, a adrenalina estão em jogo:

A primeira vítima da cidade privatizada é (...) a alteridade. É a experiência fortemente urbana do contágio que tende a ser eliminada nestas antecidades. A ocupação coletiva gera heterogeneidade, de alguma forma misturando os habitantes e em diferentes graus dessegregando os meios fechados e familiares. (CAIAFA, 2007:19, 23)



Ilustração 16 – PAISAGEM urbana (Centro de Duque de Caxias, Zona Metropolitana do Rio). “O^{Vitti} fluxos visuais das grandes cidades são caracterizadas por extrema confusão, uma extrema ambivalência emotiva. [...] Saber olhar já é um momento fundamental de interpretação. A hermenêutica urbana é visual. O olhar oblíquo” (CANEVACCI, 2004:252-3)

Capítulo 3

RELAÇÕES COM A MÍDIA

Gentileza transformou pilastras de viadutos num livro urbano, com mensagens de amor e paz, e também anti-capitalistas, que se transformaram em cartão postal do Rio de Janeiro. O senhor de rosto messiânico foi acolhido de braços abertos pela imprensa e pela população, chegando a ser enredo de escola de samba no carnaval de 2001. Como Gentileza, os pichadores intervêm na arquitetura da cidade, com um pouco menos de cor e política, escrevem diariamente páginas e mais páginas de um livro que parece não ter fim. Mas, ao contrário dele, são figuras execradas, e motivos para tanta rejeição não faltam. A mídia contribuiu bastante para que eles, ao invés de serem vistos como mais um tipo de malandro carioca, fossem tomados como um dos mais perigosos agrupamentos juvenis. Delinquentes, vândalos, marginais. Muitas feridas separam o pichador dos demais cidadãos. O diálogo fraterno é possível, e disso o graffiti é exemplo. Mas também é perigoso. Afinal, o xarpi nasceu para criar tensões num ambiente marcado pelo cinismo.

QUANDO O TUDO SE RESUME A ISSO

3.1 A mídia

Com uma ousadia que não parece ter limites, os pichadores estão atacando monumentos históricos e provocando a revolta da opinião pública. Nas últimas semanas, foi inaugurada nova temporada de caça aos pichadores, que agora estão na mira da polícia. Para esta tribo, cada vez mais numerosa nas grandes cidades, a diversão muitas vezes se confunde com o vandalismo.

Com estas palavras, Roberto Maya introduzia o segundo bloco do “Documento Especial” sobre pichação, exibido na TV no final de 1991. Naquele início de década, e, sobretudo, após uma série de missões bem sucedidas na cidade do Rio de Janeiro, os pichadores apareciam com frequência na primeira página de jornal e nas manchetes de telejornais. Num curto espaço de tempo, as históricas igrejas da Candelária e de Santa Terezinha, o Relógio da Central, com seus 110 metros de altura, a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o túmulo do cantor Cazuza, ídolo juvenil da época, e o Cristo Redentor, símbolo máximo da cidade, foram alvo de pichadores cariocas e paulistas.

Destacam-se na fala daquele apresentador a caracterização dos pichadores como tribo urbana, o rótulo de vândalos - uma presença constante nos textos jornalísticos-, e o embate entre eles e a opinião pública. Este documentário é tomado como referência no mundo do xarpi, sobretudo pela investigação focada nas façanhas dos jovens alpinistas - e

não apenas no ódio de moradores, nas estratégias policiais e na contrapartida das prefeituras, através de programas sócio-educativos, que são o centro gravitacional da maioria das reportagens.

Nos discursos midiáticos, acadêmicos, políticos e corporativos, os jovens em geral aparecem como “indivíduos em perigo ou perigosos (para si mesmos, para seus familiares, para os cidadãos de bem, para a sociedade) que necessitam de análise, do controle, da proteção e da supervisão particularmente atenta e constante das instituições de poder” (FREIRE FILHO, 2006:48). Tal simplificação acaba por homogeneizar gostos, estilos, experiências e a negligenciar “a diversidade de circunstâncias individuais e estratificações sociais que permeiam a vida das populações jovens (ibidem, 50)”.

No jornalismo, impera a premissa da demonização e isso impede que o jornalismo ultrapasse a superficialidade dos fatos. “Falta poética!” a estes discursos, exclamaria Roger Silverstone. “Não podemos compreender outra cultura se não compreendemos suas histórias (...) secundárias, terciárias e quaternárias” (SILVERSTONE, 1999:87). O pessoalismo polêmico dos pichadores confronta o impessoalismo dos repórteres, demasiadamente preocupados em cumprir bem a função de porta-voz da sociedade, da indignação popular, da badalada opinião pública:

A mídia depende do senso comum. (...) sua falta de singularidade fornece o material para as controvérsias e os assombros diários, quando somos forçados – em grande medida pela mídia e, cada vez mais, talvez apenas pela mídia – a ver, a encarar os sentidos comuns e as culturas comuns dos outros. O medo da diferença. (SILVERSTONE, 1999:21).

Arce classifica o grupo de pichadores como identidades proscritas: “formas rechaçadas pelos setores dominantes”, cujos membros “são objeto de caracterizações pejorativas e muitas vezes persecutórias” (ARCE, 1999:147). Por isso, quase sem exceção, os textos jornalísticos sobre pichadores prendem-se a um mesmo paradigma, centrado na depreciação de seus feitos e na escolha deles como inimigos públicos. Raramente variam a retórica ou os recursos de enunciação, dos quais se destacam os seguintes aspectos:

1. Redução a vândalos, marginais, delinqüentes. Estes são os substantivos mais usados para nomeá-los - “Soldados a serviço do vandalismo” (JB, 18/05/08) e “A mais nova vítima dos vândalos” (JB, 16/12/2007) são exemplos. “Quando se ouve a expressão anterior de ‘vândalos’ o discurso jornalístico diminui todo um enredamento de conhecimentos à apenas uma palavra” (COELHO, 2008:s/n).

2. Interesse na inversão de papéis sociais. A mídia dá voz a ex-pichadores convertidos em grafiteiros para explicarem por que abandonaram a vida noturna e como funcionam os projetos destinados ao resgate dos jovens do xarpi, em sua maior parte baseados na cultura do repasse e apoiados pelos órgãos públicos. Normalmente o ex-pichador aparece arrependido pelas ações rebeldes de outrora e coloca o grafite como ponto de virada em sua vida. Foi o que aconteceu com Fábio Ema, capa da *Veja Rio* em março de 2000 (“Arte de colorir as ruas”). Dizia o sutiã da reportagem: “Ex-pichadores descobrem as possibilidades de criar beleza com tinta spray”. O texto apresenta diferenças entre grafite e pichação, para demérito desta, que é definida como o ato “de emporcalhar o patrimônio alheio e garantir a presença da assinatura do vândalo de forma bem visível no maior número possível de lugares”.

3. Relação com narcotráfico, crime organizado e violência. Trata-se de uma herança das primeiras galeras de pichadores (G 80 e G 90): muitos membros famosos pararam nas páginas de jornal por causa de roubos, assassinatos, tráfico de drogas e brigas de torcidas organizadas. Hoje, segundo informações dos próprios, eles são minorias. Uma diferença visível entre os pichadores da geração atual e das anteriores reside no estreitamento dos laços afetivos e no esfacelamento das grandes rivalidades.

Colocar o pichador como sinônimo de bandido é um exercício de generalização, embora facilmente argumentável devido à existência de jovens que executem os dois papéis³³. É a velha história, ensinada pela sabedoria popular, de que o erro de um basta para condenar os demais. O vínculo com outros crimes causa tensões no xarpi. Caso emblemático é o de “Caixa”, narrado assim por “Nuno”:

O grande problema dele é que não queria trabalhar, e depois que conheceu a rataria, ferrou! Fora à pichação ele tinha outro e mais perigoso vício, o “155”, no qual era especialista e o modo como sobrevivia no dia a dia, fazendo pequenos furtos³⁴. (“Nuno”)

Nuno ressalta os esforços empreendidos pelo amigo “Sel” e a namorada “Kel”, também pichadores, para empregá-lo com carteira assinada. Conseguiram, mas Caixa sequer completou uma quinzena no serviço:

³³ Ver item 1.8.

³⁴ No blogue “Páginas de Tinta”.

Segundo ele, o motivo da demissão foi o patrão ter visto sua ficha criminal. Onde constavam dois antecedentes: 155 (em um supermercado) e 163 (Praia de Botafogo). Mas o “Sel” acredita que não tenha sido isso não, mas sim que ele não queria trabalhar mesmo, gostava ou estava acostumado com o que vinha fácil... Acabou saindo do emprego sem ganhar um tostão. (“Nuno”, no blogue Páginas de Tinta)

De um modo geral, os pichadores mostram-se dispostos a combater o uso de drogas em seus pontos de encontro. Preocupam-se com os amigos que “mexem com outras coisas erradas” e rejeitam àqueles que trazem querelas pessoais (time de futebol, preferência por facção A ou B) para as reuniões ou fazem das pichações meios de propaganda para expô-las. Sabem que a ligação com outros crimes será uma agravante ao julgamento que mídia e sociedade lhes impõem. Não se pense, porém, que os pichadores se exasperam com a exposição negativa recebida por seus feitos na mídia. Numa reversão do processo, eles até a procuram, e, assim, fazem de jornais e TV’s meros propagadores de suas “obras”. Ver sua marca em fotografias ou imagens destes veículos, mesmo que o foco seja outro, é, para eles, “motivo de orgulho”, “a melhor sensação do mundo”, “exalta mais”, “faz bem para o ego”³⁵. E mais: aquilata suas performances, dá passaporte para a fama, intensifica o reconhecimento, atrai a cobiça das meninas e o respeito dos pares. O nome deixado no topo do Relógio da Central, na primeira incursão (14/02/1991), e ao lado dos ponteiros dele, numa segunda vez, foi decisivo para que o eterno “Vinga”, da Grafiteiros da Oeste, se notabilizasse entre os arteiros da rua, sendo aclamado por muitos como o Che Guevara do xarpi. Semanas antes, ele já escalara a Igreja da Candelária. Os três feitos permitiram-lhe alcançar o egrégio que faz dele hoje uma das poucas unanimidades no círculo de pichadores. Não apenas sua marca apareceu na mídia, como também seu codinome: diante de tamanha repercussão, era imprescindível publicá-lo, e “Vinga” se transformou no mais caçado entre todos os ratos de seu submundo.

Central do Brasil: na segunda-feira da semana passada, dois funcionários da CBTU trabalhavam para limpar a marca de Vinga, o pichador mais procurado. (Legenda de foto, O Globo, arquivo pessoal de Vely)

Candelária: em 14 de fevereiro de 1991, Vinga, o mesmo do relógio da Central, provocou a primeira indignação da cidade rabiscando a cúpula da igreja (Legenda de foto, O Globo, arquivo pessoal de Vely)

Sandrinho, amigo de “Nuno” e freqüentador assíduo das páginas de xarpi na web, era criança na época, mas recorda a exposição na mídia que a aventura de Vinga obteve:

³⁵ Expressões retiradas da fala dos pichadores.

Lembro que saiu uma matéria no RJTV mostrando o (possível) caminho que ele havia percorrido e o repórter dando destaque para a lata vazia que ele deixara lá em cima. No colégio só se falava na façanha dele. E dois ou três dias depois o cara volta lá e pega o mostrador do relógio. Aquilo ganhou tanto destaque na mídia que o Chico, (esse que faz as charges da capa do jornal O Globo e do Jornal Nacional) fez uma série de charges irônicas sobre a politicagem da época fazendo alusão a façanha dele.

Vinga não foi o único pichador a ter minutos de fama em veículos de projeção nacional. “Joe”, “Ponga” e “Fome”, por exemplo, “escalaram a torre mourisca do castelo [da fundação Oswaldo Cruz], sob as barbas de 34 seguranças”, no dia 20 de novembro de 1991 (O Globo), fato que repercutiu em inúmeros jornais. Kil, conhecido como “o rei das Igrejas”, que é uma das instituições mais respeitadas da sociedade, registrou seu nome na lista de celebridades do xarpi depois de pegar, aos 17 anos, a cúpula da Igreja da Candelária, em 1991. O Globo noticiou na ocasião um anúncio de despedida de “Kil”: “Pichador da Candelária diz que está arrependido e promete parar”. Dois anos mais tarde, voltava à mídia após bem sucedida missão na rodoviária Novo Rio. “Gugu” apareceu nos jornais O Globo, O Dia e no Fantástico com as pichações feitas na Catedral de Petrópolis e no túmulo de Garrincha, em Magé. Em episódio mais recente, 20 de janeiro de 2006, dia de São Sebastião, a estátua do padroeiro do Rio de Janeiro, localizada no bairro da Glória, apareceu rabiscada, despertando o interesse da imprensa. “Kadu”, responsável pelo “ato profano” aparece sorridente e vaidoso no documentário “Que o Mundo Veja”. Erguendo para a câmera o recorte de jornal com a matéria (“Estátua é pichada no dia do padroeiro do Rio”) comenta a repercussão e ainda dá detalhes do trabalho: “Essa foto aqui é do Globo, saiu, pô, nítida, legal que vou guardar pra sempre. Busquei lá de esquerda, lá no peito dele”.



Ilustração 17 - O PESSOALISMO atinge os muros. Prestes a parar, Ned decidiu homenagear os pais com as frases “Meu pai, meu herói” e “Amor de mãe é um só”. No dia seguinte à pichação, seu pai, doente há algum tempo, morreria.

Arquivo pessoal de Ned

A mídia pauta relações, determina agendas, alimenta conversas, influencia pensamentos. Seu poder é tanto que consegue fazer um termo sinônimo de violência ganhar outros ares num curto espaço de tempo.

DENTRO DA SUA MENTE

3.2 A galera do xarpi como tribo urbana

Quando a imprensa noticia certo tipo de ocorrência, geralmente envolvendo grupos de jovens ou adolescentes – enfrentamentos entre bandos rivais, comportamentos em shows e festivais, pichações etc. – inevitavelmente aparece o termo “tribos urbanas” no box explicativo que acompanha a matéria. (MAGNANI, 1992:s/n)

Sempre vistos como ameaça à sociedade e dotados de personalidade, hábitos e rituais “exóticos”, singulares e construídos sobre a insígnia da transgressão, os pichadores, assim como punks, funkeiros, góticos, não escaparam do conceito de tribo, defendido pelo sociólogo francês Michel Maffesoli e reproduzido à exaustão na mídia. Tribos urbanas ou metropolitanas são microgrupos sociais nascidos da necessidade do jovem de pertencer a agregações homogêneas, de interesses, objetivos e pensamentos afins. Segundo Maffesoli, a grupalidade torna-se a saída mais viável para a constituição identitária numa paisagem urbana confusa, tensa, caótica, incerta, onde reina o individualismo, “um bunker obsoleto”, que “merece ser abandonado”. “A metáfora da tribo permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela”. (MAFFESOLI, 1987:14, 8-9).

Como visto nos capítulos anteriores, a pichação guarda algumas características de tribos metropolitanas, principalmente no que diz respeito a redes de amizade, à comunidade emocional ou de sobrevivência afetiva, à não-adesão à assepsia social, à solidariedade orgânica e à rejeição ao burguesismo. Mas não foram tais aspectos que chamaram a atenção da mídia, quando, no início dos anos 90, os pichadores foram inseridos entre as tribos de jovens. Naquela época, o significante “tribo” remetia diretamente à violência, ao crime, à rebeldia da juventude urbana. Segundo Magnani, “uma análise das utilizações mais freqüentes da expressão ‘tribos urbanas’ mostra que na maioria dos casos não se vai além do nível da metáfora”. (MAGNANI, 1992:s/n):

Como categoria, tribo quer dizer uma coisa; enquanto metáfora, é forçada a dizer outras, até mesmo contra aquele sentido original. Sendo metáfora, ‘tribo’ evoca, mais do que recorta. E evoca o quê? Primitivo, selvagem natural, comunitário. (...) Quando evoca o ‘selvagem’, o termo designa principalmente o comportamento agressivo, contestatório e ‘anti-social’ desses grupos [punks, carecas, darks] e as práticas de vandalismo e violências atribuídas a outros como as gangues de pichadores, as torcidas organizadas. (MAGNANI, 1992:s/n).

Se não bastasse o caráter estigmatizante da noção de tribo, a mídia o correlaciona também a termos como gangues e bandos, inoculando ou reportando, através da recepção pela audiência, reações contrárias desta aos pichadores, vistos unicamente como jovens “selvagens”, “irracionais” e “violentos por natureza” – por sinal, “Selvagens Urbanos” foi o título da matéria do jornalístico “24 Horas”, da Rede Manchete, sobre pichadores, em 1996. “O pânico público é facilmente induzido por empolgamentos noticiosos de alguns *media*. Uma das características das multidões é a de produzirem sonoridades simples, uníssonas”, comenta Pais (2004,11). Em programas de TV, nas cartas enviadas aos jornais, nos fóruns de discussão na internet, os proprietários de bens pichados expõem raiva e prometem morte aos infratores:

Quais os objetivos desses destruidores de monumentos, incluindo neles os muros e edifícios? Têm um trabalho inacreditável e sobem pelas paredes expondo-se a perigos de quedas sem qualquer objetivo a não ser destruir. São inoperantes em fazer algo melhor ou estão no limiar entre o racional e o primitivismo. Levantar um jornal de uma banca ou, pior esforço, abrir um livro qualquer para ler, nunca o fazem. São os lídimos representantes do “elo perdido”. (Não assinado, JB On line, 26/05/2008).

Don comenta essa veemente intolerância com o pichador veiculada nos meios de comunicação de massa:

Eles colocam os caras como porcalhões, certo? Marginais e vândalos, concorda? Você já viu a mídia fazer campanha para perseguir os caras que colocam lambe-lambe pelas cidades do Brasil a fora? Ou a sociedade pedir a morte de um motorista de lotação irregular? Que é algo igualmente ilegal? O pichador não coloca a vida de ninguém que não seja a dele próprio em risco. Estão errados em fazer... Sujar patrimônio alheio... Mas não me lembro de ver nenhuma manchete do tipo: “Pichador mata morador de apartamento e segurança de loja”. Sempre quem aparece como vítima de morte nos jornais são os pichadores. (...) Acho que a população encara o tráfico de uma maneira muito mais aceitável do que a pichação. O tráfico é muito mais glamourizado pela mídia do que o xarpi. As pessoas pedem a morte dos pichadores...

O antropólogo português José Machado Pais (2004) não rejeita completamente o termo tribo, embora afirme que “as abordagens do senso comum e dos mass media sobre o fenômeno das tribos urbanas buscavam um ‘outro’ críptico para o etiquetar, da mesma forma que a velha etnografia farejava o exótico para melhor o colonizar”. Contra esses “equívocos conceituais”, ele avança na significação do termo, apoiando-se em sua etimologia – do grego tribé, que denota a idéia de atrito. Surge assim a definição de tribo como “a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam”, o que possibilita seu emprego para designar as sociabilidades juvenis que estão sob a bandeira do risco, da subversão, da transgressão, da invasão, que é o caso dos grupos de pichadores.

Apesar da sobrevida que ganha sob a ótica do atrito e da resistência, é difícil imaginar que, sobretudo fora da literatura acadêmica, em curto prazo, o termo tribo livre-se das cicatrizes infundidas pelos *media*, restando-lhe um tratamento especial, como propõe Freire Filho:

Tão badalada quanto desgastada pela mídia, a etiqueta tribos urbanas deveria ser submetida, por sua vez, a uma salutar quarentena acadêmica; ou, quem sabe, ser reservada, apenas e tão-somente, para denominar agrupamentos juvenis eletivos mais pontuais cuja configuração, detectada ou forjada pelo jornalismo cultural, não deixe dúvidas quanto à sua natureza esporádica e efêmera, à sua elevada falta de comprometimento interno e alinhamento coletivo, orientado por modismos estéticos e comportamentais. (FREIRE FILHO, 2005:70)

Nas reportagens recentes sobre o comportamento juvenil, os pichadores aparecem fora da órbita das tribos. Não que tenha havido mudança positiva na forma como seus atos são assimilados pela mídia ou pela população. O que aconteceu, na verdade, é que as tribos urbanas passaram a ser olhadas mais pela face do consumismo ou do lazer do que pela da violência, simbólica ou concreta, ao contrário do que ocorrera na década passada. A título de curiosidade, a abordagem de Maffesoli é influenciada por transformações na

moda, nas comunicações, na produção cultural, estando, portanto, os microgrupos sob “a égide [...] de certo tipo de consumo” (MAGNANI, 2007:16). Na edição especial *Veja Jovens*, observe como o termo é definido:

Uma tribo urbana é uma espécie de pacote de gosto musical, ídolos, roupas e acessórios. É uma forma de sinalizar aos outros o que se é – ou não é nada disso. Pode ser simplesmente a expressão sem compromisso da preferência momentânea por uma moda ou por um artista pop. (O Jeito de Cada Tribo, 2003).

Em outra reportagem (“Consumidor movido a baladas”), o estilo de vida dos jovens aparece como fator decisivo para o posicionamento de uma marca no mercado. Os eventos promovidos por ou para eles viram uma oportunidade para a “conquista deste target”:

Tribos urbanas, suas necessidades específicas e uma interminável série de eventos focados em seu estilo de vida, se tornaram hoje, a coqueluche dos novos tempos e quase uma regra dentro dos departamentos de marketing de empresas atentas. (Revista *Meio & Mídia*, sem data, disponível em site).

Outro bom exemplo está na web, onde existe um portal destinado às tribos urbanas – “*Spinner – o Portal de Todas as Tribos*”. Nele encontra-se uma relação com dezenas de grupos sociais, ou até mesmo virtuais, desde os mais recentes, como os blogueiros, gamemaníacos e os baladeiros até os da antiga, como os hippies, punks, clubs e metaleiros. Há sala de bate-papo, dá para marcar encontros, fazer amigos, paquerar, contribuir com matérias sobre qualquer tribo etc. Mas não há sequer uma reportagem ou artigo que mencione os pichadores.

Diante deste novo quadro, e, sobretudo, por recorrerem à “estética da feiúra” (ARCE 1999:139), pode-se dizer que os pichadores, do ponto de vista da mídia, não compõem mais uma tribo, ao menos quando o ângulo de análise é o consumo, o lazer ou o entretenimento. Assim, num breve espaço de tempo, o predado cultural da pichação, a arte proibida, foi posto de vez em penumbra para que resplandecesse apenas o seu pólo extremo, o criminal. Em curtas palavras, transformou-se num primo distante do graffiti e num irmão legítimo do narcotráfico. O modelo de interação dos pichadores com a cidade não contém elementos simbólicos que excitem investidores aptos a transformá-los em produtos lucrativos. Apenas sua poética urbana, sua caligrafia icônica, seus rabiscos ideogramáticos, mesmo incompreensíveis ao leigo, obtêm fama longe de paredes e muros, sendo objeto de estudos e de inspiração de designers de tipografias. Mas, além de seus traços, o que a pichação poderia oferecer aos agentes de mercado?

Seu vestuário? Dificilmente, já que é simples demais para constituir moda: um boné para esconder o rosto, uma calça ou bermuda mais comprida para encobrir o joelho. Às vezes um sapato rasteiro para facilitar as escaladas ou talvez um chinelo. A camisa nem sempre se faz necessária, aparecendo mais no ombro ou amarrada na cintura. E não se pode esquecer a mochila, onde fica guardada a lata de spray ou qualquer outra coisa que os ajudem a driblar a polícia. Trajam-se como se estivessem em casa, no bar da esquina, no banco da praça, num passeio despretenso pelo bairro em que moram. Não se vestem para passar alguma mensagem, como os punk, com sua jaqueta negra, braceletes de couro no pulso, coleiras, cinto, tudo com muitos pinos e ranhuras, e cabelos moicanos, uma espécie de “máquina de guerra” (CAIAFA, 1989:112). Assim como os ratos pelos canais de seu mundo, os pichadores precisam passar despercebidos pelas ruas.

E sua música? Será que atrai e seduz? Não, pois o que eles ouvem não lhes é particular, restrito ao grupo³⁶. A maioria carrega no MP3 raps dos Racionais MC's ou do Rappa. Outros têm na ponta da língua as melôs do momento no funk. Pop, rock, reggae, samba, pagode, sertanejo e até Chico Buarque podem ser incluídos no campo das preferências musicais deste agrupamento. De próprio mesmo só os raps que fazem para narrar sua vida como pichador – e que, aos poucos, constituem um nicho de mercado informal (o público-alvo são eles ou admiradores e o local de venda, no mais das vezes, são as reuniões semanais). Fora deste círculo, as letras correm o risco de sofrer censura por apologia ao crime de dano ao patrimônio alheio. Por fim, será que a pichação poderia ser vendida como esporte ou lazer? A mídia poderia enquadrar a pichação na categoria de esportes radicais, aventura urbana, alpinismo etc. Mas somente o faria quando diluída a atmosfera negativa que envolve o piche, cuja ênfase recai na infração da lei e nos riscos de morte. Como alerta Leonel, “vício arriscado é só pra quem é pichador” (rap do Xarpi, nº.4). Em suma, os atributos mais valorizados pelos empreendedores da indústria cultural - a música, o estilo de vida e o vestuário - não são as iguarias oferecidas pelos pichadores ao público.

Se analisado a partir do repertório teórico dos estudiosos de Birmingham, o hip hop, por exemplo, teria um ciclo de vida cujo último ato seria o fenecimento. Começaria causando barulho, conquistando espaços culturais, atraindo a mídia e a atenção das esferas dominantes da sociedade. Estabeleceria novas convenções e mudanças na esfera judiciária. E criaria enfim, no derradeiro fôlego, novas mercadorias e modismos. (FREIRE

³⁶ Ainda é cedo para traçar perspectivas da pichação como temática de raps, como os feitos por Runk, Leonel e Nuno. Antes de cantarem, eles precisam alertar que não se trata de apologia ao crime contra a ordem urbana.

FILHO, 2007, 42, 43). Embora não despreze as tentativas de apropriação e redefinição das diferenças, muito menos a colonização do exótico e a “capacidade dos espetáculos midiáticos de empacotar e mercantilizar a marginalidade e a resistência de uma maneira tal que reifica ideologias dominantes”, Freire Filho aposta numa contrapartida da expressão juvenil, afirmando que “uma subcultura pode ingressar na órbita comercial do entretenimento massivo, apenas para, em seguida, retornar a outros espaços subculturais [...] reinvestida com pelo menos parte de seu ímpeto contestador inicial” (idem). Exemplo de resistência à conversão pela mídia é dado por Caiafa em seu estudo do movimento punk:

A assimilação do punk pela moda se arma numa questão bem mais geral: a diferença e a sua neutralização. [...] Anti-moda, anti-música, o punk precisa da escuridão para se exercer, a exposição pelas mídias lhe é fatal. Mas em condições ainda de combate, a iminência de virar é impulso, o punk usa o inimigo, ele conta com o lance do adversário e produz contra-efeitos dessas ofensivas. [...] Quando a mídia decalca o punk, tira seu retrato e o expõe, imobiliza-o na mortalha da pose, ele não faz nada para salvar-se. O Movimento se estilhaça, ou aprofunda um estilhaçamento que já há. [...] O que a mídia absorveu é o cadáver do punk, a caricatura ridícula que não existe. E nunca existiu porque, quando o punk se exercia, isso acontecia em condições irreconstituíveis. O punk da novela da TV, dos modelos de penteado, dos figurinos dos consumidores das noites new-wave é o punk traduzido, convertido para um meio que não é seu. (CAIAFA, 1989:120-121)

Portanto, as “desfigurações midiáticas”, fruto “da incapacidade burguesa de imaginar o Outro” (FREIRE FILHO, 2007:40), insiste em permanecer, no que concerne à galera de pichadores, na esfera das mitificações, da banalização de seus atos, resguardando-se do fomento empresarial. “Eu sou arteiro, não me confunda com artista/ Não tô em capa de revista, eu tô na pista” (Rap do Xarpi, MC Leonel).



Arquivo Pessoal
Task



Arquivo Pessoal
GPC

Ilustração 18 – RECORTES DE JORNAIS do fim dos anos 80. No sutiã da segunda matéria, está escrito: “Grafiteiros descobrem que a mania de pichar ‘não tem nada a ver’ e aposentam os sprays”.

Com a validade se aproximando, é preciso descartar o conceito de tribo. Não lhes faltam substitutos. O problema é que todos parecem querer englobar mais do que podem. Morte anunciada também para eles.

QUEM NÃO TEM COLÍRIO USA ÓCULOS ESCUROS

3.3 A galera do xarpi sob a ótica de outros conceitos

Ser ou não ser tribo urbana é questão válida apenas como pano de fundo para tecer análises acerca da relação dos pichadores com a mídia sob o viés da violência, do consumo e do lazer. Mas trabalhos como estes exigem que o autor classifique seu objeto de estudo em alguma categoria. Subtraindo do baralho o conceito de tribo, por sua significação sem solidez, sobriariam à disposição dele outras tantas cartas, assim chamadas de contracultura, subcultura, culturas juvenis etc. E em todas estas noções, encontrar-se-iam elementos com os quais o xarpi se identifica.

A pichação está em pleno conflito com padrões culturais, com normas reguladoras, consolidadas pela cultura ocidental e que atravessam ilesas gerações e gerações. Por mais que o ato político de seus membros não seja tão expressivo quanto nos anos da ditadura, o fator política sempre estará presente, porque seus praticantes incomodam, criam propositadamente desarmonias no corpo social. Cultura underground, alternativa, marginal, contracultura. Qualquer rebuscamento não é descartado.

De um lado, o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude. (...) Trata-se, então, de um fenômeno datado e situado historicamente e que, embora muito próximo de nós, já faz parte do passado. (...) De outro lado, o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica – esta

parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, ‘rompe com as regras do jogo’ em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação. (PEREIRA, 1992:20)

Canevacci data a morte da contracultura no início dos anos 80. Ele quer dizer que a cultura que propunha “acender um processo revolucionário [...] no cruzamento de novas formas de pensar e velhas ideologias”, que nascera no “contra” e se firmara num “para” ao “repensar a cultura em termos de total e radical diferença”, desaparecera plenamente. Em outras palavras, não existe mais cultura contra porque também não há mais política, utopias, hegemonia, ideologia, dicotomias. (CANEVACCI 2005:13-15).

Sem contracultura, vai-se, então, para a subcultura - o prefixo sub, neste caso, não apresenta “sentido depreciativo”, uma vez que não “indica algo que está abaixo”, mas sim “uma classe menor dentro de uma maior” (CANEVACCI, 2005:17). Os pichadores constituem uma subcultura porque seu comportamento e objetivo os diferenciam do todo, seja do ponto de vista social, territorial, desviante, sexual ou de geração, seguindo a enumeração feita por Canevacci (2005:16). Esmiuçando, a galera do xarpi é uma das inúmeras formas de sociabilidade da metrópole carioca, em cuja dinâmica percebe-se um jeito próprio de ver e estar no mundo, de ocupar e se relacionar com lugares e territórios, de lidar com a transgressão de normas. A diferença de classes não constitui empecilhos para que jovens ricos e pobres sigam juntos numa missão, mas contribui para que pichar seja visto como “coisa de favelado”. Ademais, sendo uma atividade reconhecidamente masculina e juvenil, destaca-se no atual período histórico da pichação, a tentativa das mulheres de se firmarem neste meio e a forte presença de adultos xarpindo.

Canevacci também prega o fim da subcultura, por se tratar de um conceito que “foi progressivamente se exaurindo”. “A subcultura - como sua matriz ‘cultura’ - seleciona o homogêneo em detrimento do heterogêneo, o uniforme contra o fragmentário”. E diz mais:

São as diferenças que devem ser aplainadas para que seja possível fazer fluir o carro triunfante de ‘a’ cultura. [...] Está na hora de eliminar as distinções etnocêntricas entre sociedades simples e complexas, juntamente com os caracteres nacionais e as várias subculturas, todas marcadas pela idéia de uniformidade e pela reprodução de estereótipos. É tempo de defender os fragmentos, as diferenças. [...] Esse termo ‘subcultura’ hoje é de pouca significação, pois não existe mais uma cultura geral unitária em relação à qual uma determinada subcultura se define como parte dela. (CANEVACCI 2005:17-19)

Freire Filho propõe um polimento deste conceito, caracterizado pelo elitismo cultural - do qual a tese de consumo passivo é exemplo -, pela omissão das práticas culturais femininas, pela centralidade concedida às condições de classe, pela romantização da autenticidade e da resistência etc. Mesmo estando na berlinda, o termo, para ele, continua sendo o mais propício para designar “formações culturais de perfil mais coerente, coeso, estável, substancial”. Com os devidos ajustes, o termo englobaria todo grupo cuja consciência de identidade grupal e sentimento de pertença e compromisso se mostrassem nítidos, e apresentassem uma rede de pequenos negócios e serviços de informação e interação, sem pretensões de lucro, desenvolvida pelos próprios membros (FREIRE FILHO, 2007:70-71). Aqui também a pichação se enquadraria, haja vista os blogues, fotologs e vídeos de caráter jornalístico que produzem e os CD’s, DVD’s, camisas e latas de spray comercializados entre eles.

Outro que rejeita o conceito de subculturas é Carles Feixa, pelo fato de suas aplicações encontrarem-se muito presas a questão do desvio, substituindo-o pelo de culturas juvenis. Estas “definem a aparição de ‘microsociedades juvenis’, com graus significativos de autonomia em relação às instituições adultas, que se servem de espaço e tempos específicos”. O uso no plural realça “o caráter de heterogeneidade interna” dessas culturas (FEIXA *apud* PEREIRA, 2007). A pichação também poderia vestir esta camisa, uma vez que se trata de uma experiência social de jovens caracterizada pela “construção de um estilo de vida distintivo, localizado no tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional” (idem) – convém lembrar que, apesar de pautar sua vida a partir da pichação e das cadeias de relacionamentos surgidas nela, o pichador ocupa outros papéis sociais, como o de estudante, o de pai de família, o de policial federal, o de comerciante, o de professor etc.

Tão recente quanto “culturas juvenis” é o conceito de “comunidades de sentido”. Como os demais, neste está presente a partilha de interesses afins, a vivência de certos gostos e afetos, que é apontado por Janotti Jr. como o primeiro critério para a constituição de uma: “É a vivência desses sentidos, por meio do consumo de determinados objetos culturais, que permite a um indivíduo reconhecer seus pares, seja um skatista, um punk, um headhanger, um clubber, independentemente do território em que esses sentidos se manifestam”. Esta ênfase dada ao uso de um conjunto particular de artigos culturais impede a classificação dos pichadores como comunidade de sentido e, conseqüentemente, como grupamento urbano – que seria “a apropriação local dos objetos culturais

veiculados mundialmente”-, uma vez que, reiterando, eles formam um grupo aberto no qual a música e o vestuário não são critérios de pertencimento.

Diante deste repertório de conceitos confusos, vagos, mutantes, efêmeros, Canevacci opta por seguir “na contramão do discurso científico”. “Como encerrar em categorias socioantropológicas o que é naturalmente vário, fragmentado, policromo? Como fixar em tabelas o que é móvel e fugidio?” (Canevacci, 2005: apresentação), pergunta. Atitude semelhante à de Freire Filho, quando este prega a transgressão dos modismos e dos monoteísmos conceituais. Canevacci lança mão de um novo conceito: as culturas eXtremas – “contra qualquer tradição continuísta, entretecem-se os fios que eliminam todo resíduo conceitual de subcultura ou de contracultura, e propõe-se o cenário múltiplo das culturas intermináveis” (2005:9). Magnani apresenta outra denominação, a de “circuitos jovens” – “a idéia é privilegiar sua inserção [a dos jovens] na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca” (MAGNANI, 2005:3). Freire Filho traz uma releitura do “camaleônico” conceito de resistência em que se fazem presentes questões acerca da falta de oportunidades econômicas ou de mobilidade social, das humilhações simbólicas, das autoridades, do descaso do mundo adulto, da banalidade da vida cotidiana e das expressões culturais mainstream etc. (2007:71).

A pichação não fica fora desses conceitos novos ou revisados. Para ser uma cultura eXtrema, o primeiro critério que vige é o gozo das diferenças. E “a diferença se opõe à contradição dialética”, o que na pichação significa instituir formas alternativas de diálogo com a sociedade. E mais: os pichadores são “jovens intermináveis” e “extremos” por “enfrentar o cruzamento, violar o vermelho, ignorar o código”; são jovens que praticam a diáspora por serem “contra a miséria de um papel e de um status finalmente alcançado que nos acompanha por toda a vida, como uma impressão digital”; são anômicos por provocarem tensão entre a mídia e a metrópole, por “esticar ao máximo os limites da suportabilidade, torná-los finos e pegajosos, fios apaixonados e patógenos”. (CANEVACCI, 2005:163-180)

O “pedaço” dos pichadores são as praças públicas onde promovem suas reuniões, construindo uma rede de sociabilidade pautada nas amizades e que funciona como válvulas de escape das tensões do trabalho e das responsabilidades do viver em família. Mas eles não se fecham em seus “pedaços”, também são acolhidos por inúmeras manchas espalhadas pela cidade, como nos bares e boates da Lapa. Árduo mesmo é determinar o

“trajeto” que percorrem na cidade, já que eles sabem como poucos fazer uso da “diversidade do espaço urbano para além do bairro”. Os pichadores configuram desse jeito um “circuito”, no qual exercem a “sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos”. (MAGNANI, 2005:20-21).

Pichar é uma forma de resistência ou atrito subversiva, mas também trivial. É trivial para aqueles que usam a pichação como “estilo de vida alternativo” ou desejam assumir um “comportamento de risco” (FREIRE FILHO, 2005:19). É subversiva para aqueles que fazem desta prática comunicacional a expressão de sua revolta, múltipla e extensa. Resistem à falta de dinheiro para comprar tintas, encontrando meios para sustentar o vício. Resistem às carências de afeto na família, tornando público os afetos nascidos na rua. Resistem à precariedade de suas missões em nome da transgressão, da adrenalina e do próprio ego. Resistem às generalizações, rotulagens e perseguições incontáveis, defendendo algo que pode levá-los a morte, algo indefensável, para cujo veredicto não se exige julgamento maçante, e a retórica da vítima é ineficaz. Resistem à mesmice do dia-a-dia, lançando na veia doses altíssimas de adrenalina. Resistem, enfim, a padrões culturais pautados no bom gosto de uma classe social que geralmente não é a deles.

Transgredir modismos conceituais, como pede Freire Filho, num trabalho sobre transgressão, seria abandonar todos eles em prol de outras designações mais populares. Para o pichador não é importante saber o que é tribo, subcultura, contracultura, movimento de resistência, cultura juvenil, circuito de jovem, cultura eXtrema. O vocabulário dele apresenta inúmeros termos que bem substituiriam estes: galera, bonde, bando, cultura urbana, cultura de rua. Este último termo, por ser uma antítese da cultura dos museus, da TV, dos rádios, da internet, dos teatros, talvez seja o mais profícuo para substantivar o xarpi. Culturas de ruas são aquelas que nascem e se desenvolvem nas esquinas, nas praças, nas vielas, nas pontes, no pé do morro, como o graffiti e o rap. Ao dizer que seus rabiscos constituem uma arte, o pichador não faz um pedido de absolvição para a sociedade; somente valoriza o que constrói, como canta Leonel: “Olhe pro meu xarpi, não olhe pro outdoor/ Propaganda não, cultura de rua é melhor” (rap do Xarpi nº. 8).

O piche atingiu a dimensão de prática comunicacional de destaque no universo juvenil, num processo iniciado há anos. Arraigada no contexto urbano de grandes metrópoles, os pichadores dispensam propagandas favoráveis de outros meios e, como visto, resistem às inúmeras tentativas de esterilização. Este “vício rebelde” transmite-se

por osmose entre os jovens da favela, do subúrbio, da Zona Sul, nas classes baixas e altas. Muitos começam a pichar por influência de amigos da escola, lugar onde também é comum a prática de inventar nomes ou criar marcas e espalhá-las nas mesas e nos cadernos dos colegas:

[Quando comecei a trabalhar na escola], a pintura estava nova e as carteiras e cadeiras estavam limpas, devido à faxina no início do ano. (...) Conforme ia passando o ano, começaram a surgir novas pichações. Primeiro, uma aqui e outra ali, que eram geralmente apagadas. Cerca de três meses após o início do ano, elas eram inúmeras e visíveis. (BARCHI, 2007, 1-2)

Noventa por cento dos jovens que viveram os anos de 1980 praticaram algum tipo de pichação, seja uma escrita sobre a pessoa amada em árvores, em mesas de colégio, frases de amor em banheiros, em cadernos ou com giz de cera e spray nos ônibus, trens, paredes e outros (TRIBO, pesquisador da arte urbana).

Depois do auge no início da década de 90, sobreveio o arrefecimento nos anos seguintes, algo que foi interrompido tempos depois por um novo boom de jovens pichadores. Seus códigos de comunicação atravessaram intactos os anos, possuindo agora tentáculos no mundo da música e do vídeo, e sendo alimentados por uma rede de informação virtual cada vez mais sólida. Disseminaram-se por todas as classes sociais. Mas eis que surge um problema: no discurso de boa parte dos novos pichadores não se fala em contestação, em subversão de códigos de conduta, em aversão ao elitismo cultural. Não virou modismo, mais virou “modinha” entre a juventude carioca. “Se o amigo faz, farei também”. Não são todos que evoluem deste primeiro estágio, por mais que esteja presente a necessidade de expressar-se, de transgredir leis. Ser pichador, para os mais engajados, é viver seus valores 24 horas por dia, mesmo que as missões não durem nem meia hora. Configura-se um estilo de vida, ou melhor, numa verdadeira profissão para eles. E não ouse nomear-se um. Somente os verdadeiros pichadores sabem quem é ou não é da parada. “Don”, por exemplo, recusa o título de pichador: “Coloquei seis nomezinhos... Isso não faz de ninguém um pichador”.

A minha profissão é essa e ninguém vai me demitir/ Profissão de risco, esse é o meu trabalho/ Não remunerado, eu picho seu muro pintado” (Leonel, rap do xarpi nº. 5).

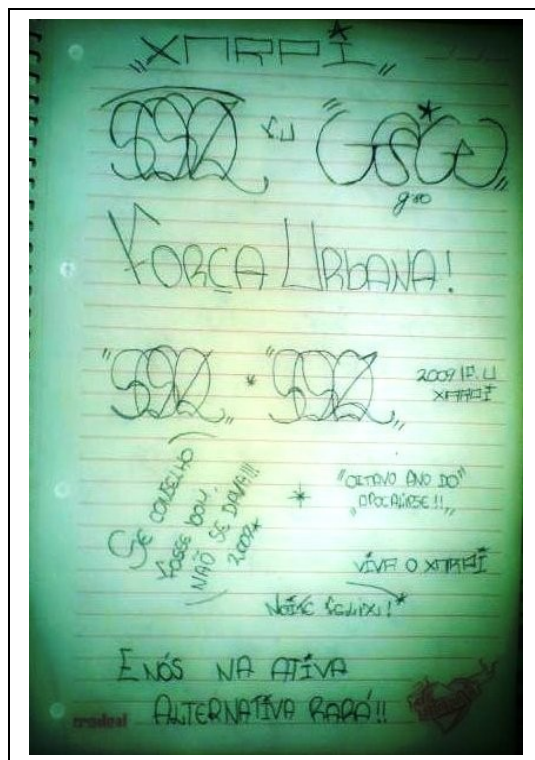


Ilustração 19 MODA OU MODINHA? À esquerda, folha do caderno escolar de “Sasaz”, de 14 anos, usada para pichação dele e dos amigos, algo comum no meio estudantil. “Sasaz” conta que certo dia sua professora de Educação Artística perguntou se havia pichadores na sala. Dos seis, apenas ele se declarou um. “Ela perguntou qual era a sensação de pichar, de cometer rebeldia, vandalismo. ‘O que você anda fazendo, mocinho, arte ou vandalismo?’, eu disse que arte. No conselho de classe, ela explanou para geral”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investida sobre o ethos da pichação carioca vai chegando ao fim. O “olhar de fora” dizia que se tratava de rebeldes sem causa, adolescentes em busca de afirmação, impetuosos, inconseqüentes, insubordináveis. O “olhar de dentro” revela outro universo, dotado de peculiaridades, com suas leis, suas histórias, suas “visões de mundo”. Há nele uma gama de elementos, quase todos explorados aqui, outros merecedores de atenção numa próxima oportunidade, como os conflitos familiares, o misticismo das ruas, a perseguição de professores... A dinâmica do xarpi carioca implica a constante revisão de conceitos e de análises, sem se prender a noções pré-concebidas. O graffiti é um exemplo disso. Sua relação com a mídia e sociedade no decorrer das últimas décadas ensina que, quando não é possível lutar contra, opta-se por uma aproximação, com direito a tapas nas costas e sorrisos largos. O graffiti era transgressor. Hoje é visto como solução para a criminalidade de jovens.

No livro “Vida de Barro Duro”, Valenzuela Arce trabalha pichação e grafite como sinônimos. Canevacci em “Cidades Polifônicas” também não faz distinção. A Lei de Crimes Ambientais idem. Mas os dois tipos de intervenção urbana passam longe de ser a mesma coisa. “Uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra” (GITAHY, 1999, 19). São linguagens distintas, mas a raiz é a mesma: o ato de intervir na cidade é um ato de transgressão (RAMOS, 2008, 43).

Nos anos 70 e 80, Carlos Matuck, Alex Vallauri e Waldemar Zaidler, três célebres grafiteiros, andavam pelas ruas paulistanas à procura de fachadas de lojas e muros que pudessem receber novo tratamento estético. Era um trabalho que começava nos ateliês, com a produção de esboços e máscaras de desenho, herança da pop arte, e se completava apenas de madrugada, quando os três retornavam ao suporte escolhido para lhe dar um novo visual. Naquela época, como em nenhuma outra, o graffiti carregava consigo as marcas da subversão, da espontaneidade, da gratuidade, da efemeridade, da denúncia social, política e econômica. Era uma ode à democratização da arte, de uma arte menos burocrática, elitista, fechada em museus (GITAHY, 1999, 17-18):

Essa manifestação, que começa a surgir no Brasil já nos anos 50, com a introdução do spray, segue pelos 60, passa pelos 70 e se consagra como linguagem artística nos anos 80, conquistando seu espaço na mídia, chegando à Bienal, a manchetes de jornais e até novelas de TV (GITAHY, 1999,16)

Pichadores e grafiteiros, na década de 80, tinham uma vida ingrata e punitiva. Perseguidos pela polícia, maltratados pelos moradores, rotulados pela mídia. Saíam às noites para aproveitar as ruas vazias e, assim, trabalharem tranquilos. Em 1988, um grupo de onze grafiteiros, entre eles Rui Amaral e Maurício Villaça, foi preso por grafitar um túnel de São Paulo. Foram “indiciados e incluídos no artigo 163, por danos ao patrimônio público, tendo como vítima a comunidade. Como criminosos, foram fichados e autuados, seus materiais de pintura foram apreendidos e só saíram sob fiança” (ibidem, 35). Hoje, o grafiteiro, com raras exceções, é contratado para pintar fachadas, muros e portões. A polícia não incomoda tanto. A mídia lhe abre espaços. As prefeituras criam projetos sociais, incentivam o seu ensinamento nas escolas. E o grafiteiro quase sempre se ofende quando confundido com um pichador. Enfim, a grafiteagem “foi apropriada por parte do mercado comercial, que a integrou a diferentes produtos audiovisuais, aos desenhos de peças de vestuário (camisetas, bonés), à decoração e à publicidade comercial” (ARCE, 1999:140). Virou “arte”, aproveitou-se do espaço aberto pelos demais elementos do hip hop (MC, DJ e break) para intensificar sua aceitação nas diferentes classes, e se inseriu no design quando se transformou “em arte utilitária satisfazendo uma necessidade de mercado”, ou quando se colocou “a serviço de uma proposta com fim educacional”. (GITHAY, 1999:66). O graffiti acabou “absorvido pelo sistema que [um dia] o banuiu”:

A produção dessa linguagem [grafite] passa, assim, a ser elaborada com o apoio da prefeitura. Com data marcada, material doado, local previamente determinado e interditado os temas só podem ser coniventes com o sistema e perdem, desse modo, a oportunidade crítica das linguagens de transgressão como proposto pelo grafite/pichação (RAMOS, 2008, 62)

Enquanto isso, o pichador continua em suas sagas noturnas, recheadas de perseguição e sustos. E na hora de um perrengue costuma se aproveitar da fama de “bom moço” adquirida por aquele ³⁷. O pêndulo da pichação ora balança para o lado dos que a vêem como ritual de cultura, ora para o daqueles cujas vistas fixam-se unicamente na face do crime. A questão é polêmica até na Xarpilândia, com uns defendendo a bandeira da arte incompreendida: “Liberdade pra xarpi, é só isso que eu quero/ mas, por favor, não liguem pro 190, senão eu vou sobre [preso] e xarpi não é mecri [crime]” (Leonel, Rap do Xarpi, nº 8). Enquanto outros se mostram menos otimistas, ou mais realistas: “Pichação é crime, tem gente que fala que é arte, que é expressão, pode até ser, mas é crime, por que é um negócio imposto” (Nuno). Mas essa discussão coloca numa mesa cirúrgica aquela que

³⁷ Há casos de aproximação entre pichadores e grafiteiros. Os grupos DV, Destruidores do Visual, e TI, Traficando Informação, são ao mesmo tempo sigla e crew.

é uma das principais vísceras do xarpi: a transgressão. Sem ela, o fenômeno perde sua essência. Esfacela-se. “Pichação e graffiti (...) carregam em si a transgressão e, por isso, só existem em sociedades razoavelmente abertas – não combinam com ditadura” (GITAHY, 1999, 23). No caso do graffiti, o que se vê hoje é apenas uma sombra do passado, uma vez que, ao ingressar em sua fase comercial, “perdeu toda a força da transgressão, surpresa, anonimato” (ZAIDLER *apud* RAMOS, 2008:59).

A busca pela autonomia, assim como a transitoriedade própria da juventude, é peça importante na construção da sociabilidade juvenil (Sposito, 1993, 164). Ser autônomo, na pichação, é intervir na cidade sem pedir licença ou autorização, criando novos usos para muros, viadutos, pontes, janelas e prédios. É fazer do espaço urbano seu canal de expressão incomodando o olhar alheio. É “romper os limites do rígido e maquinal presente para resgatar tempos de liberdades (quando as paredes eram livres para quaisquer registros)” (BAITELLO JÚNIOR *in* RAMOS, 2008:10). Sob esse ponto de vista, a transgressão é o “momento do mais lícito exercício da liberdade” e “fornece indicadores do grau de autonomia dos componentes de uma sociedade” (*idem*).

Os pichadores demonstram desejo de abrir diálogo com a sociedade, acertar contas a respeito da marginalidade, apresentar o outro lado do que chamam de arte proibida:

A tônica da produção de rua – a pichação – nesta virada de milênio sem dúvida ainda não obteve a atenção necessária das autoridades, sociólogos, historiadores etc., o que é um descuido, pois, se a cidade inteira está pichada, (...) é só observar para receber esta mensagem. (GITAHY, 1999:73)

Mas a “arte proibida” não convém a museu ou às belas artes. Ela acontece na rua, apóia-se na transgressão. Sem estes elementos não é pichação, é mais um objeto cultural empastelado. Seus praticantes desejam portas abertas, escadas nos muros, olhos vendados de seguranças e policiais? Ou pedem apenas para não serem mortos ou humilhados? O pichador precisa tomar cuidado com esta aproximação. Chegará o momento de decidir entre dar as mãos ou trançá-las nas costas. E caso opte pela primeira alternativa, não haverá mais transgressão, a adrenalina deixará de correr no sangue, os obstáculos para a fama serão menores, a “Dona Morte” não será tão feia assim, os códigos poderão ser menos enigmáticos. Com permissão de Caiafa para mais uma vez usar seu termo: não haverá mais xarpi, apenas seu insólito “cadáver”.



Ilustração 20 – INTEGRAÇÃO XARPI-GRAFFITI. O grafiteiro “Acme” homenageia o pichador “Caixa”. “No mundo todo o grafite transcendeu muros e no Rio não foi diferente. Moda, artes plásticas e decoração estão sendo invadidas pela tradução estética da cultura de rua” (O Globo, 05/01/2006)

“O charpi é cultura e, às vezes, passa na TV sem querer/ geral vê em todos os lugares/ um dia ainda terá um pichador no Jô soares/ contando a verdade sobre a nossa cultura de rua” (Leonel, rap do Xarpi nº. 6)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCE, José M. Valenzuela. **Cultura popular juvenil e grafite**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de Banheiro, A Literatura Proibida**. RJ: Anima, 1986.
- BARCHI, Rodrigo. As pichações nas escolas uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária. Dissertação de Mestrado. Sorocaba, UNISO, 2006. Disponível em http://educacao.uniso.br/prod_cientifica/alunos/pdf/027/dissertacao_027.asp
- CAIAFA, Janice. **Aventura das Cidades: Ensaios e Etnografias**. RJ: FGV, 2007.
- _____. **Movimento Punk na cidade – a invasão dos bandos sub**. RJ: Jorge Zahar, 1989.
- CANEVACCI, Massimo. **Mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. RJ: DP&A, 2005.
- CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COELHO, Gustavo. **Sociabilidades extremas: o ensino da arte sob pressão**. Apresentado no Congresso Ibero-americano de Educação Artística. 2008.
- DA MATTA, Roberto. **A Casa e a Rua - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- FERREIRA, Simone. **As pichações juvenis e o Serviço Social. O que temos a dizer?** In Revista Social & Sociedade, nº. 93, março de 2008.
- FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil – os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- FREIRE FILHO, João. **Formas e normas da adolescência e da juventude na mídia**. In FREIRE FILHO, João & VAZ, Paulo. **Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular. Pulsões Políticas do Desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981
- GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HERCHSMAN, Michael. **Música jovem e violência na cultura urbana carioca: o hip hop invade a cena**. In **A Encenação dos Sentidos – mídia, cultura e política**. Compós. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970
- JANOTTI Jr., Jeder Silveira. **Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos**. In BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel; (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.
- KRUSE, Cristina Kist. **Celacanto Provoca Maremoto**. Disponível no sítio: <http://catalisando.com/goldenlist/celacanto.htm>. Acessado em Setembro de 2009.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Tribos urbanas, metáfora ou categoria?** Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 1992. Disponível em: www.aguaforte.com/antropologia/magnani1.html
- _____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Volume 17, nº 49. São Paulo, junho de 2002.
- _____. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. Revista Tempo Social. Volume 15, nº1. São Paulo, abril de 2003.
- _____. **Os circuitos dos Jovens urbanos**. Revista Tempo Social. Volume 17, nº2. São Paulo, novembro de 2005.
- _____; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.) **Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. Campinas, 2003. 224 f. Tese de Doutorado em Educação. U. Estadual de Campinas, 2003.
- MIDLEY E SILVA, Suylan. **Sociabilidade e identidade domingos de funk no “Black Bahia” do Periperi**. In **A Encenação dos Sentidos – mídia, cultura e política**. Compós. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.
- NOVAES, Regina Reyes. **Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais**. In VIANNA, Hermano. **Galeras Cariocas: territórios de conflito e encontros culturais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- PAIS, José Machado & BLASS, Leila (orgs.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades (introdução)**. São Paulo: Annablume/Capes, 2004.
- PAIVA, Vanessa. **A comunicação e a sociabilidade em espaços urbanos periféricos**. In **A Encenação dos Sentidos – mídia, cultura e política**. Compós. RJ: Diadorim, 1995.

- PEREIRA, Alexandre Barbosa. **De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo**. São Paulo, 2005. 127 f.. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. USP, 2005.
- _____. **Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais**. Revista Pontourbe. Ano 1, 2007. Disponível em <http://www.n-a-u.org/PEREIRA-a-2007.html>
- RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & cia**. São Paulo: Anna Blume, 2008.
- RUSSI-DUARTE, Pedro. **Paredes... que falam: as pichações como comunicações alternativas**. GT Comunicación y Ciudad. ALAIC 2003.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola.
- SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Disponível no sítio <http://www.scribd.com/doc/1584420/As-grandes-cidades-e-a-vida-do-espírito?autodown=pdf>. Acessado em agosto de 2008.
- SPINELLI, Luciano. **Pichação e comunicação: um código sem regra**. Disponível no sítio: http://www.artcrimes.com/faq/spinelli/pichacao_e_comunicacao_um_codigo_sem_regra.html Acessado em julho de 2008.
- SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. Tempo Social, Revista de Sociologia. USP, 1994.
- TAKEUTI, Norma. **Inconsistência simbólica e fragilidades identitárias**. Psicologia em Revista, v.8, n.12, p.32-44. Belo Horizonte, 2002.
- VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1994.
- WELLER, Wivian. **A invisibilidade feminina nas “sub”culturas juvenis**. COSTA, Márcia Regina da & SILVA, Elisabeth Murilo da (orgs). **Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana**.
- ZALUAR, Alba. **Galeras, gangues e quadrilhas: globalização, juventude e violência**. In VIANNA, Hermano. **Galeras Cariocas: territórios de conflito e encontros culturais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- PERIÓDICOS:**
- Veja Rio. Fevereiro/Março 2000. Nº. 9. Ano 10.
- BARREIRA, Solange. **Loucos por adrenalina**. Revista Época. Rio de Janeiro. Edição 31 – 21 de dezembro de 1998.
- CASTRO, Pâmela. **Do mais subterrâneo do submundo: “o xarpi carioca”**. Revista Especial Rap Brasil - Graffiti. São Paulo. Número 44. Outubro de 2008. Páginas 13-18.

CASTRO, Ruy. Para que picar, se fazer sexo é muito melhor. Crônica. Jornal Extra - Caderno Sessão Extra. Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1998. Número 28.

HELAL FILHO, William. **Do muro para telas, roupas e paredes.** O Globo - Caderno Zona Sul. Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 2006. Número 1328. Páginas 20 a 25.

MAGRELLO, Luis Ricardo. **Consumidor movido a baladas.** Revista Meio e Mídia (www.revistameioemidia.com.br/revistamm.qps/Ref/RHSR-6Q8VG3). Acesso em 12/2008

MOHERDAUI, Bel. **Por que corremos riscos.** Revista Veja. SP. Edição 1.725 (7 /11/ 2001).

WAINER, João. **Pichação é arte.** Revista Super Interessante. SP: Edição 273 (maio de 2005).

- Também foram trabalhados recortes de jornais, cuja falta de referência impede o detalhamento de data.

SITES:

www.jbonline.terra.com.br/

http://veja.abril.com.br/especiais/jovens_2003. Acessado em agosto de 2008.

http://www.fotolog.com/antigos_atuais07/ (Acessado entre maio e novembro de 2008).

<http://www.nunodv.blogspot.com/> *Páginas de Tinta (idem)

<http://www.spiner.com.br/> (Acessado em setembro de 2008).

<http://www.radiogruta.com.br/> (Acessado entre julho e novembro de 2008).

<http://www.overmundo.com.br/joaoxavi> (Acessado entre maio e novembro de 2008).

http://www.fotolog.com/playboy_fr/ (Acessado entre julho e novembro de 2008).

<http://www.fotolog.com/saby86/> (Acessado entre julho e novembro de 2008).

<http://www.fotolog.com/frasesdascidades/> (Acessado entre julho e novembro de 2008).

http://www.fotolog.com/dede_gpc/ (Acessado entre junho e novembro de 2008).

<http://www.fotolog.com/instintourbano/> (Acessado entre maio e novembro de 2008).

<http://www.fotolog.com/xarpidaantiga> (Acessado entre maio e novembro de 2008).

<http://www.fotolog.com/admiradordaarte2> (Acessado entre julho e novembro de 2008).

<http://www.flogao.com/Modulos/Flogs/MorePhotos.aspx?login=xarpiroots> (idem)

<http://www.fotolog.com/foimalvaleu> (Acessado entre setembro e novembro de 2008).

<http://www.fotolog.com/qualetio/> (Acessado entre maio e novembro de 2008).

VÍDEOS (todos disponíveis no Youtube)

Documento Especial. **Tribos Urbanas.** SBT. 1992. Apresentação de Roberto Maya.

Reportagem de Sérgio Gutemberg.

Documento Especial. **Gangues Urbanas**. Rede Manchete. 1991. Apresentação de Roberto Maya. Reportagem de Denise Franco.

Programa 24 Horas. **Selvagem Urbano**. Rede Manchete. 1996. Apr.: de Marcos Wainnberg.

Trailer de **Que o Mundo Veja – Retratos da Pichação Carioca**. De Jeferson de Oliveira (Don). 2008.

Trailer de **A penha é Relíquia e nada mudará nossa Conduta**. Da Família 5*. 2008.

* E mais dezenas de vídeos, entre clipes, reportagens e registros de ação, com as tags: pichador, pichadores, xarpi, charpi, pichação, pixação; runk, leonel

LETRAS DE MÚSICA

MC Leonel. **Raps do Xarpi números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8**.

MC Leonel. **A rua**.

Runk MC. **O Andarilho**.

MC Papo. **Eu Pichava Sim (Lembranças de Moleque)**.